

ÍNDICE

RESUMO.....	3
I – RUY CINATTI – <i>HOMO VIATOR</i>	
1. Considerações iniciais.....	5
2. A condição e a missão do poeta.....	14
3. Inquietação e errância.....	19
II – O AMIGO DO NÓMADA	
1. Considerações iniciais.....	26
2. O “nómada amigo”.....	32
3. Notas sobre a recepção de Ruy Cinatti.....	37
4. <i>O livro do nómada meu amigo</i> (1958).....	40
4.1. A viagem.....	48
4.2. O mar.....	52
4.3. A ilha.....	56
4.4. O mistério.....	59
4.5. Solidão e fraternidade.....	61
III – O ITINERÁRIO DO “NÓMADA AMIGO”	
1. O “nómada amigo” na poesia de Ruy Cinatti.....	65
1.1. <i>Corpo – Alma</i> (1994).....	67
1.2. <i>Um cancionero para Timor</i> (1995).....	69
1.3. <i>Uma sequência timorense</i> (1970).....	71
1.4. Paisagens timorenses com vultos (1974).....	73
IV – “ABRI CAMINHOS MAS NÃO OS CUMPRI” – CONCLUSÕES.....	76
BIBLIOGRAFIA.....	83
ANEXOS.....	91

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, responsáveis, em grande parte, pelo que sou e sei.

Aos meus familiares e amigos, que ao longo do tempo têm preenchido os meus dias de momentos inestimáveis.

Ao Professor Doutor Manuel Gusmão, primeiro orientador desta dissertação e à Professora Doutora Paula Morão, minha actual orientadora, ambos responsáveis por aprendizagens que guardarei para a vida.

À Professora Doutora Cristina Almeida Ribeiro, pela atenção prestada aquando do recomeço deste trabalho.

RESUMO

Num poema de *Transporte no tempo*, Ruy Belo referiu-se aos seus compatriotas como “peregrinos e hóspedes em outras terras”, aplicando a expressão à condição errante dos portugueses. Consideremo-la igualmente relevante para ilustrar a condição do poeta e da poesia e teremos então justificada a pertinência de dedicarmos um estudo a Ruy Cinatti, em particular, e à poesia como território nómada, em geral.

Em relação ao autor de *O livro do nómada meu amigo*, é unânime a inscrição do seu labor poético sob o signo da errância, da inquietação (exterior e interior) e da busca (de si e dos outros), quase sempre tendo como pano de fundo as ilhas atlânticas ou índicas e como protagonista o “nómada amigo”, instância enunciativa proteica, que vai ganhando individualidade ao longo do itinerário poético de Cinatti. Por se nos abrir como um notável palimpsesto de tradições históricas, culturais e poéticas, por marcar um ponto de viragem crucial no itinerário poético do seu autor e por Timor nunca mais ter perdido estatuto de matéria poética, este livro afigura-se-nos merecedor do olhar atento que lhe dedicaremos.

Tomá-lo-emos igualmente, por isso, como ponto de partida para algumas considerações em relação à poesia como forma de nomadismo, partilhando com Ruy Cinatti uma certa concepção de poesia, ou seja, entendendo-a como território de encontro e de convívio de tradições, influências, tendências e autores.

Palavras-chave: Ruy Cinatti; Timor; *O livro do nómada meu amigo*; nomadismo; nómada; poesia.

ABSTRACT

In a poem of *Transporte no tempo*, Ruy Belo named his compatriots as “pilgrims and guests in foreign lands”, referring to the wandering condition of the portuguese. Let us consider it relevant to demonstrate the essence of both poet and poetry and it will be possible to justify the importance of dedicating a dissertation to Ruy Cinatti, in particular, and to poetry as a nomadic territory, in general.

Concerning the author of *O livro do nómada meu amigo* (1958), it is consensual to place his poetry under the sign of nomadism, inner and outer restlessness and the quest, both for the self and for the others, with the atlantic or indian islands as scenery and the “nómada amigo” as main character, volatile poetic voice that acquires a stronger individuality along Cinatti’s poetic itinerary. As it opens itself to the reader as remarkable palimpsest of historic, cultural and poetic traditions, as it establishes a crucial turning point in the poetry of its author and because Timor never ceased to be taken as poetic mater, this book deserves the close analyses we are about to dedicate it.

It will also be regarded as a starting point to some considerations concerning poetry as nomadism, learning from Ruy Cinatti an idea of poetry as meeting point of traditions, influences, tendencies and authors.

Keywords: Ruy Cinatti; Timor; *O livro do nómada meu amigo*; nomadismo; nomad; poetry.

I

RUY CINATTI – *HOMO VIATOR*

A poesia é a autobiografia do poeta ou do nómada em escala de partida: o seu cântico.

Ruy Cinatti

Com ele, de quem fui amigo, concordei que a poesia é uma arte de ninguém. Que se procura, se revela, e a seguir nos deixa para nunca mais. É uma arte de nómadas, meu amigo, assim você.

Joaquim Manuel Magalhães

1. Considerações iniciais

Parece-nos relativamente pacífica a ideia de que a poesia, tal como tem sido produzida e lida, surge como um complexo poliedro, com tantas faces quantas as que lhe quisermos reconhecer. Esta forma de arte já foi meio para chegar a muitos fins e, estando sujeita como o próprio homem ao tempo, as histórias de ambos confundem-se ao ponto de a expressão poética chegar mesmo a ser entendida como a melhor forma de dizer a condição do seu próprio criador, este, igualmente, entidade multifacetada.

Parece válido sistematizar alguns aspectos relevantes para o presente estudo sobre Ruy Cinatti, no que diz respeito à associação possível entre modo de vida e expressão artística. Desde tempos imemoriais, a relação do homem com a poesia – considerando-se as mais variadas formas que tomou – terá frequentemente partido da condição de nómadas dos nossos antepassados. Não se trata de, com os exemplos que se seguem, aprofundarmos algo em relação à sua intencionalidade estética, mas sim de pensarmos neles como forma de chegar a ela.

Poderemos, assim, por exemplo, aludir ao carácter nómada dos povos primitivos, que nos legaram as pinturas rupestres que ainda hoje cobrem inúmeras cavernas que serviram de refúgio aos grupos recolectores e que sugerem a celebração de cerimónias. Segundo sugerem autores como T. S. Eliot (1997: 54) ou Northrop Frye (1964, “The reason for metaphor”: 38-40), por exemplo, será plausível acrescentar-lhes a música, o canto e, de alguma forma, a narração desses episódios de contornos épicos,

manifestações artísticas próximas da poesia. Não será igualmente descabida a referência às figuras bíblicas associadas à errância, embora convenha salientar que não será rigoroso apelidá-los de nómadas, mas sim realçar o carácter de missão de que se reveste essa errância. Poderemos referir-nos a Moisés, Cristo e até aos movimentos dos povos hebraicos, como o êxodo (“saída”, “passagem”), em direcção à Terra Prometida, o exílio e o regresso do mesmo, bem como a ideia de que se a meta da nossa peregrinação é a Jerusalém celeste, morada de Cristo ressurrecto, então Cristo e o próprio cristianismo, enquanto doutrina, serão o “caminho” (*Bíblia sagrada*, 1976: 1669). Além destas, poderemos ainda evocar os apóstolos Pedro e Paulo¹, bem como S. Francisco de Assis, figuras associadas à peregrinação. São de reter estas figuras e episódios, bem como as simbologias associadas a eles, se vamos trabalhar um poeta como Ruy Cinatti, que chamou a si, embora a outro nível, a missão de dar a conhecer Timor, o que norteou uma larga parte da sua produção poética, como adiante veremos.

Alimentando a ideia do poeta viajante, Cícero, no seu *Pro Archia* (1999), refere-se ao facto de algumas cidades da antiga Grécia entrarem em litígio, reclamando para si o estatuto de terra natal de Homero², poeta que as percorreu, recolhendo narrações mitológicas que constituíam parte do substrato cultural helénico e que viriam a servir de base a duas das grandes obras da literatura ocidental às quais poucos gregos não foram buscar exemplos de conduta e ensinamentos (cf. Pereira, 1988: 133-138). Na baixa Idade Média, os trovadores não só acompanhavam as peregrinações aos lugares santos, utilizando a música e o canto, acompanhado já de belas composições poéticas para entreter os romeiros, como viajavam de cidade em cidade, procurando sobreviver à custa da arte que cultivavam, deleitando nobres e populares e contribuindo para enraizar o gosto pela poesia.

Mais próximo de nós, autores como Rilke, Baudelaire, Rimbaud, deixaram marcas inequívocas da errância que consideraram inerente ao poeta e à poesia. A modernidade³ poética, perseguindo um ideal de liberdade que a Revolução Francesa

¹ Na introdução aos “Actos dos Apóstolos”, na edição da *Bíblia Sagrada* consultada, pode ler-se: “Ambos os livros estão construídos em forma de “livro de viagens” (p. 1435), o que se percebe claramente pela enumeração das cidades por onde Pedro e Paulo passaram no cumprimento da sua missão apostólica. (cf. “Os Actos dos Apóstolos”, p. 1669).

² Em relação a Homero, na entrada “Aveugle” do *Dictionnaire des symboles*, pode ler-se: “C’est sans doute en raison des sculptures, qui représentent un Homère aveugle, que la tradition fait de l’aveugle un symbole du poète itinérant, du rhapsode, du barde, du trouvère et du troubadour” (1982: 88).

³ Recorremos aqui ao termo “modernidade”, aplicando-o em “sentido restrito, ou seja, “a modernidade designa um período bastante bem definido que se inicia por meados do século XIX (*Leaves of Grass* de Walt Whitman, 1855; *Les Fleurs du Mal* de Baudelaire, 1857)” (Cruz, 2008: 41).

ajudou a implementar, pulverizou dogmas e autoritarismos através das sucessivas vanguardas de que se alimentou. Não é de estranhar, por isso, na medida em que a modernidade artística tem coexistido com alguns dos maiores desafios políticos e sociais que a humanidade já colocou a si própria, que os espíritos nómadas tenham proliferado e que, num mundo em perigo constante de desagregação, o “problema da habitação”⁴ ou fixação da mesma surja como central.

O nomadismo como temática, extensível, assim, à criação poética, e entendido como material artístico, pode dar azo a inúmeras derivações; daí que um ponto de partida cauteloso seja a reflexão acerca da especificidade da linguagem ou da palavra poética para entendermos o poder que pode assumir, ao longo deste nosso trabalho, a metaforização do termo. Manuel Gusmão assinala: “Para alguns de nós a poesia tem muitas moradas⁵; ou nenhuma que lhe seja própria, pois seria nómada; ou o problema seria ainda outro – haveria poetas e poemas mas não haveria, como um sol imóvel, a poesia” (2010: 14). Atente-se no emprego do modo condicional: “seria” não aponta para o “é”, pelo que poderemos depreender que para o crítico e poeta não seja taxativo o carácter nómada da poesia. Apesar disso, remete para um “caminho” aberto na língua a que o poeta recorre como matéria-prima, aponta as “pegadas” deixadas “numa vereda inúmeras vezes percorrida por outros” (*idem*). Num outro artigo da mesma colectânea de Manuel Gusmão, pode ler-se:

O poema é alguém ou um fragmento de uma conversa humana entre gente que não sabe bem como viver. E, contudo, a poesia são formas de vida imaginárias e imaginantes, não o eco, o feito ou o efeito de uma biografia mas as marcas de um caminhar que já lá não está, mas passou por ali, ao encontro do encontro (*ibidem*, 148-149).

Por sua vez, Helena Buescu aponta: “A modernidade que aqui interessa é a que corresponde a um período que se abre sensivelmente em meados do século XVIII e que podemos considerar prolongar-se, sob transformações que não o afectam substancialmente, até hoje”. (2008: 468). Obviamente, teremos em conta alguns pressupostos que cabem dentro do “sentido lato” (Cruz, 2008: 41) do termo: “novidade, renovação formal, experimentação linguística” (*ibidem*: 43).

⁴ A expressão, da autoria de Ruy Belo, é o título da sua segunda colectânea de poesia (1962). Convocamo-la aqui pelo que encerra de ontológico e pela relação possível entre os termos “habitação” e “nomadismo”. Em 1968, na colectânea *O tédio recompensado*, da autoria de Ruy Cinatti, surge um poema intitulado “O problema da habitação” (*Obra poética*, 1992: 215). Por sua vez, Paula Morão, no artigo intitulado “Ruy Belo – ‘Não há tempo ou lugar onde habitar’” (2011: 457-474), retoma esta mesma expressão, referindo-se ao nomadismo como um “dos problemas da habitação”, decorrente da dedicatória da obra a Cinatti. Mário Santiago de Carvalho intitula a sua colectânea de “estudos de (História da) Filosofia” (2002) *O problema da habitação*, aplicando a expressão à revisitação e permanência, mais ou menos longa nas várias moradas, tema glosado a partir da expressão bíblica “Na casa de Meu Pai há muitas moradas” (Jo. 14, 2).

⁵ Recordemos ainda, na sequência da citação anterior, as sete “Moradas”, de *Castillo interior* (1577), da autoria de Stª Teresa de Ávila, as palavras de Ruy Belo que, ao referir-se à poesia contemporânea, afirma ser algo “onde afinal há muitas moradas, tal como no reino dos céus” (1996: 27) ou ainda, de António Franco Alexandre, a colectânea de poemas *As moradas I e II*, para reforçar a expressividade de ambos os termos – “habitação” e “morada”.

O crítico responde assim à observação de William Blake, que, através de Los, no seu longo poema “Jerusalem – The emanation of the Giant Albion” (1988, vv.20, 21:153) afirmou sentir a necessidade de criar um sistema seu ao invés de se deixar “escravizar” pelos de outros. Ainda, sob a tutela de T.S. Eliot (1997: 22 e 23), que afinal concluiu que é impossível criar um sistema próprio sem primeiro se deixar “escravizar” por outro. Posto isto, os poetas dos nossos tempos assumem-se como herdeiros de várias tradições⁶ poéticas, daí que seja quase imperioso o esforço de um posicionamento crítico face às mesmas. Perante elas, não só a procura como também a determinação de um lugar para habitar, esteticamente falando, afiguram-se tarefas hercúleas. Da mesma forma que não será cómodo para um poeta trabalhar exclusivamente sobre a tradição, também não o deve ser garantir a originalidade. No fundo, deverá procurar-se um ponto de equilíbrio, algo que poetas como Pessoa, Régio, Torga, Sophia, Cinatti, Ruy Belo e muitos outros fizeram.

Em *O problema da habitação*, obra de cariz filosófico, no capítulo intitulado “Outras Moradas”, Mário Santiago de Carvalho escreve:

Tempos e espaços houve (também ainda haverá na era da domótica?) em que a habitação como problema nascia da deslocação, do nomadismo, da situação precária do viajante, daquele que se sabe *in uia*, ser histórico cujo horizonte, na procura de uma morada, lugar onde ficar, não esquece o oriente da luz e das canções originais (Carvalho, 2002: 9).

Embora aplicadas à filosofia, estas observações ser-nos-ão muito úteis, na medida em que convocam alguns dos problemas que abordaremos ao longo desta dissertação. Um dos aspectos que cumpre, por agora, realçar é que noutros campos do saber também se verifica esta necessidade de encontrar moradas, casas onde habitar, o que significa que a metáfora é sugestiva. E este exercício ajuda, não a catalogá-los, mas, acima de tudo, quer se fale de filósofos ou de poetas, a posicioná-los no espaço e no tempo, que é o mesmo que dizer na História. Seja em que circunstância for, o viajante que encontra domicílio não deverá esquecer de onde vem, pelo que, obviamente, a atenção a prestar a esta origem, até em termos de manutenção da identidade, aplica-se a todos: grupos nómadas do passado, cidadãos migrantes modernos, filósofos e poetas contemporâneos, para nomearmos alguns.

Lévinas, citado pelo autor da obra acima mencionada, observa outro aspecto interessante, dizendo que a “casa escolhida é exactamente o contrário de uma raiz.

⁶ O termo “tradições” é aqui aplicado na sequência do que Manuel Gusmão aponta no artigo “Da condição paradoxal da poesia” que, na esteira de Harold Bloom, defende não haver “tradição”, mas sim “muitas tradições” (2010: 138).

Indica um desprendimento, uma vagabundagem que a tornou possível” (Carvalho, 2002: 9), assumindo desta forma a condição errante do ser humano. O presente estudo vai igualmente abordar esta vagabundagem: será este um dos atributos da condição do poeta? Será ela um dos modos de estar que moldam o poeta da modernidade? Se pensarmos um pouco na questão, veremos que não estará muito distante daquilo que poderemos reconhecer num outro cidadão consciente, curioso e interessado no mundo que o rodeia.

Inquietação e poesia andaram não raras vezes de mãos dadas, aliás, continuam a fazê-lo, como o atestam aqueles que defendem que a filosofia e a poesia têm muito a aprender uma com a outra. Vitorino Nemésio, por exemplo, no seu prefácio intitulado “Da poesia” (Nemésio, 1961: 7-15), deixa observações muito interessantes a partir do impacto que a filosofia da existência deixou nas artes literárias ao longo das décadas de 30 e 40 do século XX. Recuando à questão que apelida de “pergunta fundamental” - “Porque é em geral o ente e não antes o Nada?” (*ibidem*: 9) - formulada por Heidegger, o poeta açoriano acaba por delinear duas das mais importantes “atitudes” do poeta moderno:

Da disjunção – Ser ou Nada – o poeta moderno ora acentua o primeiro termo, propondo o Eu como medida da realidade e retirando-o da operação com um sentimento radical de ferida e de frustração (atitude romântica típica), ora enfrenta o segundo abismando-se nele como o suposto que lhe resta da ávida demanda do primeiro e tentando preenchê-lo ou penetrá-lo da própria persistência de quem entre os dois se jogou (*idem*).

Em relação à primeira “atitude”, podemos dizer que contribuiu para a permanência, entre os nossos poetas do segundo quartel do século XX, de muitos dos motivos que povoavam a *poiesis* romântica, verificáveis também em Ruy Cinatti, como veremos. Estes traduziram-se num posicionamento crítico relativamente ao real que deu origem à poetização das mais variadas inquietações ontológicas. A segunda, de contornos mais complexos, trouxe à poesia alguns dos seus grandes tópicos, nomeadamente: tempo, solidão, morte, existência, Deus, cujo papel seria, *lato sensu*, o de definir os contornos desse “nada”. Estes tópicos, por sinal pouco pacíficos, acabaram por se ver desdobrados em múltiplas variantes que afinal são tentativas muito sérias de os clarificar: peregrinação, viagem, religiosidade, espiritualidade, casa, morada, interior, exterior, dúvida, certeza.

Assim sendo, um dos nossos pontos de reflexão poderia muito bem ser retirado das palavras de Lévinas ao afirmar:

Ce qui est pris dans l'engrenage incompréhensible de l'ordre universel, ce n'est plus l'individu qui ne s'appartient pas encore, mais une personne autonome qui, sur le terrain solide qu'elle a conquis, se sent, dans tous les sens du terme, mobilisable (1982: 94).

Isto implica a autonomia do homem face a Deus, traduzível numa atitude de busca e construção, pelo que um outro aspecto importante terá precisamente a ver com a análise deste percurso; veremos, pois, de que forma é que um itinerário poético poderá dar resposta a diversas formas de inquietação. Paradoxalmente, este ser autónomo a que Lévinas se refere, apesar de assentar em terreno sólido, é também o ser mobilizável, o nómada desenraizado, desajustado, em constante demanda, permanentemente assaltado pelo impulso da evasão, que Lévinas afirma ser um “mal du siècle” (*idem.*), segue diversos caminhos para atingir um objectivo – a procura de um possível local de acolhimento, de repouso. Numa outra acepção interessante, o termo “mobilizável”, pode também aplicar-se ao ser que é impelido a agir, a tomar posições, o que, de algum modo, nos é útil se entendermos o poeta como ser comprometido com o mundo e com os outros, como o foi o poeta que aqui trabalhamos. No mesmo sentido vai Maria João Borges quando se refere ao “estético inseparável do ético” (1993:115).

A atestar a complexidade de ambos os temas – poesia e ser humano – temos a abundante bibliografia a eles dedicadas, mas tudo se passa como se assistíssemos a uma serpente a perseguir a própria cauda; os poetas debatem-se na tentativa de explicar e definir o que eles próprios criaram, como se disso dependesse o sentido da sua existência. Tentam chegar ao âmago de algo que, apesar de inatingível, os impele a correr incessantemente, numa atitude que talvez ganhe sentido analisar se pensarmos que, tal como Mallarmé cria na redacção de um livro que compreendesse a totalidade do mundo - “tout, au monde, existe pour aboutir à un livre”⁷ -, também alguns poetas crêem que a definição mais completa será a síntese das avançadas até agora (Carlos Queirós, 1941: 4). Não é do conceito de poesia que aqui se vai tratar, mas sim de uma das suas faces: entendê-la-emos como uma forma de nomadismo e reflectiremos sobre este como uma forma de habitação. Implicará este percurso o desdobramento da expressão Casa da Poesia e falar, talvez, de uma Cidade da Poesia, local onde coexistem inúmeras casas poéticas.

⁷ Stéphane Mallarmé, “Le livre, instrument spirituel”, *Poésies et autres textes*, nouvelle édition établie, préfacée et annotée par Daniel Leuwers, Paris, Librairie Générale Française, 1998, p. 211.

Em relação a esta forma de expressão artística, vistas as coisas como acima o fizemos, diz Octavio Paz que não existe nada mais “huidizo e indefinible que lo poético” (1956: 11). Aliás, uma das mais belas tentativas de definição, pensamos, nasceu precisamente da pena deste poeta mexicano. Nesta tentativa, figuram aspectos que ao longo da presente dissertação, ou serão alvo de simples referência ou de reflexão mais apurada. Afirmo o poeta mexicano que:

la poesía es conocimiento [...] ejercicio espiritual, es un método de liberación interior. La poesía revela este mundo; crea outro. [...] Aísla; une. Invitación al viaje; regreso a la tierra natal [...] el hombre adquiere al fin conciencia de ser algo más que tránsito. [...] Voz del Pueblo, lengua de los escogidos, palabra del solitario [...] ¡prueba hermosa de la superflua grandeza de toda obra humana (*ibidem*: 13).

Ruy Cinatti, construtor da casa poética que vamos assumir como base do nosso trabalho, não permaneceu alheio ao que acima transcrevemos; curiosamente, chegou à poesia vindo de outras áreas do saber, o que, segundo José Blanc de Portugal (1986: 21-22), foi determinante para cimentar uma determinada forma de “olhar” as coisas e o mundo. Aliando esta circunstância a uma personalidade marcada pela inquietação e a uma aguda sensibilidade poética, veremos como tudo se viria a materializar através do discurso poético.

Assim, a presente dissertação será composta por um primeiro capítulo em que procuraremos enquadrar a temática escolhida, associá-la, de certa forma, à personalidade e à obra de Ruy Cinatti, de forma a construir, dentro do possível, um retrato do poeta que ajude a perceber como lhe foram caras a figura do nómada, a temática da “amizade ausente”⁸ (*Obra poética*⁹, 1992: 653) e que consequências estas tiveram na sua produção poética.

Ao longo do segundo capítulo da dissertação, analisaremos *O livro do nómada meu amigo*¹⁰ tendo em conta a respectiva organização, as temáticas, o tom épico, o sentido de missão e de entrega a uma causa e, obviamente, o próprio discurso poético.

⁸ A expressão transcrita é retirada de *Manhã imensa* (1984), e encabeça um texto que o poeta intitulou “Excerto de uma carta-meditação para uma amizade ausente na qual se insere o poema que lhe deu motivo “*Mon coeur mis a nu*”. Este texto não só reitera o tema da figura ausente embora presente, como também demonstra a ligação de Cinatti a Baudelaire e o tom confessional, que tão próprio é da poesia do autor de *O livro do nómada meu amigo*.

⁹ Em ocorrências posteriores, referir-nos-emos à edição citada, recorrendo à sigla *OP*.

¹⁰ Foram consultadas as três edições publicadas pela Guimarães Editores: a 1ª, de 1958, a 2ª, de 1966, corrigida e a 3ª, de 1981. Foram ainda consultados alguns periódicos onde, em data anterior a 1958, Cinatti foi publicando poemas que viriam a fazer parte da colectânea. Referimo-nos aos que vieram a lume em 1951, nos *Cadernos de poesia* (“Vigília”, “Natal”, “Movimento” e “Metamorfose”), ao conjunto de poemas agrupados sob o título “*Sunt lacrimae rerum...*”, que viriam a constituir a IV parte de *O livro do nómada meu amigo*, publicados no n.º 4 do periódico *Cidade nova* (1956), e ainda aos poemas “I”, “II”, “Second spring”, revelados em 11.12.1955 no jornal *Notícias de Macau*. No volume, estes poemas foram reescritos.

Entendê-lo-emos como uma obra de viragem no conjunto da poesia de Ruy Cinatti, assinalando os pontos de ruptura e de continuidade em relação às duas publicações anteriores.

Num terceiro capítulo, visto no segundo tentarmos estabelecer a relevância da figura do “nómada amigo” na obra do autor, ocupar-nos-emos de *Corpo – Alma* (1994), *Um cancionero para Timor* (1996), ambas póstumas e de *Uma sequência timorense* (1970) e *Paisagens timorenses com vultos* (1974), que se nos afiguram como textos de referência para o que aqui procuramos debater. Demonstraremos a partir delas o itinerário da figura do “nómada amigo”, que não surge do nada na publicação de 1958 e, de igual modo, não desaparece depois dela.

No capítulo final, depois de trabalhada a figura do nómada e o papel de relevo que ocupa, teceremos algumas considerações sobre poesia e nomadismo, numa síntese em que se pretende, simultaneamente, tirar conclusões das obras e dos versos lidos e apontar outras pistas de trabalho, que ficam em aberto.

Pretendemos, desta forma, acrescentar algo ao que Peter Stilwell, Joana Matos Frias, Maria João Borges ou Margarida Ribeiro já haviam feito. Autores de preciosos contributos para o conhecimento da pessoa e da obra de Cinatti, estes tomaram como fulcro das suas teses, respectivamente, a condição humana, a relevância do olhar e da imagem, o conceito de poesia pura e a poesia como materialização da “passagem”, pelo que tomaram como referência a produção cinattiana no seu todo. Apesar disso, não nos furtaremos a sair do nosso fulcro de análise, constituído pelas obras acima referidas se isso for fundamental para demonstrar o que formos trabalhando.

Interessantes, embora a outro nível, são os testemunhos que os contemporâneos de Cinatti foram legando¹¹, nos quais podemos confirmar a personalidade inquieta e ausente do poeta, a riquíssima cultura geral de que era dono, a paixão pelas ilhas e pelo ar livre, que o fizeram correr o país de norte a sul e, como não poderia deixar de ser, as viagens pelo mundo, de que devemos destacar as três passagens por Timor. Na sequência do que antes foi dito, “Da arte de andar” (*Jornal da mocidade portuguesa*, 1939: 7-8) surge como uma referência importante para entendermos na sua obra os

¹¹ Cf. Ruben A. *O mundo à minha procura II*, em que o autor se refere uma ou duas vezes a Ruy Cinatti no plural – “Li Rimbaud, arauto dos Cinattis” (2007: 172), como se houvesse outro, o que poderá ter a ver com a figura do “nómada amigo” e com as restantes que, segundo Stilwell, Cinatti foi criando (cf. p. 33 da presente dissertação). As passagens em que o autor se refere a Ruy Cinatti são várias e algumas são relevantes para entendê-lo; VV, dossiê dedicado a Ruy Cinatti, no *JL* em 20.10.1986; *A condição humana em Ruy Cinatti*, inestimável contributo de Peter Stilwell pela grande quantidade de passagens retiradas dos diários pessoais e da correspondência do poeta.

efeitos de vectores como a ânsia de liberdade, a fraternidade e o descobrimento. “Sem amizade um homem não se salva” (*ibidem*: 7), afirma Cinatti, pesando, de um lado, a “vida com os outros homens, na cidade” e, por outro, o “lugar desconhecido”, de onde brota a “vida plena e saudável”. Linhas abaixo, o autor deixa-nos ainda um pequeno mas relevante apontamento que, mais tarde, viria a colocar em prática nas suas estadias em Timor, como adiante veremos. Visto que o texto é uma exortação à vida ao ar livre, os destinatários deverão seguir caminho e olhar em volta¹², “até que a aventura e o descobrimento da natureza ceda lugar ao descobrimento da [...] missão” (*ibidem*: 8).

Guilherme de Castilho, autor, a nosso ver, de um dos mais sugestivos testemunhos para conseguirmos perceber o grau de inquietação e de ausência que assolava Cinatti, escreve:

O que nele mais me surpreendeu – era a primeira vez que o via – foi a sua maneira insólita de “estar sentado”, ou melhor, de “não estar sentado” porque a sua atitude dir-se-ia a de alguém a quem obrigaram a uma postura que lhe não é natural e faz todos os esforços por dela se libertar. Um fluxo nervoso, quase visível, percorria-lhe o corpo, dos pés à cabeça, dando-lhe uma agitação permanente [...] Levantar-se, erguer-se da cadeira onde estava, parecia que devia ser o resultado natural daquele jogo de forças centrífugas que interiormente o impeliam.

Mas não; não se levantou: continuou a “estar”, “sem estar”, sempre preso da mesma inquietação. Na sua fisionomia estampava-se idêntico desassossego: o desassossego de um estar provisório, de quem espera, iminente, ali mesmo, naquele momento e naquele lugar, um acontecimento qualquer extraordinário – sei lá! (1994: 21)

Esta atitude de “estar” “sem estar”, resultado da ausência ou alheamento próprios de quem antevê, como sugere Alain Fournier usada na bela epígrafe de *Nós não somos deste mundo*¹³ (OP, 1992: 33¹⁴) a paisagem do seu paraíso, provavelmente não a encontraremos nos retratos traçados de todos os poetas. Porém, o que nos interessa reter é que essa atitude tinha a ver com este poeta. Talvez este desassossego advenha, então, de algo que António Seabra, citado por Stilwell, aponta a Cinatti e que serve para estabelecermos a relação entre a inquietação e a poesia: “Ruy Cinatti era fundamentalmente poeta. [...] Tinha [...] uma perspicácia inata para descobrir e revelar a poesia presente ou oculta, na paisagem, na aventura, na música e nas pessoas [...]” (Stilwell, 1995: 55).

¹² Há que remeter para a abordagem que Joana Matos Frias, em dissertação de Doutoramento, intitulada a *Retórica da imagem e poética imagista na poesia de Ruy Cinatti*, apresentada à Universidade do Porto, em 2006. Além de colocar Cinatti sob a tutela de Pound e da poesia imagista, encontramos nela um precioso contributo para entendermos mais aprofundadamente a importância do olhar e da paisagem na poesia do autor de *Nós não somos deste mundo*.

¹³ “Derrière Chaque Paysage, /Je sens le Paysage de Mon Paradis” (caixas altas do original).

¹⁴ Salvo indicação em contrário, a paginação indicada tem como referência a edição *Obra poética*, org. de Fernando Pinto do Amaral, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, Lisboa, 1992.

Traçado assim, embora de forma breve, o perfil do homem, naturalmente inquieto, assolado pelo êxtase da partida e da aventura, e em quem esta inquietação, para usar os termos de Fernando Pessoa, resultou “em silêncio e poesia” (“Carta a Adolfo Casais Monteiro” – 13.01.1935, 2007: 420), o que nos leva a considerá-lo poeta, vejamos agora o perfil deste, em que moldes esta sua actividade se processou e de que modo a encarava. Fernando Guimarães escreveu sobre o poeta as seguintes palavras, que nos serão úteis para situar Cinatti no panorama poético português, mas também para avançar aspectos que vamos poder confirmar mais adiante, aquando de uma análise assente no texto:

Com efeito, se considerarmos os dois livros – *Nós não somos deste mundo e Anoitecendo, a vida recomeça* – que Ruy Cinatti publica também no início dos anos 40, facilmente reconhecemos que ele pertence à família daqueles poetas que, embora não sejam de maneira nenhuma alheios à experiência próxima do Modernismo, estão perto de uma sensibilidade romântica, a qual, no entanto, tende a tornar-se extremamente depurada, contida, empenhada naquele equilíbrio ideal que é possível existir entre uma imaginação que se torna expressiva e o rigor de uma linguagem que é ou deve ser considerada como a própria substância do poema (Guimarães, 1985: 55).

2. A condição e a missão do poeta

Reflectir acerca da condição do poeta implica, necessariamente, reflectir acerca da condição do próprio homem ou até mesmo, se quisermos, da própria poesia. Tudo se processa como se esta ganhasse um estatuto de autonomia de que nem o próprio poeta beneficia, como se, personificada, beneficiasse de um território próprio, livre daquele que lhe deu voz.

Em “Ruy Cinatti e a condição humana”, de forma particularmente esclarecedora para quem pretende abordar a actividade lírica dos anos 40 e 50 do século XX, Jorge Fazenda Lourenço (1998: 278-282) toma como referência um pequeno grupo de poetas – José Blanc de Portugal, Ruy Cinatti, Jorge de Sena e Sophia de Mello Breyner Andresen – para demonstrar a mudança de posição relativamente aos períodos anteriores em que a poesia, programática ou panfletária, estaria colada a ditames de escola e, por isso, esteticamente condicionada. Pretendia então este grupo, além da afirmação da autonomia da poesia que, cumulativamente, o poeta não se alheasse do tempo ou das circunstâncias em que se movia ou não deixasse de manifestar as suas posições políticas e sociais. Parece-nos relevante, assim, marcar este duplo interesse por parte do grupo acima mencionado, como factor determinante nas poéticas de alguns

autores posteriores, nomeadamente nas dos que emergiram no início da década de 60. Ruy Belo, leitor atento de Cinatti, Sena e Sophia, é um exemplo disto.

No mesmo artigo, Fazenda Lourenço aponta ainda cinco aspectos que norteavam o espírito poético deste grupo: “a incorporação da herança do modernismo”, que ainda assim se tentava ultrapassar, visto que, salutarmente, estes poetas não concebiam a recepção da herança sem haver, de algum modo, inovação; “o sentido da itinerância, da poesia como palavra errante, viagem e aventura de conhecimento”; “a atenção da poesia às circunstâncias imediatas do quotidiano”, indissociando o “estético” do “vivido existencial”; “um sentido testemunhal da poesia, ditado por um imperativo de justiça”, convocando para os textos “as gentes e as suas coisas” ou ainda “uma interrogação sobre o que de divino persiste na condição humana” (Lourenço, 1998: 279). Foi esta, no fundo, a herança que coube a alguns poetas que viriam a emergir como tal durante as décadas de 50 e 60 do século XX.

Centrando-se essencialmente na figura de Ruy Cinatti, Peter Stilwell já dedicou páginas suficientes ao esforço deste para decifrar o enigma da condição humana, pelo que não nos alongaremos a esse respeito. Há, no entanto, que realçar um outro aspecto avançado por Jorge Fazenda Lourenço, pela validade que lhe reconhecemos e por, de facto, complementar as conclusões de Stilwell. Trata-se do reconhecimento de que “a poesia visa transcender todos os limites que cercam e cerceiam a condição humana do poeta, mesmo que nessa condição humana se encontre inscrita uma ‘dimensão teológica’” (Stilwell, 1995: 281).

O que antes foi dito corre o risco de parecer pouco directo, porém parece-nos importante recuar ao grupo dos *Cadernos de poesia* para recuperarmos uma observação de Eduardo Lourenço: “Não goza a geração dos *Cadernos* daquela aura mítica que outros souberam criar à sua volta. Contudo, sobre tão poucas e com tão evidente força soprou o autêntico espírito da Modernidade” (2003: 177). Ainda segundo o mesmo, essa modernidade encontra as suas raízes na Cidade, a “Urbe-Megalopolis” (*ibidem*: 178) de Baudelaire, “onde os três reinos de Dante se indistinguem” (*ibidem*: 168). Radica ainda no tédio, que se pode no fundo traduzir pela tal “ausência” que define a “existência burguesa” (*ibidem*: 170) e que levou os poetas portugueses, de igual modo, manifestamente herdeiros da geração de *Orpheu*, a invocar melancolicamente um “Além”, um “oriente a oriente do oriente” (2002: 59), como tão bem Álvaro de Campos o soube exprimir no “Opiário”, em tom de “epopeia do negativo” (Lourenço, 2003: 170). Finalmente, podemos senti-la ainda na interiorização do pessoano “mistério de

existir” (*ibidem*: 172), que, alerta Eduardo Lourenço, “não é apenas o de uma particular existência confrontada com o sofrimento e o mal, mas da existência histórica inteira e nela incluída o discurso plural com que desde sempre busca compreender-se” (*idem*).

Era a este posicionamento estético da modernidade, igualmente entre nós consciente de si própria e do seu alcance, que gostaríamos de chegar para definir em que moldes faz sentido uma outra observação que podemos igualmente tomar como ponto de partida. Como bem aponta o autor de *Tempo e Poesia*, esta questão prende-se com a consciência da poesia sobre si: “Ela [a poesia], que tinha olhos para tudo quando ninguém tinha olhos para ela, só tem no presente olhos para si mesma” (*ibidem*: 58). Daí, pensamos, adveio a sacralização da poesia e do poeta.

Podemos regressar à condição do poeta, visto termos já admitido a sua sacralização por algumas das nossas “mansardas poéticas”, para nos servirmos de um termo de Eduardo Lourenço (*ibidem*: 99). No passado, o poeta foi colocado à margem do ser humano comum ou ele próprio colocou-se nessa posição, muitas vezes conquistou e outras tantas perdeu o estatuto de eleito, foi considerado voz das elites e para elites ou voz dos oprimidos e para os oprimidos. Mas há algo de que nunca conseguiu livrar-se e que é partilhado por todos, poetas ou não – a condição de mortal.

Se começarmos por atender às palavras do autor que aqui nos traz que se debruçou insistentemente sobre o tema, há que primeiro procurar fixar, embora esquematicamente, o quadro em que, em termos filosóficos, se movia. Quer no período de formação de Cinatti (anos 30 do século XX), quer durante a Guerra Fria (final dos anos 50 e início dos anos 60) a sua obra e a de outros, como Ruy Belo, evidencia as grandes preocupações ontológicas e religiosas da época. Estas foram herdadas da leitura de autores como Paul Claudel (1868 – 1955), André Gide (1869 – 1951), Jacques Maritain (1882 – 1973), Georges Bernanos (1888 – 1948), André Malraux (1901 – 1976), entre outros. A Europa encontrava-se, assim, marcada por acontecimentos que abriam caminho a posições pessimistas e a previsões cataclísmicas perfeitamente justificáveis em função dos factos.

Além disso, a atenção dedicada à tomada de consciência do absurdo da morte é complementada por outra questão fulcral enquanto matéria poética: a da ausência ou do silêncio de Deus, algo que se repercute, como veremos, na problemática da solidão.¹⁵

¹⁵ Esta parece ser uma questão epocal. A atenção que desperta no mundo das artes a problemática relação do homem com a divindade é igualmente alvo de análise pelo universo eclesiástico. Em 1958, por exemplo, Charles Moeller publicava o primeiro volume da sua obra *Literatura do Século XX e*

Mais sensíveis a estas matérias encontram-se, obviamente, os autores que mais próximos se encontravam de uma formação dominada pelo universo religioso. Parece ser esta a situação do poeta que aqui tomamos como objecto.

Partamos do geral para o particular. A prova do que aqui foi dito encontra-se facilmente na poesia do nosso autor. Em *O tédio recompensado* (1968) encontramos dois poemas, “Condição humana” (OP: 201) e “Condição poética” (*ibidem*:202), surgindo mais tarde, em *Cravo singular* (1974), um poema com o mesmo título (“Condição humana”); e em *Corpo – Alma*, obra póstuma, podemos ler o poema “Condição desumana” (1994: 71). A ideia de que ao falarmos da condição do poeta teremos, obrigatoriamente de nos referir ao homem parece ser reiterada por Cinatti ao colocar, um a seguir ao outro, os poemas “Condição humana” e “Condição poética”. No primeiro lemos: “Há caminhos abertos. Sigo-os, iluminado. Procuro chegar.” (OP: 201); e no segundo: “Enxotados pelos cães, pelo orvalho, regressamos à terra prometida.” (*ibidem*: 202). Se num é explícita a condição itinerante do sujeito, que, se parte da pena do poeta, é enunciada como algo comum ao homem, no segundo, refere a marginalização a que ambos, poeta e poesia, são votados, mas aqui já deixando de parte o ser humano comum. Esta segregação tem como consequência a fuga, a partida e a procura de um lugar de acolhimento, de repouso. A inquietação é retomada no poema já referido de *Cravo singular*, inaugurado com uma interrogação que pode dar azo a várias leituras – “Onde tombar a cabeça?”¹⁶ (*ibidem*: 466). Se o advérbio nos remete para a questão do lugar onde, o verbo pode, por sua vez, remeter para o problema da procura do leito onde repousar (a casa?). A interrogação que termina o verso deixa-nos adivinhar o percurso, a demanda, a procura como acções ainda não acabadas, talvez para sugerir que é essencial ao homem este sentimento de insatisfação que alimenta o impulso da viagem, sempre por concluir. Por outro lado, lida a passagem bíblica em contexto, fica-nos igualmente a sensação de que Jesus se referia a um ombro amigo

Cristianismo, sugestivamente intitulado *O silêncio de Deus* e em cuja introdução pode ler-se: “Períodos há em que os homens tomam mais claramente consciência da aparente ausência de Deus no mundo. Este é um deles. Tempo de apocalipse, o nosso século sufoca sob a plethora de falsos profetas” (1958: 11).

¹⁶ Este verso é citação de Lucas 9, 58 e Mateus 8, 18—22: “O Filho do Homem não tem onde reclinar a cabeça”. Há portanto um peso simbólico-mítico no verso, inscrevendo-o claramente numa tradição de muitas consequências na obra de Cinatti. O não-repouso, a solidão e a inquietação vêm (também) da glosa deste motivo. Na canção IX, Camões volta ao tema nos versos: “Não tinha parte donde se deitasse, / Nem esperança algũa onde a cabeça / Um pouco reclinasse, por descanso (1968: 291). Em *Conversa de rotina* (1973), no poema “Notícia necrológica, dedicado a Ezra Pound, surgira igualmente este tópico, aí claramente associado à morte como repouso.

onde pudesse apoiar-se para tornar menos pesada a responsabilidade que a si havia chamado, leitura que corroborará o relevo que assume o “nómada amigo” na poesia Ruy Cinatti.

Já em “Condição desumana”, além do impulso que leva a “arrastar mundo” (Cinatti, 1996: 71) aquele que “declamava,/ absorto sem medir palavras” (p. 73), o viandante é também o vidente, o anunciador. O Poeta / Anjo (des)humaniza-se, “dividido entre ser – não ser o que há-de vir” (*ibidem*: 72), motivo bíblico de grande alcance simbólico, claramente associado à ideia de Cristo como Salvador (Mt 1, 21). Aliás, esta fragmentação pressentia-se já em “Condição humana”, primeiro poema citado de *O tédio recompensado*, em que se lê: “Perco-me na vida / a ver vidros partidos na calçada. / Há, no entanto, um momento / em que o sol reflecte vidros / estilhaçado no espírito” (*ibidem*: 201).

Maria João Borges bem aponta na poesia de Cinatti o facto de que “nada do que é humano lhe é estranho” (1994: 132), asserção muito antiga na tradição (Terêncio e Montaigne, por exemplo). Além disso, a mesma observa ainda que a sua poesia “de tudo se alimenta, voraz [...] profundamente comprometida com o real (mesmo o mais circunstancial)”¹⁷ (*idem*). Por seu turno, Joana Matos Frias refere-se a Ruy Cinatti como um “poeta poroso” (2006: 309), o que remete para o contacto próximo que sempre estabeleceu com as pessoas e com as coisas. Noutra vertente, seja a espiritualização do discurso poético meramente conjuntural ou muito simplesmente de ordem pessoal, sabemos que Cinatti teve uma formação solidamente católica. Por isso, dado à reflexão sobre o papel de Deus e do homem e, quase por inerência, sobre o papel do poeta, é relevante por agora ter em conta que esta é uma matéria de peso na sua produção poética, algo claramente demonstrável a partir da análise de *O livro do nómada meu amigo*.

Em tom de conclusão, e considerando que o escopo do presente trabalho compreende, em último caso, a poesia e o poeta, poderemos terminar como começámos, evidenciando precisamente que abordar a condição do poeta implica tomar como ponto de partida a condição do homem. Significa isso que a alienação das urbes, o tédio, a

¹⁷ A este propósito, entende Ruy Belo que um poeta apenas sobreviverá ao tempo se descer “à rua” (*Transporte no tempo* (1973), 1997: 20), se lidar com “os problemas do seu tempo” (*idem*), consciente, no entanto, da sua “condição mortal” (*idem*); e neste ponto, frisemos o recurso ao verbo “descer” (*idem*), como se o poeta tivesse forçosamente de sair da sua redoma inacessível para, por osmose, dar algo ao mundo e dele receber. Por “condição” entendamos qualidade, carácter; antes da morte, cidadão do mundo, o poeta é uma figura importante para a construção de um mundo melhor, não se alheando dele nem se deixando ofuscar pelas luzes da imortalidade, que é, afinal, um paradoxo se nos referimos ao humano.

estratificação das gentes, os constrangimentos vários, em maior ou menor escala, e a consequente tentativa de conciliar tudo isto com o transcendente, poderão estar na origem de um apelo, posto ou não em prática - o da evasão. Lévinas, numa passagem esclarecedora acerca da relação entre o desejo de evasão e a condição finita do homem, reflecte precisamente sobre a raiz deste impulso de evasão:

L' évasion ne procede pas seulement du rêve du poète qui cherchera à s'évader des basses réalités; ni comme chez les romantiques des XVIIIe et XIX e siècles, du souci de rompre avec les conventions et les contraintes sociales qui fausserait ou annihilerait nôtre personnalité; elle n'est pas la recherche du merveilleux susceptible de briser l'assoupissement de nôtre existence bougeouise; elle ne consiste pas non plus à s'affranchir des servitudes dégradantes que nous impose le mécanisme aveugle de nôtre corps, car ce n'est pas seulement l'identification possible de l'homme et de la nature qui lui fait horreur (1998: 95).

Estes aspectos, que a poesia tem trabalhado ao longo de séculos, poderão corresponder ao ajuste de contas entre os poetas e o real em que se movimentam e a partir do qual trabalham. Mas o termo “profondeur” (*idem*) é aqui igualmente importante. O homem sempre empreendeu uma luta desigual com os “limites de l'être fini” (*idem*), condição com a qual nunca soube lidar, sobretudo após ver sair das suas mãos tão eloquentes testemunhos da sua capacidade criadora. Por isso Lévinas, com toda a pertinência, encara a evasão como “une recherche de refuge” (*idem*), pelo que não se trata de errar por errar, mas sim de o fazer com um propósito e destino bem definidos; por isso conclui dizendo: “Il ne s'agit pas seulement de sortir, mais aussi d'aller quelque part” (*ibidem*: 95-96).

3. Inquietação e errância

Se o acima exposto não for ainda suficiente para inscrever a poesia de Cinatti sob o signo da inquietação e da errância, poderemos ainda atentar nas palavras do próprio a partir do lúcido comentário que teceu no artigo “Não voltaremos atrás” (*Acção*, 16.10.1941: 4-5), onde não só transmite a sua visão do perfil do inquieto como reflecte ainda sobre o papel deste no mundo moderno. Considerou Cinatti, então, existirem “certos espíritos” (*ibidem*: 5) que, apesar de, tal como os restantes homens, participarem na vida social, “vão um pouco mais longe como pioneiros de um descobrimento e conquista a realizar”. Define-os como “invendáveis, os de coração puro, os inquietos, os angustiados, os desamparados”, distinguindo-os daqueles que, alheios a tudo e a todos, não entendem aquele impulso que, segundo Cinatti, é a “reacção mais nobre, mais valorativa do homem moderno – a “inquietação”. Mas o que

se nos afigura relevante neste longo e sugestivo perfil dos inquietos é a forma como o autor valoriza: a solidariedade, dado que apenas reconhece como tal aqueles que envolvem “o mundo num grande abraço de apaixonada e misericordiosa solidariedade; a acção, apontando-os como “verdadeiros chefes de fila” do seu tempo, a recusa à fixação e à aceitação da ordem estabelecida. Assim, sendo, os inquietos, tal como Cinatti os define, aproximam-se muito dos nómadas, como iremos ver a partir de alguma da sua poesia, pois ambos são os que “renunciando a si próprios se misturam e dão por um mais alto ideal” (*idem*). É de notar, na sequência do que acabámos de transcrever, que esta inquietação não poderá ser apenas associada ao impulso da partida que terá levado o poeta a percorrer outras paragens. Ela tem igualmente a ver com uma motivação de índole mais social, dado que está igualmente implícita a quebra das convenções, a sublevação, aparentemente imperceptível, mas que acaba por agir, espera o autor, sobre as mentes mais conformadas e, por isso, acomodadas.

Este procurado e praticado equilíbrio entre modernismo e certa vertente do romantismo, herdados de Eliot ou de Pound, como observa Joaquim Manuel Magalhães (1989: 32 e 38), associados a uma profunda convicção de que o poeta e, por conseguinte, a poesia têm uma função que ultrapassa largamente a simples criação de versos, são a receita para uma obra interessante a muitos níveis. Nunca é demais retomar o lema do grupo dos *Cadernos*: “A Poesia é só uma!”. Esta posição viria a deixar marcas indeléveis na nossa modernidade poética. No entanto, no manifesto que abre a II Série, os organizadores¹⁸ acrescentam, na página 6 do fascículo VI (1951), algo ao lema que o torna mais interessante: “A Poesia é só uma, porque afinal não há outra”. Reafirma-se assim a poesia como entidade liberta de modas, escolas, naturalidades e nacionalidades, como haviam formulado os organizadores no texto que enceta o fascículo I, de 1940. Diz-se ainda, agora no manifesto que abre a Série II dos *Cadernos* algo que aqui transcrevemos:

A expressão poética, com todos os seus ingredientes, recursos, apelos aos sentidos, resulta de um compromisso: um compromisso firmado entre um ser humano e o seu tempo, entre uma personalidade e uma sua consciência sensível do mundo, que mutuamente se definem. Tudo o que não atinge este nível não é poesia. (2004: 6 e 7)

No fundo, trata-se de um compromisso pessoal que se firma em dois níveis: no plano do íntimo, e no plano do universal, como se demonstrará adiante. Continuando a

¹⁸ As citações são retiradas da edição fac-similada de *Cadernos de poesia*, 2004, dirigida por Luís Adriano Carlos e Joana Matos Frias. Organizadores da I série: Tomaz Kim, José Blanc de Portugal e Ruy Cinatti; organizadores da II série: Jorge de Sena, Ruy Cinatti, José Blanc de Portugal, José-Augusto França.

retomar o mesmo manifesto, vemos que esta geração reclama para o poeta algo mais. Se por um lado “transformar o mundo à sua imagem e semelhança” (*ibidem*: 7) é algo intrinsecamente humano, como afirma o manifesto citado, por outro, ao poeta cabe uma função mais complexa:

Defende o que é atacado, e ataca o que é defendido. Não age como ser especial, diferente dos outros homens, que os não há esses outros seres; mas como um homem destinado a nele se definir a humanidade: um ser capaz de transformar o presente integralmente em futuro (*ibidem*: 7).

É preciso, como atrás se disse, atender ao que a poesia significava para Cinatti, arte em que, afinal, procurou a resposta para “a estranha questão da vida humana”. Afirmou ele no artigo intitulado “António Nobre”:

[A Poesia] não é um mero elemento decorativo, mas uma forma de melhor amar e compreender a vida no seu mais sublime aspecto. [...] Um dos seus grandes valores é reerguer do esquecimento as forças da Virtude, e, porque procuramos ser virtuosos, assim devemos, se não por devoção ao menos por obrigação, beber da fonte onde a água é pura. Com a Virtude vem implicitamente o amor do Belo e, sucessivamente, a Vontade, o Heroísmo, o Supremo Bem (Cinatti, 1939: 2).

Vemos Cinatti, talvez numa atitude herdada de T. S. Eliot, a entender a poesia, como actividade ética e ontológica. Esta posição pode ser relacionada com algo a que teremos de dar atenção para aferirmos, mais adiante, as consequências do que acabámos de ver na poesia do autor de *O livro do nómada meu amigo*. A crítica é unânime em reconhecer na poesia de Cinatti uma vincada tendência para a depuração. E esta dá-se a vários níveis. Vejamos algo que poderemos ir buscar às suas circunstâncias biográficas. Peter Stilwell (1995: 31-34) dá conta, ao referir-se ao cruzeiro em que Cinatti embarcou no Verão de 1935, da sua saudável convivência com todos os grupos que se formaram a bordo, sem ligar às divergências. Além disso, na forma como se vai maravilhando com as terras e com as gentes, quase se poderia dizer um moderno *Bom Selvagem*, procurando incansavelmente envolver-se na eterna inocência dos espaços edénicos, embora sofrendo com as misérias das populações indígenas. Tudo isto, bem como a sua personalidade fraterna e sensível (Stilwell, 1995: 28 e 29), levam-nos a reconhecer nele um depuramento do ser que, no fundo, poderemos igualmente reconhecer na poesia que produziu. Ascetismo, isolamento, silêncio, despojamento e refúgio em Deus / Cristo afiguram-se-nos, assim, meios de atingir aquela que, para Cinatti, constituía a sua mais alta missão como poeta: o conhecimento de si e do mundo para se transformar a si e ao mundo.

Convém, por isso, dar ainda atenção a um par de elementos que nos parecem importantes. Por um lado, temos as suas leituras de adolescente, entre as quais poderemos apontar Alain Gerbault, o navegador francês que, por poucos anos, não se cruzou com Cinatti em Timor e Alain Fournier (cf. Stilwell: 412), Robert Louis Stevenson, Júlio Verne ou Wenceslau de Moraes (*ibidem*: 38), que ajudaram a estimular o seu gosto pelas ilhas dos mares do sul e a fantasiar uma futura viagem em busca do contacto com o tal paraíso que a literatura de viagens abria ao Ocidente. Por outro lado, há que ponderar no significado que a partida, com um conjunto de outros factores que necessariamente lhe estão associados, adquire no contexto da vida e da obra de um autor como Ruy Cinatti. E é precisamente aqui que nos podemos demorar um pouco.

Uma primeira referência deverá ser feita a algo que se pode ler nos excertos de diários ou nos excertos de cartas do poeta, transcritos por Stilwell¹⁹. Numa página do *Diário*, datada de 09 de Agosto de 1934, Cinatti dá conta dos seus projectos de vida, numa determinação que o próprio discurso vinca e que vem ao encontro dos seus anseios de partida:

Se Deus quiser hei-de visitar e demorar-me bastante nessas ilhas de coral.
Para isso preciso de ser forte física e moralmente, trabalhar para conseguir os meios para a viagem e estadia, e ter o espírito educado para poder admirar todas aquelas belezas que tantos olhos têm maravilhado (Stilwell, 1995: 30).

Ainda, em carta enviada a Amy Christie (amiga e confidente de sua mãe), a 28 de Novembro de 1935, após o cruzeiro que o levou a algumas colónias portuguesas, regista: “Those large horizons made me have a broader view of things” (*ibidem*: 33). Por estas razões, não podemos entender a viagem em Cinatti puramente no seu sentido literal, pois, nele, esta significa aprendizagem, missão, comprometimento, comunhão com o outro. O humanismo de Cinatti, transversal na sua obra, viria a causar-lhe dissabores, pois a solidariedade que reclamou para o povo timorense, por exemplo, não encontrou eco num país endurecido e pouco educado para, como ele, ver as belezas naturais e humanas que as colónias tinham para oferecer. Isto era o mesmo que reconhecer que faltava a muitos, na época, a abertura de horizontes, a capacidade de aceitar as outras culturas não como inferiores, mas como diferentes. Esta abertura, para nos servirmos das palavras de Joaquim Manuel Magalhães que nos servem de

¹⁹ Peter Stilwell refere-se ao *Diário* e cita frequentemente passagens desse mesmo documento “fragmentário e na sua maior parte inédito” (1995: 15). Além deste, recorremos a três dos 19 textos que o autor divulgou em “Apêndice”: 3 - “Como é admirável viajar...” (*ibidem*: 394), 12 - “Por quem os sinos dobram” (*ibidem*: 409-411) e 14 - “Texto autobiográfico” (*ibidem*: 412-413).

epígrafe²⁰, também é “uma arte de nômadas” e não está ao alcance de todos. Torna-se assim possível encontrar sentido entre o que se acabou de escrever e algo que Peter Stilwell, a propósito do cruzeiro já mencionado, anotou. Referia-se o ensaísta a algo que alguns críticos viriam depois a entender como um ponto de viragem a que a poesia de Cinatti, a partir de *Sete septetos* (1967), e, em alguma medida, já cultivada em *O livro do nômada meu amigo*, deu voz:

[...] viagem física e cultural espelhavam-se sem se confundirem, e revelavam, para lá de qualquer delas, a atracção do mistério que o fez partir.

Gradualmente, a aventura interiorizou-se. Passou a caminhar mais dentro de si. [...] E não rumava só em busca de si próprio, mas pretendia descobrir um ponto de encontro para os desavindos do mundo; levá-los a conhecerem-se melhor; a sonharem-se diferentes. [...] Sem perder a sua componente de deslocação física, viajar tornava-se investigação antropológica e adquiria um cunho de intervenção social (Stilwell, 1996: 114).

No fundo, aspectos como “viagem física”, viagem “cultural”, a que poderemos acrescentar viagem espiritual, dão forma e corpo ao desafio que foi a aventura, poética e ontológica de Cinatti. Stilwell coloca-o ainda sob a influência de Rilke ao recordar as suas observações no que diz respeito ao relevo da errância e da inquietação na produção de um poeta:

Por amor de um verso têm que se conhecer muitas cidades, homens e coisas, têm que se conhecer os animais, tem que se sentir como as aves voam e que se saber o gesto com que as flores abrem pela manhã. É preciso poder tornar a pensar em caminhos, em regiões desconhecidas, em encontros inesperados e despedidas que se viram vir de longe (Rilke, citado por Stilwell, 1995: 64).

Se algo nos faltou referir, antes, sobre a condição do poeta, eis aqui o que poderia, perfeitamente, ilustrar o itinerário que o poeta para si traçou: mais do que observar e registar poeticamente o mundo que empírica ou sensivelmente vive, este deve trabalhar este mundo para construir um outro, esse sim, a seu ver, habitável.

Um segundo aspecto poder-se-á prender com a simbologia da ilha, materialização da “beleza natural”, do paraíso intocado em que, por muitas razões, desejava estar, ou vista de outra forma, símbolo do isolamento, da solidão primordial, a fim de encetar a perfeita comunhão com o mundo e com a poesia. Além disso, podemos ler em carta enviada a Amy Christie, no Natal de 1937, a propósito de mais uma ida à Berlenga, no Verão anterior: “Nessa altura fui feliz: quase me esqueci que existe o

²⁰ “Com ele, de quem fui amigo, concordei / que a poesia é uma arte de ninguém. / Que se procura, se revela, e a seguir / nos deixa para nunca mais. É uma arte / de nômadas, meu amigo, assim você”. (Magalhães, 1986: 41).

mundo da morte e da destruição” (Stilwell, 1995: 43). A partir desta afirmação, poderemos deduzir o valor terapêutico desse isolamento. Cinatti incomoda-se com o estado em que se encontra a Humanidade de que é contemporâneo: referimo-nos à II Guerra Mundial, à Guerra Civil Espanhola, para não falar das convulsões internas do país, com que se viria a confrontar. Além de que as ilhas que foi visitando ao longo da vida, para todos os efeitos, poderão servir vários propósitos que a seguir tentaremos enunciar.

O “coleccionador de ilhas” (Duarte, 1985: 12) sempre as aproveitou duplamente: para o engenheiro agrônomo, silvicultor, fitogeógrafo, meteorologista, etnólogo e explorador naturalista, as ilhas eram laboratórios, édens intactos onde se poderia colocar em prática os vários passos do método científico. O poeta, servindo-se destes seus conhecimentos científicos, usa na obra as ilhas: espaços primevos, símbolos da pureza e da liberdade suprema, através dos quais se dá o encontro com outras formas de sagrado, problematização da condição humana, experiência de isolamento, ascetismo. Estas representam, ainda mais em Cinatti, o “Outro Lugar”. A expressão é de Clémence Bouloque, que aponta: “[...] Em qualquer dos casos, a ilha surge como o emblema da liberdade. A figura ideal do sonho. Que sonho? O de um “outro lugar” que não nos desiluda. E esse encontra-se no final daquilo que será sempre [...] uma aventura”. (2004: 56) E assim temos dois ingredientes fundamentais – viagem e ilha, a que poderemos acrescentar dois outros, de forma a assinalar, por agora, quatro elementos que consideramos essenciais para entendermos o pano de fundo de alguma poesia de Cinatti – aventura e mar.

Homem de várias pátrias - Deus, Timor, Portugal²¹ -, o poeta assume-se como um Português paradigmático, o que se encontra “pelo Mundo em pedaços repartido”²² (1985: 44). Ponderem-se, ainda, como afirma o próprio, os vários sangues que lhe correm pelas veias, “[...] transmontano, judeu, algarvio, berbere, italiano, toscano e chinês de Amoy e Macau[...]” (*idem*) e temos, segundo o próprio, um português, como tantos outros, aliás, que transporta consigo a propensão para a errância e para a aventura. Não é nosso propósito traçar a genealogia de Cinatti, no entanto, poderemos facilmente recuperar as heranças berbere, italiana ou até a anglo-saxónica, que o

²¹ Cf. “Conversa inacabada I – ‘As brumas atlânticas perturbam os portugueses’”, *Grande Reportagem*, 04 a 11 de Abril de 1985, p. 44.

²² Glosa do motivo desenvolvido por Camões (Canção IX), onde lemos: “Aqui, nesta remota, áspera e dura / Parte do Mundo, quis que a vida breve / Também de si deixasse um breve espaço, / Por que ficasse a vida / Pelo mundo em pedaços repartida (1968: 290).

acolheu como berço, para percebermos a sua condição de “nómada em escala de partida” (OP, p. 156) e a atracção que desde jovem demonstrou pela literatura de viagens e que sempre ajudou a povoar-lhe a imaginação de exótico. Mais uma vez, tal como Fernando Pinto do Amaral (1992) ou Maria João Borges (1994) já haviam assinalado, vida e obra sobrepõem-se com notável semelhança. Ambas se afiguram como percursos pautados por uma demanda permanente.

“Ave / Prenúncio de arvoredos!” (OP: 106), escreveu Cinatti no poema “Ilha”, de *O livro do nómada meu amigo*. Éden que deixa adivinhar o porto, o tal “outro lugar”, o destino de acolhimento que se situa no final da viagem e que, afinal, viria a significar para Cinatti o prenúncio de muito mais. “Para uns, as ilhas são escrínios da solidão; para outros, sociedades em miniatura” (Bouloque, 2004: 56), observou inteligentemente Clémence Bouloque. De uma forma ou de outra, quer como cientista quer como poeta, podemos integrar Cinatti na tradição dos portugueses que, desde cedo, foram dando “novos mundos ao mundo”²³ (*Os Lusíadas*, II: 45, 8). Ainda ávida de exótico, a Europa, em pleno século XX, acolhe de braços abertos todos os contributos importantes para o conhecimento desses mundos ideais, ainda ignotos; e Cinatti cumpriu a sua parte, no que a isto diz respeito. A ilha obriga-nos ainda a considerar aspectos como o isolamento, o ser humano – ilha, a “Ilha-mãe” (Bouloque, 2004: 59), a Ilha-refúgio, a “Ilha iniciática” (*idem*), a “ilha-laboratório” (*ibidem*: 65)²⁴ e a viagem que, por contingência natural, se efectua por mar, meio que, literariamente, sempre se revestiu de poderoso simbolismo. Quisemos com isto chamar a atenção para o facto de que se vamos trabalhar a figura do poeta como nómada, então teremos de o enquadrar num espaço e num tempo em que permanece *a caminho*. Este tanto poderá significar o itinerário geográfico, físico, que compreende as deslocações em que a própria vida de Cinatti foi fértil, como poderá envolver a peregrinação interior que tenta duas procuras: a do eu e a de Deus, ou até se preferirmos, a do eu em Deus, ou vice-versa, tendo sempre em mente a notável ressalva do próprio: “Sou um católico poeta. Não sou um poeta católico”²⁵ (“Conversa Inacabada III – ‘Há tanta maluqueira na nossa História’, 1985: 41).

²³ A expressão citada pertence ao discurso profético de Júpiter que, nos versos anteriores, refere Ulisses, Antenor, Eneias, enaltecendo, porém, os futuros feitos dos portugueses (Luís de Camões, 1989: 40).

²⁴ As expressões entre aspas são transcritas do artigo da autora, intitulado “A felicidade das ilhas”.

²⁵ “Conversa Inacabada III – ‘Há tanta maluqueira na nossa História’, *Grande reportagem*, 19 a 25 de Abril de 1985, p. 41.

II

O AMIGO DO NÓMADA

1. Considerações iniciais

Em 1941, Adolfo Casais Monteiro, numa “breve nota” sobre a obra inaugural de Ruy Cinatti, regista a seguinte apreciação:

Ruy Cinatti, quando pretende exprimir emoções ou estados de determinada ordem, não consegue realizar poesia. E as belas páginas de prosa com que abre o seu livro [...] páginas duma prosa fluida, com momentos de real beleza, faz-me pensar se não deveria ele ter procurado na prosa o instrumento para nos comunicar o que não chega a ser poesia [...] (Monteiro, 1972: 288).

Não se pretende aqui proceder à crítica da crítica, nem tão pouco elencar as suas contradições e, como se poderá ver, não nos identificamos em larga medida com a visão do crítico presencista, embora partilhemos da cautela que o assaltava ao reconhecer que lhe faltava a confortável visão de conjunto que hoje poderemos ter dos cerca de cinquenta anos de produção poética de Cinatti. Há, porém, um aspecto em que Casais Monteiro poderia estar certo: talvez o autor de *Nós não somos deste mundo* (1941) devesse ter dedicado alguma atenção à sua veia de prosador, não para satisfazer a crítica, mas para lhe provar que também a prosa se afigura veículo possível para “exprimir emoções ou estados de determinada ordem” (*idem*), poeticamente.

O problema que aqui pretendemos abordar reside no facto de, bem vistas as coisas, Cinatti ter prestado atenção à prosa; e prestou-lhe tanta atenção que nos parece fácil perceber as razões que terão levado Fernando Pinto do Amaral a iniciar *OP* (1992) com “Ossobó”, um conto simbólico sobre uma pequena ave de S. Tomé e Príncipe, e catalogado como “uma obra-prima de prosa poética” (Stilwell, 1995: 34), texto carregado de efusões líricas e que, no fundo, inaugura o seu percurso poético. Tenha-se também em conta o magnífico “À memória de minha mãe”²⁶, que antecede os poemas de *Nós não somos deste mundo* e que não será descabido entender como uma sublime porta de entrada para todo o seu itinerário poético. Nele, pensamos, encontrava-se já gravada a atitude perante a vida, a existência e a condição humana, a partir da qual

²⁶ Peter Stilwell refere-se ao texto “Retrato de minha mãe”, publicado no *Diário de Lisboa*, em 21.10.1937, a que, mais tarde “acrescentado de um parágrafo, servirá de introdução ao seu primeiro livro de poesia” (1995: 35).

poderemos equacionar tudo o que Cinatti realizou em termos poéticos. Por fim, poderemos evocar ainda a secção VII de *Anoitecendo, a vida recomeça* (1942), toda ela em prosa poética.

Porém, regressando a “À memória de minha mãe”, convém salientar que desse texto ressalta um gritante sentimento de solidão, marcado pela ausência da figura materna e que, de forma tão sentida, é evocada pelo poeta. Simultaneamente é curiosa a forma como é criada a sensação da sua presença que, aliás, inflama o discurso, passando-se tudo como se se tratasse de uma presença que reside na ausência. Deparamo-nos com algo de ordem espiritual, mas que quase se materializa: “E ela está aqui” (OP: 35), reforçada pelo “retrato”, elemento físico que a transporta para a dimensão do autor. Aliás, “as suas coisas, os livros, as cartas” (*idem*) asseguram essa sobrevivência ao tempo. Ao afirmar que “nada o tempo destrói através das recordações” (*idem*) o poeta reitera a importância dos testemunhos físicos da passagem da mãe por este mundo. A memória é o abrigo, o local de acolhimento que encontra o seu *simile* na história que insistentemente o sujeito pede que lhe conte (*ibidem*: 35 e 36), bem como nos espaços, como o “quarto”, a “casa”, o “jardim”, evocados ao longo do texto. É assim à memória íntima que vai buscar conforto, como ele próprio reconhece: “Tempos que se foram e a que eu peço alento e coragem para avançar na vida...” (*ibidem*: 37). E é só a eles que o poeta pode recorrer: o que de perturbador perpassa este texto prende-se com o carácter ficcional de algumas imagens. O facto de “nunca a ter conhecido em consciência” (*ibidem*: 35) (pois como afirma Stilwell (1995: 23), a mãe, Hermínia Celeste, falecera a 2 de Abril de 1917, tinha Ruy Cinatti dois anos), faz com que os textos trabalhem com reminiscências de uma infância distante.

Além disto, vejamos a questão do título da obra, que tanto intrigou Casais Monteiro. Pensamos que a chave para o compreender poderá passar por uma leitura diferente deste texto. A determinada altura, nesta espécie de interlocução com a figura da mãe, Cinatti assume: “Contigo me levaste, minha mãe!” (*ibidem*: 37). Parece, com esta afirmação, marcar a passagem de ambos a uma outra esfera que transcende o mundo sensível em que o seu corpo, a sua forma e condição humanas, limitadas e finitas, se vêem forçados a permanecer. É neste sentido, que, ontologicamente, o poeta sentia não ser deste mundo e que a morte poderá ser entendida não como um fim, mas como um eterno e reconfortante (re)começo, num mundo que pertence à ordem da crença, da Fé.

Críticos como Adolfo Casais Monteiro (1940) ou Padre Manuel Antunes (1942), apontaram agulhas à imaturidade e à adolescência que percorria os poemas iniciais de Ruy Cinatti, condenando-lhe a falta de harmonia e de equilíbrio poético ou a expressão demasiado hermética que não impressionava os “ouvidos mais cartesianos” (Moura, 1961: 64) , mas poucos terão visto que as suas primeiras incursões no campo da poesia mais não eram do que tentativas honestas de dar voz a uma cisão primordial, de tal forma sentida e complexa que - e aí concordamos com Casais Monteiro - é preciso filtrar pela experiência e aprender a exprimir ou corre-se o risco de não se ser compreendido. Parece claro o facto de este texto assentar numa “experiência traumática individual de perda” (Borges, 1993: 144), servindo de ponte para equacionar a condição humana. Porém, o facto de nem sempre ter lidado de forma pacífica com a morte teve ainda como consequência o “conhecimento de que haveria [...] uma descoincidência entre o nosso ser, a nossa essência, e a nossa condição” (*idem*). Este será um dos factores a explicar a errância, a inquietação metafísica.

Sentem-se, na forma como Cinatti vive esta “descoincidência”, não só a sua vincada formação e crença católicas, como também as leituras, por um lado, de autores como Robert Louis Stevenson (1850-1894), Joseph Conrad (1857-1924), John Masefield (1878-1967), importantes para explicar em Cinatti o fascínio pelo mar, pela partida, pela viagem, pelas paragens exóticas e, por outro, de escritores como Charles Péguy (1873-1914), Jacques Maritain (1882-1973)²⁷, Alain Fournier (1886-1914), a que poderemos acrescentar a *Bíblia*, que terão contribuído para criar no poeta a convicção de que, para além deste mundo que sensivelmente abarcamos, existe um outro, pressentido e vivido intimamente.

“À memória de minha mãe” dá-nos conta da separação entre estas duas dimensões, apresentando os elementos de forma antitética, a fim de sugerir a oscilação do poeta entre ambas. O murmúrio audível e que aos poucos se distanciava, transportava consigo a imagem da mãe que, apesar de ausente fisicamente, o poeta continuava a ter junto de si. Uma presença tão pura que o levou a afirmar: “levando-me para longe, fora dos tempos, fora do mundo das coisas terrenas...” (*OP*: 36). Stilwell trata esta temática, referindo-se a ela como uma forma de fugir à realidade circundante.

²⁷ Leiam-se, a propósito disto, por exemplo, as notas de Peter Stilwell (1995) das páginas 78 e 79, acerca das leituras de Cinatti e do fascínio que sobre ele exerceram os autores citados. Terão estes, ainda, ajudado a dar forma ao cristianismo que ressalta das páginas que produziu enquanto poeta, nomeadamente no que diz respeito a aspectos que o autor aponta como “aprofundamento doutrinal” ou “amadurecimento da consciência religiosa e social” (*idem*).

Porém, leva-nos mais longe e remete-nos para a tradição bíblica, apontando-nos um Cinatti próximo do mito do judeu errante²⁸ e da “Fé dos antigos”²⁹ (1995: 121), que em Deus repousava, tal como o poeta aspira a descansar no colo da mãe. Há ainda uma clara relação com o Evangelho de S. João, onde Jesus se dirige aos “judeus incrédulos” nos seguintes termos: “Vós sois cá de baixo, eu sou lá de cima; vós sois deste mundo, Eu não sou deste mundo” (Jo 8, 23). Porém, torna-se ainda relevante ter em conta que, linhas adiante, lê-se: “Aquele que me enviou está Comigo; não me deixou só [...]” (Jo 8, 29), motivo que poderemos transpor para a situação da morte da mãe, que só não está fisicamente presente. Ao “jardim de infância” (*idem*), espaço por onde a memória, que oscila entre a dor e a sublimação, vai divagando e a partir do qual, através dela, o sujeito se vai (re)construindo, Cinatti contrapõe um outro jardim que, de acordo com o texto, ganha até mais relevância que o anterior: “mas é para o outro jardim que vai o meu amor, para aquele jardim que se desenrola no meu espírito com uma perfeita clareza...” (*ibidem*: 37). Aliás, “as pessoas já mortas” e “aquela mulher” que lhe chamava filho, evidenciam que o jardim remete para o cemitério, lugar de repouso. Por fim, surge de forma explícita o reconhecimento de algo relevante: “Contigo me levaste, minha Mãe! Nós não somos deste mundo...” (*ibidem*: 37). Esta expressão deixa margem para que se aponte como linhas de força desta primeira colectânea “o desejo de unidade, vivência da eternidade, presença real do distante, amor – saudade” (Moura: 1961: 64), tópicos que nunca deixaram de se manifestar na restante produção poética de Cinatti. Assim, através do pensamento, da saudade, da memória, o poeta deixa-se transportar para essa outra realidade, depurada, onde o convívio entre ambos se processa sem a interferência dos mais variados aspectos mundanos.

Entender a vida nestes termos, como aliás Cinatti entendia, teve implicações a vários níveis. No que lhe diz respeito, deixou marcas tanto no percurso biográfico, como no percurso poético. O seu fascínio pelo exótico, a constante inquietação que o movia e o impulso da partida que orientou tantos dos seus passos podem muito bem ter origem nessa busca pelo que sente existir “do lado de lá”. São, por sinal, vários os relatos de Cinatti acerca da forma como as viagens e as estadias, pautadas pela aventura,

²⁸ Guilherme de Castilho, diplomata, em texto publicado no periódico *Notícias de Macau* (11.12.1955) irmana-se a Cinatti nos seguintes termos: “O que sei é que me contaste coisas tão novas e extraordinárias dessas terras de onde vinhas que talvez tenha nascido daí a força que me arrancou do Chiado para esta vida de judeu errante” (p. 3).

²⁹ Stilwell remete para a Carta aos Hebreus (Heb 11), onde se adivinha a “atitude primordial de partir para um destino que não se vê, mas que desde já transmite à vida um sentido de promessa, dá forma à noção bíblica de uma Fé que só em Deus repousa” (1995: 121).

o distraíam do mundo real, pelo que talvez não seja despropositado entendermos o seu fascínio pelas paisagens edénicas dos mares do sul como resultado da crença de que elas poderão corresponder a esse outro jardim³⁰, o que se constitui como sendo o reverso do Ocidente, com os seus habitantes em estado puro a opor-se “aos de Alexandria”, presentes nos poemas “Sinal dos tempos” (OP: 110), de *O livro do nómada meu amigo* e em “Assembleia Nacional”³¹ (OP: 209). Acima de tudo, ambos os poemas confirmam no poeta uma inabalável tendência para não se reger por moldes impostos, funcionando como uma afirmação de liberdade pessoal. Neste sentido, pela forma como o autor, ao longo das suas campanhas administrativas se foi desencantando quanto à forma como o Estado geria a política colonial e os próprios territórios e gentes, poderemos também perceber por que razões o poeta sentia não pertencer a este mundo.

Um outro aspecto que nos parece relevante surge através de uma observação de Peter Stilwell que, mais uma vez, nos coloca perante a questão da religiosidade do poeta na vida prática. Segundo o mesmo, a errância, que entende ser uma pedra basilar em Cinatti, com o passar do tempo, foi transferida da figura da mãe para o “apelo do Deus vivo [...] em continuidade com a tradição judaica e cristã” (Stilwell, 1995: 127), precisando ainda que esta tradição valoriza bastante a errância nas suas várias manifestações: artística, física, psicológica e espiritualmente, na construção daquilo que, em termos bíblicos, constitui a Revelação. Numa interessante nota, na medida em que nos ajuda a entender não só a importância, para Cinatti, da Fé e da aventura, mas também a perceber o ambiente exterior e interior do sujeito que terá estado na origem de *O livro do nómada meu amigo*, aponta Stilwell:

A articulação fé-experiência-memória-Fé segue uma espiral ascendente: 1) a fé, como atitude fundamental, preexiste à experiência e à memória de forma não tematizada, encontrando expressão na errância física; 2) a atitude é aprofundada no interior de circunstâncias históricas difíceis, enquanto recusa em aceitar que sejam uma fatalidade – por isso o povo clama; 3) a experiência é recordada e interpretada, juntamente com o seu desenlace, estruturando-se como referência ou horizonte da Fé; 4) à luz dessa memória, o crente coloca-se diante de Deus – o único que permanece – e acolhe o presente, mesmo quando positivo, na sua relatividade [...] como dom a agradecer (*idem*).

³⁰ Vários autores salientaram a relevância do pensamento de Alain Fournier na primeira publicação de Cinatti, partindo precisamente da epígrafe que abre a obra: João Gaspar Simões, Guilherme de Castilho, Ruy Belo, Peter Stilwell.

³¹ É neste poema de *O tédio recompensado* (1968) que Cinatti completa o retrato destes homens e percebemos, então, a quem se refere e em que moldes: “Os de Alexandria, os grandes do mundo, / senhores da palavra, da magna justiça, / concordaram todos que a vida está cara / e que era preciso / acabar com os pobres deste mundo. // Encareceram a vida. // São os homens responsáveis / por estas vidas curtas, oprimidas, / que nos são, ombro a ombro, conhecidas, / cara a cara, olhos n’olhos, mão na mão” (OP: 209). Em nota, mais adiante, relacionaremos “os de Alexandria com “os Filisteus” (ver nota 40, página 36).

Se anteriormente aludimos ao termo “aventura”, não o fizemos levemente: tudo na vida de Cinatti parece ter-se pautado por ela. Socorrendo-nos de um verso, provavelmente da autoria de Ruy Cinatti³² (cf. Stilwell, 1995: 56-57), encontra-se uma definição de poeta³³: além de ser “simples” (*ibidem*: 56), é “preciso nascer-se poeta” (*idem*), e ainda “despir as vísceras e expô-las ao sol” (*ibidem*: 57). Nestes termos, a poesia, em Cinatti, parece algo de natureza visceral, mas sempre num crescente de depuração que se consubstancia na fórmula “[...] O resto / É um trabalho a dois até que a alma fique pura / E a carne nua, / Em cada momento a carne pura e a alma nua” (*idem*). Os dois versos que encerram o poema merecem ainda destaque, na sequência do que acima dissemos sobre ambos os jardins referidos no prólogo a *Nós não somos deste mundo*, visto manterem a tônica da dualidade, mas sem dilaceramento (Borges, 1993: 145): “Assim será a vida uma lenta agonia / Com a visão do paraíso sempre a dois passos” (Stilwell, 1995: 57). Nestes versos, ecoam as palavras de Alain Fournier.

Não são poucos os momentos do seu rico percurso biográfico em que as experiências por que passou atestam o que poderemos considerar a sua aventura de vida. Poderemos, por exemplo, pensar nas divergências com o pai (cf. Stilwell, 1995: 27-31), numa altura em que poucos ousariam desacatar a autoridade paterna, considerar as leituras e viagens da juventude, tentativas de dar resposta a um muito pessoal impulso da partida, observar a própria aventura poética a que se entregou e que um crítico como Joaquim Manuel Magalhães, pela novidade da *poiesis*, considera à frente do seu tempo (cf. 1989: 32-33), complementada não só pela coordenação dos célebres *Cadernos de Poesia* como também da revista *Aventura*, importantes pela novidade que representaram nas letras portuguesas. Enfim, referimo-nos a uma aventura literária que, no seu conjunto, demonstra o empenho de Cinatti em “não ser apenas mais um escritor” (Cinatti, 1942: 3), complementada com as viagens que, ao longo da vida, foi realizando passando por locais como Egipto, Bali, Nova Iorque, Tahiti, Japão, entre outros e ponderando as implicações poéticas e ontológicas da forma despojada e ausente de arrogância com que conviveu com os timorenses, por exemplo, contrastando vivamente com a mentalidade da administração colonial que na época exercia funções. Além disso,

³² Referimo-nos a um poema em cujo primeiro verso se lê “Para se ser poeta é preciso ser-se simples...”. Peter Stilwell refere-se a este texto, encontrado nos manuscritos de Cinatti dos anos 40, dactilografado, mas não assinado, o que, claro, obriga a levantar a questão da autoria. Stilwell conseguiu apurar que este texto não é da autoria de José Blanc de Portugal nem de Jorge de Sena, mas reconhece que “corresponde ao pensamento de Cinatti nesta época” (1995: 56).

³³ O poema citado neste parágrafo não está incluído em *OP*. Está registado em Stilwell (1995: 56-57).

convém reter a ideia expressa no final do texto “À memória de minha mãe”, em *Nós não somos deste mundo*, e retomada depois com outra formulação em *Corpo – Alma* (póstumo, 1994). Se na primeira colectânea, o autor reconhecia que apesar de não ser deste mundo era nele que, para o melhor ou para o pior vivia, sendo que, por essa razão, era com ele que teria de aprender a lidar; na segunda já é o amor que segue a mesma ordem de ideias: “[...] o amor não é do mundo / mas só no mundo / acorda” (Cinatti, 1994: 38), o que, no fundo, é o assumir de uma condição de preso ao mundo em que vive e que percorre. Além disso, assumida que está a sua vocação de poeta, lembremos o poema “O poeta não quer ser exilado da terra”³⁴, datado de 01.05.1941, publicado no periódico *Ala* (n.º 10, 1943, p. 5). Nele, se percebe a recusa do poeta em alhear-se do real e da realidade, pretendendo empregar “todo o coração / pelo cantar do mundo” (*idem*). Complementando esta ideia, Jorge Fazenda Lourenço, chama a atenção para a “indissociabilidade entre os domínios do estético e do vivido existencial” (1998: 279). Por isso, convém, antes de avançarmos, considerar a confluência entre a pessoa empírica e o sujeito autoral, dois termos a partir daquilo que constitui a obra que Cinatti nos legou, não perdendo de vista, claro, o horizonte das temáticas que aqui procuramos sistematizar.

2. O “nómada amigo”

*Ai dos que por outra morada
trocam o destino finito.
Ou ficam para sempre emoldurados
ou morrem transidos, divididos.*

Ruy Cinatti³⁵

Observar, na vida e na obra de Ruy Cinatti, a presença deste “amigo”, obriga-nos a recuar até muito cedo no seu percurso biográfico, pelo que será interessante anotar alguns factos para termos a ideia de como certas circunstâncias vieram a ter tão grandes repercussões na produção do poeta.

³⁴ Este poema faz parte da listagem de “Outros textos e poemas diversos”, apresentada por Peter Stilwell (1995: 427). O texto não surge em nenhuma colectânea, nem em *Op*, pelo que o apresentamos em anexo (ver. p. 92).

³⁵ Ruy Cinatti, *Tempo da cidade*, prefácio de Peter Stilwell, Editorial Presença, Lisboa, 1994, p. 45.

Num dos seus diários, referindo-se ao Outono de 1929, altura em que ingressa no Colégio Nun'Álvares, Cinatti dá conta da sua adaptação ao mesmo nos seguintes termos:

Em breve os poucos dos meus condiscípulos que se me opunham baixaram as armas e fomos desde então amigos certos. O prazer que do facto retirava fazia-me juntar as mãos e agradecer a Deus. Tornei-me doravante amigo fiel de todos e a palavra não deixou de aparecer nas minhas frases (Stilwell, 1995: 28).

Tudo leva a crer que a palavra a que o poeta se refere é “amigo”, se atendermos à relevância que estes “companheiros de viagem” (*OP*: 48) sempre adquiriram. Aliás, Peter Stilwell dá ainda conta do seu fervoroso desejo de fazer amigos, pelo que, após solidificadas, algumas amizades da adolescência ficaram para a vida: Constantino Varela Cid, José Blanc de Portugal, Marcelo Caetano, entre outros. Além destas, no entanto, com o passar do tempo, outras se vão consolidando, mas agora vindas do campo da imaginação e que, iriam deixar em si e na sua obra uma marca indelével. Stilwell (1995: 237-238) dá conta de algumas delas, referindo-se mesmo a algumas “presenças que desde a adolescência o povoam” (*ibidem*: 237).

No seu primeiro livro, *Nós não somos deste mundo*, surgem duas referências directas a esta entidade que, mais do que um companheiro de viagem, parece ser o ombro de um confessor que ampara o futuro poeta numa ainda incerta caminhada. Na Parte I deste livro de 1941, poema 3, lê-se: “Não digas nada, amigo, / Que a tempestade chora / Com a tristeza de nos ouvir a voz, / Deixa viver, amigo, a tempestade, / Deixa que apenas se ouça a sua voz.” (*OP*: 39; e, no poema seguinte, pode ler-se na última estrofe: “Ah! porque não vens, ó meu amigo? / Contigo o tempo voa sem passar; / Mas só – prudência! – que a demência / Surge. Somos outra vez o tempo a andar” (*idem*). Neste segundo excerto, a interpelação é ainda mais emotiva e, além disso, o poeta introduz o elemento da sanidade mental, assegurada, à partida, pela presença reconfortante desse “amigo”, que ajuda a vencer a rasura e o peso da passagem do tempo. Atente-se ainda noutros passos deste primeiro livro, onde se lê: “A que olhas, amigo! / Acaso cansei-te? / Brinquemos de novo, / Fechemos o livro” (II, 4, p. 44), “À proa, assinalando o meu desejo, / Perigoso no aspecto, / Passeavas, Irmão a quem, um dia, / Raptaram sem deixares de estar presente / a doçura imperturbada” (IV, 2, p. 53) ou ainda, para finalizar, “Vinde, pois, irmãos de um outro sangue - / Amigos, chegados sem prévio aviso ou súplica - / Vinde! / É tempo de sermos nós os mandatários, / Colonos da terra infecundada” (V, 3, p. 61), agora numa exortação colectiva em que o

poeta pretende levar os tais “mercenários do presente” (*idem*) à acção. Tudo isto no seguimento de um - quanto a nós - eloquente projecto que lembra uma literatura de exortação, em que se inscreve a *Mensagem* de Fernando Pessoa. Cinatti reclama a si, ainda, uma nobre missão: “É tempo de ir em busca de novos mundos, / Movido pelo império que em mim se usa; / Capitão da minha escuna, / As vozes de coragem comandam / Em todos que em mim se escutam e confiam” (*idem*). Por aqui se vê a oscilação, o impulso contraditório entre a necessidade da presença reconfortante dos “companheiros de viagem” e a mais destemida solidão, que acaba por ter algo de épico, chegando o sujeito a auto-denominar-se, “herói moderno / De obscuras batalhas” (VI, 1, p. 64). No poema 2, texto em que há uma notável sobreposição de figuras míticas como Palinuro, com quem o sujeito se identifica (“De mim eu falo”) ou a Esfinge e o seu “intrínseco saber não revelado” e de passos bíblicos, como a recuperação da expressão bíblica “meu nome é legião”³⁶ (*ibidem*: 66), numa atitude em que parece ter tomado as rédeas de um novo destino que é urgente cumprir, volta a buscar paz na figura do “amigo”, já que o assola a “divina indiferença”, a lembrar os momentos finais de Jesus crucificado. Agora, ao contrário do que se lia nos primeiros poemas do livro, reclama a companhia desse *alter ego*, numa atitude de partilha e de reciprocidade que faz aqui todo o sentido: “deslocando-me por sucessivas eras, / No afã de encontrar um outro amigo / Que a mim clame: ‘Vem comigo!’” (*ibidem*: 67). Trata-se, no fundo, de uma missão utópica e ucrónica.

Ainda no que diz respeito a este “amigo”, atente-se na quantidade de poemas dedicados a terceiros. Surgem catorze nomes, que poderemos apelidar, tal como Cinatti faz aos homens a quem dedica os “Poemas da viagem”, de “Companheiros de viagem”, outros nómadas: poetas, amigos, escritores, navegadores, políticos, entre outros. Em *Anoitecendo, a vida recomeça* não surgem referências directas ao “amigo”, embora se mantenha o recurso a um grande número de dedicatórias, desta feita doze poemas dedicados a terceiros³⁷.

³⁶ Esta expressão bíblica surge no *Novo Testamento*, em Mateus, 8, 28-34, em Marcos, 5, 1-20 e em Lucas, 8, 26-39, associada aos esforços de Jesus para libertar os homens das forças malignas. É de realçar uma nota (*Bíblia Sagrada*, Capuchinhos: 1299) relevante para algo que desenvolveremos mais adiante, a propósito de *O livro do nómada meu amigo*: “Há uma luta surda entre Cristo e o mal e os homens ‘instalados’, como os habitantes das cidades gadarenas, preferem, às vezes, permanecer no mal”. Cinatti rebelou-se sempre contra os “instalados”.

³⁷ Além dos amigos acima nomeados, encontramos ainda Domingos Arouca, Teles de Abreu, Carlos Alberto, António Martim de Melo, José rebelo Vaz Pinto, Orlando Ribeiro, Vasco Pinto de Magalhães, José Tavares de Carvalho, Tomaz Kim, Francisco Stilwell, Carlos Eduardo Soveral, a quem o autor dedica alguns poemas

Em “Metamorfoses de uma gaivota”, publicado no periódico *Acção (data completa)*, inspirado numa das estadias de Cinatti na Berlenga, embora escrito anos depois, assistimos a um autor que discorre sobre a falta de assunto, tema que vai articulando com notas muito próximas do registo diarístico. Deparamos com a referência a um “homem que se conhece vivendo” (1942: 3), que vem no seguimento de uma interessante reflexão acerca da obra de criação que seria suficiente para deitar por terra todas as teses da obra minada pela juventude e pela maturidade. Ora, esta *persona* merece, ao longo do artigo, uma identificação com o autor do mesmo, que se assume como um ser em que coexistem dois: um, o jovem impulsivo e apaixonado que anos antes se esquecera do mundo rodeado pela beleza agreste da ilha; o outro, já mais maduro, percebe esta dualidade e filtra-a, reflectindo sobre a importância desta para a criação poética. Sigamos o texto:

Ele, isto é, eu somos uma única pessoa. Nele, o passado era presente; em mim, o presente é a permanência do passado no que este possuía de perene. Os meus feitos passam a segundo plano. É a ele que eu vejo agora sair das páginas do meu caderno e, como sucede em todos os romances ou peças de teatro, o centro de atracção desloca-se para ele e determina a história. Eu sofro as consequências dos seus actos e, sem saber bem porquê, compreendo-o perfeitamente embora discorde de certas atitudes. Ele era um rapaz que vivia; eu sou um homem que discorre. As outras personagens são reais mas a sua realidade não tem presença autónoma (Cinatti, 1942: 3).

Em relação ao “nómada”, Peter Stilwell afirma ter esta figura surgido na introdução ao conjunto de três artigos intitulados na revista *Lisbon-Courier*, de 1948. O primeiro destes textos, “Uma viagem ao Oriente I - Feliz, quem como Ulisses”³⁸, além de ser o texto em que surge, pela primeira vez, associada ao “ele” que acima referimos a expressão “nómada meu amigo”, coloca ainda outra questão importante, que reside precisamente na evocação de Ulisses³⁹ e, indirectamente, todos os arquétipos heróis errantes presentes nas épicas clássicas. Mas vejamos as palavras iniciais:

Saí desta morada que se chama a minha Pátria, para encontrar o nómada meu amigo e dar-lhe notícias do mundo. Do mundo que era eu, esquecido do nómada, entretanto, perdido nos altos cimos do sonho. [...] A saudade da aurora juvenil inundou-me de novo num banho lustral. E de tanto me banhar, obrigou-me a despir todas as fantasias humanas e a beber, profundamente, na fonte fresca da vida. Foi então que vi o nómada lá longe no fundo da água, a acenar-me e a convidar-me a empunhar o bastão de peregrino. E era tão forte a inspiração e poderosa a vontade, que virei o mundo às avessas e encontrei o coração, o coração perdido. Bem me diziam, para me cingir às realidades do dever, todos aqueles para quem o dever é, de facto, uma limitação. Mas

³⁸ Du Bellay (1522-1560), em *Les Regrets* - “Heureux qui, comme Ulysse, a fait un beau voyage”. (Cf. *Oeuvres Poétiques*, Tome II, édition de D. Aris et F. Joukovsky, Paris, Éditions Classiques Garnier, 2009.

³⁹ Também Ulisses empreendeu uma longa viagem e está associado ao mundo que aqui Cinatti pretende evocar, o espaço marinho, a viagem, o mistério da descoberta, a saga.

não podia ser. Daí em diante, dei em gritar que os filisteus me perseguiram, que era inadiável a partida. O meu dever era encontrar o nómada, meu amigo, e renascer com ele para a aventura (Cinatti, 1948: 6).

Atente-se, de novo, no fôlego de juventude que preenche o homem e da revitalização que isso implica, tal como já surgira em “Metamorfoses de Uma Gaivota” (1942). Na incapacidade assumida de se cingir “às realidades do dever”, o chamamento da “aventura” ecoa mais alto e consubstancia-se a partida, resultado do convite do nómada e do peso do cumprimento do dever ao serviço dos ou no convívio com os “filisteus”⁴⁰. Estava assim aberto o caminho para o surgimento de uma obra como *O livro do nómada meu amigo*, que poderemos entender como resultado de uma longa viagem, plena de descobrimentos a vários níveis, registados pelo olhar e pela experiência no nómada, que Peter Stilwell (1995) e Maria João Borges (1996) entendem ser um *alter ego*.

No conjunto da sua produção poética, as referências à errância desdobram-se, não só através do recurso a termos como “viandantes”, “vagabundo” ou “aves de arribação”, mas também através da arquetípica figura do pastor errante, que surge em *Memória descritiva* (1971), marcado pela solidão que, segundo o poeta, é a “Solidão-Solidó do pastor peregrino” (OP: 292). No texto de abertura de *Uma sequência timorense*, Cinatti dá conta de que na primeira parte desta obra figuram poemas que já haviam sido publicados em *O livro do nómada meu amigo*⁴¹, sugerindo a continuidade da forma emocionada como Cinatti havia vivido as experiências de Timor. Já em 1974, vem a lume a colectânea *Paisagens timorenses com vultos*, cuja primeira parte se intitula “Outros poemas timorenses do nómada meu amigo”. Por um lado, esta designação indicia uma sequência, como se o “nómada” do livro de 1958 desse mais um passo na “corografia emotiva de Timor” (OP: 492), provavelmente composta por poemas que, propositadamente, não quis incluir noutras publicações. Aliás, esta presença vê-se desde logo confirmada em “Chegada”, primeiro texto, desta colectânea, onde se pode ler: “O meu amigo sabia / os nomes e a geografia / destas paragens” (*idem*). Por outro lado, realce-se que a primeira secção do livro abre com a mesma epígrafe retirada de António Machado (OP: 105) que abrira a segunda secção de *O livro*

⁴⁰ A referência aos Filisteus poderá ser depreciativa: uma acepção do termo, segundo o *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*, aplica-se às pessoas que não têm gosto pelas artes. Tal poderá equivaler ao desdém com que o sujeito de *O livro do nómada meu amigo* se refere também “aos de Alexandria”, como apontámos em nota anterior (cf. nota 31, página 30).

⁴¹ Fernando Pinto do Amaral, em nota, afirma ter optado por não reproduzir os poemas que surgiam em *O livro do nómada meu amigo* e que Cinatti voltou a incluir em *Uma sequência timorense*. Tal decisão afigura-se-nos discutível, embora tenha sido um critério, que peca por não nos dar aquilo que é a colectânea na sua forma original.

do nómada meu amigo. Deste modo se confirma a sequencialidade que Cinatti quis imprimir a todas as publicações directamente relacionadas com Timor, terminando com o conjunto de poemas intitulado “O que sobrou de um cancioneiro”, a que o autor acrescentou, entre parêntesis, a data de 1968. Ora, foi precisamente neste ano que, segundo Peter Stilwell, Cinatti acabou de organizar a primeira versão de *Um cancioneiro para Timor*, publicação onde, mais uma vez, surge em destaque a figura do “nómada amigo”, como adiante veremos em pormenor. O poeta terá julgado conveniente incluir esses textos em *Paisagens timorenses com vultos*, como o próprio confirma nas preciosas “Notas aproximativas a alguns poemas e uma advertência” (OP: 545-563): Cinatti chama aí a atenção para o facto de que o cancioneiro “conteria os presentes poemetos, se os mesmos não diferissem do conjunto total – 106 – por exigência de ordem métrica que não pelo estilo ou propósito que a todos coube” (*ibidem*: 546).

Enfim, se dúvidas houvesse, estas breves notas acerca das ocorrências do “nómada amigo” ou de outros termos que directamente ou indirectamente o evocam, vêm demonstrar que é possível encontrar na obra poética de Cinatti a preocupação com a unidade temática da mesma, conseguida através da incorporação de poemas já publicados em colectâneas posteriores, mas que isto acontece havendo a preocupação, também de tomar Timor como centro, o que se confirma sobretudo em *Um Cancioneiro para Timor*. O que se passa em *Corpo-Alma*, no que diz respeito à (re)evocação do “nómada amigo” é de outra ordem, como veremos.

3. Notas sobre a recepção crítica de Ruy Cinatti

O livro *do nómada meu amigo* tem sido frequentemente visto como uma colectânea que veio clarear as águas no que diz respeito à recepção da poesia de Ruy Cinatti, reunindo o consenso que as duas obras iniciais não haviam conseguido. Adolfo Casais Monteiro, a propósito de *Nós não somos deste mundo*, com evidente cautela mesclada de alguma, quanto a nós, incompreensão, reclama Cinatti para a prosa. Responsabilizando a juventude do poeta pela indefinição da voz ou pela incapacidade de, poeticamente, “expressar emoções ou estados de determinada ordem” (1972: 288) e compara alguns dos seus poemas com traduções, referindo-se aos poemas como

retratando momentos de (re)criação poética que decorrem como os momentos de tradução em que “o tradutor não quer perder uma imagem que é bela no original, mas que não consegue tornar poesia na sua própria língua.” (*ibidem*: 289).

Partilhamos da opinião de Casais Monteiro ao darmos conta da oscilação que, em termos globais, esta colectânea de estreia denuncia: “Há bastantes poemas, ou inteiramente belos [...] ou fragmentariamente [...]” (*ibidem*: 290). Aliás, o Padre Manuel Antunes, em crítica à selecção de Alberto de Lacerda, publicada em 1951, foi sensível precisamente a esta mesma oscilação:

Formalmente a mesma variedade, em que os metros clássicos caminham rítmicos, lado a lado com as mais ousadas inovações modernistas. Nestas e naqueles encontramos belas realizações, embora aqui e além nos fique a impressão de inacabado e demasiado indefinido (Antunes, 1952: 129).

Manuel Antunes já destacara este aspecto cerca de onze anos antes, ao recensar a primeira publicação de Cinatti ao sugerir: “Ruy Cinatti talvez ganhasse tornando-se mais espontâneo na clarificação do próprio pensamento através de uma forma mais directa e fácil [...]” (1941: 468). Se estas apreciações são, de alguma forma, moderadas, veja-se o que João Gaspar Simões registou acerca de *Anoitecendo, a vida recomeça*:

Quando Ruy Cinatti publicou o seu primeiro livro, *Nós não somos deste mundo*, há pouco mais de um ano, tive o prazer de o saudar como um dos novos poetas mais ricos de vida interior, embora me recusasse a acreditar que o seu verdadeiro destino fosse a poesia. Agora, Ruy Cinatti publica um novo livro, *Anoitecendo, a vida recomeça* (*Cadernos de Poesia*, 1942) e os meus prognósticos parecem realizar-se [...] (Simões, 1942: 10).

Mais uma vez, são a vida interior e o lirismo latente que ressaltam e que a todos agradam; ao contrário, é a expressão que parece ter caído em seara alheia e que não encontra grande simpatia: “ausência de ritmo, insuficiência de densidade expressiva, pobreza de recursos verbais e carência de tensão poética” (A. do E. S, 1941: 357 e 358). O crítico fala ainda em “expressão super-realista” (*ibidem*: 357), dando-a como uma roupagem pobre para exprimir os temas, que segundo o mesmo “são humanos e impressionam” (*ibidem*: 358).

No outro extremo, encontramos, por exemplo, as opiniões de Carlos Queirós e Alberto de Lacerda, já aqui mencionado. Ambos, a nosso ver, mais tolerantes, talvez porque mais esclarecidos, mas, é importante dizê-lo, mais expectantes, reconhecendo que não se deveria reduzir um poeta como Cinatti, com a profundidade que todos lhe haviam reconhecido, a dois livros onde – e aí estamos de acordo – o traço que mais dissonância provocava entre forma e expressão era a juventude. Veja-se a abertura e o

esclarecimento que Carlos Queirós coloca na apreciação de *Nós não somos deste mundo*, aconselhando ao leitor um caminho que Jorge de Sena ou Joaquim Manuel Magalhães viriam a trilhar:

Onde se sente que ficou por encontrar o seu ritmo próprio [...] antes de pensarmos que o poema falhou, devemos louvar o poeta por não ter querido ladear a dificuldade da comunicação, servindo-se de ritmos alheios, de imagens vistosas ou de rimas bonitas. Se existe em uma intenção que antecede, muitas vezes a espontaneidade, é a de encontrar-se a si mesmo, inteiro, por caminhos lealmente procurados e corajosamente descobertos (1941: 4).

Sejam as impressões por nós registadas fruto ou não de incompreensão relativamente à poesia com que Ruy Cinatti se iniciou, o que parece é que este foi vítima das formas poéticas com que pretendia deixar vestígios da sua passagem pela Poesia e que Helena Cidade Moura, de forma elegante, diz serem “dissonantes para um ouvido cartesiano” (Moura, 1961: 64).

A tese da incompreensão poderá facilmente afigurar-se-nos defensável se tivermos em conta algo relevante. Jorge de Sena, na sua recensão a *Poemas escolhidos*, refere-se à “originalidade intrínseca da linguagem poética” (Sena, 1988: 114) cinatiana e abre o seguinte parêntesis acerca dessa mesma linguagem: “ainda mais difícil de apreender há dez anos do que hoje (1952), pois que então “não existia culturalmente em Portugal a poesia inglesa, na sensibilidade da qual se insere muito da atitude poética de Ruy Cinatti” (*idem*). Por sua vez, Joaquim Manuel Magalhães, ao referir-se ao poema “Ilha”, no seu esclarecedor posfácio “Senhor, eu não sou digno”, refere-se ainda à aprendizagem da técnica que Pound apelidara de Imagismo e continua dizendo: “Esse estilo como um sistema de limites / que não vingou na época continental / dos anos de aprendizagem de Cinatti / faria do melhor entre os versos algo / por muitos nossos hoje ainda ignorado [...]” (1989: 33), ignorância esta responsável pela desconfiança dos cultores dos “mecanismos automáticos” que acabaram por triunfar entre nós. J. M. Magalhães conclui de forma inequívoca (*idem*):

Cinatti, julgado por uma tradição
que não é a sua, virá a ser aceite
como uma espécie de poeta que se perde,
entre felizes envios botânicos,
de formas renovadas de fazer os versos
(o que é falso; porém o novo em Portugal
foi sempre promulgado por cultos parciais).

4. O livro do nómada meu amigo (1958)

Publicado cerca de dezasseis anos depois de *Anoitecendo, a vida recomeça*, *O livro do nómada meu amigo* surge antecedido de um percurso pessoal que, de alguma forma, deu resposta à inquietação que sempre caracterizou Cinatti. Deslocou-se pela segunda vez a Timor, onde permaneceu entre 1951 e 1955, desempenhando o cargo de Chefe dos Serviços de Agricultura do Governo de Timor. Esta estadia não foi pacífica e, se por um lado deu alguma resposta à sua apetência pela investigação botânica e pela Agronomia, por outro, também encontramos documentada a crescente indignação do cientista / poeta quanto à indiferença que o Estado Português dedicava a esta colónia. Parece óbvio que Cinatti não a compreende, nem poderia fazê-lo. Para Cinatti Timor não era uma questão administrativa. “A Natureza de Timor é fonte de vida”, escreveu em carta a Jorge de Sena datada de 16 de Maio de 1952 e citada por Peter Stilwell (1995: 202), pelo que poderemos depreender que aquela ilha paradisíaca correspondia a todas as imagens que Cinatti, desde jovem, vinha construindo. Era lá que se encontrava não só a natureza intocada, mas também o ser humano original, genuíno, bondoso, respeitador e isso, que para outros era razão para tornar o indígena servil, para Cinatti significava o retorno a uma pureza que há muito buscava conhecer e que, de alguma forma, reconhecia em si.

Foi durante esta estadia que lançou as fundações para o que viria a ser o seu terceiro livro de poemas. A crítica foi unânime em reconhecer nele a mesma inquietação, a mesma errância, mas, agora, esta interiorizava-se. Stilwell transcreve um excerto de uma carta datada de 22.03.1953, redigida em Timor, em que se lê algo que poderá ajudar a explicar este aspecto: “Fugir de mim próprio é a ‘ordem de serviço’, mas quanto mais fujo mais me aborreço” (1995: 211). Por aqui se pode depreender que, se na poesia dos dois primeiros livros assistíamos ao impulso juvenil da partida e a uma poesia que em vez de contar mostrava, na de *O livro do nómada meu amigo* vamos encontrar um equilíbrio entre o que estava fora do sujeito e o que dentro de si andava à deriva, como se a paisagem do paraíso surgisse nesta colectânea filtrada, de forma a garantir o apaziguamento que, por ingenuidade, inocência ou boa-fé demasiada, Cinatti não conseguia. A propósito do que acabámos de afirmar, observou Jorge fazenda Lourenço no posfácio a *Archaeologia ad usum animae*, com toda a pertinência, que “o poeta contrariado, desadaptado, só pode ser um nómada [...] na medida em que o

nomadismo, sendo indissociável da *errância*, significa uma demanda” (2000: 160). No caso do nosso poeta, assinala ainda Fazenda Lourenço, é na sequência desta busca que a “peregrinação se faz transcendência” (*ibidem*: 162) e que entra em jogo a questão da condição humana.

Esta colectânea de 1958 surge com continuidades e rupturas relativamente às publicações anteriores⁴² e será interessante analisarmos, no geral, as linhas com que Cinatti o coseu, bem como tentar descortinar o que com ele pretendeu, tanto em termos formais, como em termos ideológicos; e retenha-se desde logo a ideia de que não foi apenas a paisagem timorense que interessou ao espírito curioso e permeável do poeta. Esta permeabilidade revela-se inclusivamente entre as suas obras. Ana Hatherly, em recensão a *56 poemas*⁴³ (*JL – Jornal de Letras*, n.º 18, de 27.10 a 09.11.1981: 14), sugere uma leitura comparativa entre esta colectânea de 1981 e *O livro do nómada meu amigo*, apontando quatro tópicos: “1. rosto dominante: a disponibilidade do nómada, gosto pelo exótico e pela viagem; 2. culto do amor / saudade e do paraíso perdido; 3. justaposição da cultura clássica e da experiência linguística do quotidiano; 4. culto dos símbolos tradicionais orientado no sentido da descoberta do desconhecido” (*idem*). Oferece-nos dizer em relação a este levantamento temático que estas linhas de força se aplicam na perfeição ao livro de 1958, apesar da distância temporal que os separa. Tenhamos assim em conta estes quatro eixos, que desenvolveremos adiante, ao longo da análise da obra.

Um primeiro tópico a que poderemos dar atenção prende-se com conclusões retiradas de textos que antecederam a colectânea de 1958, publicados por Cinatti e em periódicos vários. Em “Ângulo do desterro” é a figura do “ilhéu” que lhe prende a atenção, “essa espécie do género humano que, além de sentir como todos os homens o

⁴² Luís Adriano Carlos (2000: 235-268) considera que a produção poética de Ruy Cinatti se organiza em quatro ciclos: o primeiro será constituído por *Nós não somos deste mundo* (1941), *Anoitecendo, a vida recomeça* (1942) e *O livro do nómada meu amigo* (1958); o segundo compreende *Sete septetos* (1967), *O tédio recompensado* (1968), *Memória descritiva* (1971), *Conversa de rotina* (1973) e *56 poemas* (1981); o terceiro engloba *Crónica cabo-verdiana* (1967), *Uma sequência timorense* (1970), *Os poemas do itinerário angolano* (1974), *Timor-Amor* (1974), *Paisagens timorenses com vultos* (1974) e *Lembranças para S. Tomé e Príncipe – 1972* (1979) e finalmente, o quarto, é constituído por *Borda d'alma* (1970), *Cravo singular* (1974), *O a fazer, faz-se* (1976) e *Import-Export* (1976). Considera ainda o crítico que *Manhã imensa* (1984), último livro publicado em vida do autor, se situa à margem de qualquer ciclo por cumprir “uma função de síntese e de cúpula” (*ibidem*: 251). Atente-se que o autor segue um critério temático e não cronológico, o que é pertinente. Se nos é lícito fazê-lo, em relação às obras póstumas, *Corpo-Alma* (1994), *Tempo da cidade* (1996) e *Archaeologia ad usum animae* (2000), diríamos que caberiam junto das colectâneas do 2º ciclo, pela proximidade temática e temporal, já que Cinatti começara organizá-las por finais dos anos 60. Com *Um cancionero para Timor* encerráramos o 3º ciclo, dedicado ao universo ultramarino. Esta visão de conjunto da obra poética de Cinatti, por si só, mereceria uma reflexão mais criteriosa e aprofundada, que aqui não nos será possível desenvolver.

⁴³ *JL – Jornal de Letras*, n.º 18, de 27.10 a 09.11.1981, p.14.

peso do céu, sente o horizonte do mar, que lhe corta os passos e as fáceis aventuras e o desdobra em vários seres [...]” (Cinatti, 1943: 33), descrição esta que nos parece natural em quem já havia aportado a alguns arquipélagos e que, de alguma forma, já se sentia um. Mais uma vez, é a Berlenga que lhe serve de cenário e lhe aguça a sensibilidade. Transferindo o prisma do ilhéu-outro para o ilhéu-eu, Cinatti afirma:

Eu bem o sinto em todos que se cruzam em mim neste momento: marinheiros de todos os mares, poetas e pescadores, loucos e náufragos. Todos eles clamam em uníssono a verdade terrível: morre e ultrapassa-te, integra-te e prossegue!... Pois não há outro caminho para quem procura conjugar as vias do exterior e do interior numa única direcção do ser. Todo o ilhéu ou mareante – que é um navio, senão uma ilha em movimento? – nasce numa encruzilhada. Ou se debruça totalmente para o ambiente que o cerca [...] ou, pelo contrário, se volta para o interior, para o espelho da sua alma, para a terra do seu berço [...] (*idem*).

O que nos parece importante realçar é a oscilação entre “exterior” e “interior” que o poeta procura “conjugar”, retomando algo que em “Metamorfoses de uma gaivota” já havia sugerido: “Homem! Faze de ti o tema que procuras!” (Cinatti, 1942: 3) e que vai ser um motivo interessante de observar em *O livro do nómada meu amigo*.

Em relação a esta obra, um outro pormenor que nos parece importante salientar desde já é a preocupação do poeta com a sua unidade temática e organização interna, talvez mais visível aqui do que nos livros publicados antes deste. Nos “Apontamentos sobre o nomadismo de Ruy Cinatti”, Ruy Belo refere-se à citação de Ezra Pound que serve de epígrafe à primeira parte do livro. Relaciona-a o autor de *Aquele grande rio Eufrates* com o facto de esta terceira publicação não representar “um progresso, uma evolução ou uma substituição de temas” (2002: 171) e, por isso, não ser relevante o facto de este ser o terceiro ou o primeiro livro. Preferimos associar o tópico da estrutura à citação de Ezra Pound que Cinatti usa como epígrafe, à qual Ruy Belo se refere: “It doesn’t matter which leg of your table you make first, so long as the table has four legs and will stand up solidly when you have finished it” (*OP*: 101). Se assim for, Cinatti evidencia uma aguda consciência da organização interna deste livro, resultante, por exemplo, de uma rigorosa tematização da poesia e dos poetas. Por outro lado, a referência a Pound vem tornar óbvia a importância que o poeta e crítico americano foi ganhando entre os nossos poetas, a par de T. S. Eliot, o que os tornou referências para muitas questões relacionadas com a poesia que criou.

Curiosamente, Ruy Cinatti começa a atribuir títulos aos poemas, algo que não acontecia nos dois livros anteriores. A resposta a este problema não é, de forma alguma, objectiva, no entanto, talvez possamos associar esta opção de Cinatti à crítica que ao

longo dos anos foi sendo publicada. Algumas resenhas orientam-se no sentido de considerar a sua poesia demasiado hermética, em que é difícil apreender o sentido dos poemas, captar a mensagem a eles subjacente. Ora, o título de um texto, entendido como fazendo parte dele, abre caminhos à sua decodificação. Não esqueçamos que qualquer texto, por si, é o produto de uma subjectividade, de uma lógica diversa da do leitor e que, por isso, pode colocar problemas de compreensão.

Veamos ainda o texto que abre o livro. O poema de Sophia de Mello Breyner Andresen, datado de Janeiro de 1956, mas publicado em *Mar novo*, de 1958, ano em que foi igualmente publicado *O livro do nómada meu amigo*, levanta questões interessantes. A dedicatória inicial “Para Ruy Cinatti ausente em Timor e algures após cinco anos sem notícias” (OP: 99) não foi incluída no livro de Sophia; foi Cinatti quem a colocou na sua publicação, provavelmente a partir de um manuscrito que lhe tivesse sido dado pela autora de *Poesia I*. A entrevista *Conversa Inacabada IV* documenta a escolha de Cinatti), evocando Palinuro e muitas outras figuras que, como ele, sofreram destino idêntico – mar / viagem / sacrifício / morte. O poema de Sophia marca claramente a temática do universo do livro, que tem tanto de timorense como de mediterrânico. Os exemplos são vários e encontrá-los-emos trabalhados mais adiante.

O poema de Sophia não se encontra muito distante deste ambiente. O universo evocado, tal como é apanágio desta poeta, é claramente mediterrânico e podemos reconhecer nele o tom épico que alimenta tantos dos seus textos. O deíctico que abre o poema instaura, desde logo, a distância que separa o sujeito e a figura que partiu, mas “aquele” que parte deixa marcas nos que ficam: a esperança, a saudade, o espírito de luta. Uma expressão como a “mais longínqua praia”, ou a presença de elementos como a “espuma”, o “sal” e o “vento”, evocam a figura do navegador (Palinuro) que, perdido, chega à costa da Lucânia, entregue a si e aos elementos, numa situação de completo despojamento. Os dois últimos versos da segunda estrofe (“Ele se perca, tendo-se cumprido / Segundo a lei do seu próprio pensamento”) vêm retirar dos ombros do que partiu a negatividade da ausência. Aquele que não ficou para “assistir à morte da verdade e à vitória do tempo” está desculpado porque a sua ausência permite que outra coisa se possa cumprir, neste caso ele próprio, daí que possamos pressentir algo de dimensão iniciática em torno desta figura: “Intacta é a sua ausência / Como a estátua de

um deus” (*idem*) ou ainda na proibição associada ao seu nome, possivelmente só acessível a qualquer entidade superior⁴⁴.

Se antes havíamos referido a questão da unidade interna da obra, eis o momento em que ela se começa a definir. Se observarmos todas as epígrafes, verificaremos que há algo que as torna comuns, exceptuando-se talvez a de Pound. Palinuro adquire desde logo relevância. Este, piloto de Eneias, foi o único homem sacrificado em troca de um mar calmo, mas tem permanecido, por assim dizer, como representação das almas que aguardam a sepultura. Segundo a tradição, teve de esperar que lhe prestassem honras fúnebres para finalmente descansar em paz. Na *Eneida*, Palinuro adormeceu ao leme e uma rajada de vento atirou-o ao mar. Mais tarde, quando Eneias desceu aos Infernos, encontrou-o entre as almas que, por ainda não terem recebido sepultura, viam vedado o acesso à última morada. Foi então que Palinuro lhe contou que nadara durante três dias até chegar à costa da Lucânia onde os naturais o assassinaram, tendo inclusivamente deixado o seu corpo na praia, insepulto. Ao escutar o relato, a Sibila vaticinou que, por uma série de intervenções divinas, os seus assassinos ver-se-iam obrigados a enterrá-lo e a prestar-lhe honras fúnebres (cf Grimal: 1992: 351).

A segunda epígrafe, “*Nudus in ignota, Palinure, Jacebis Harena*” (OP: 99), retirada do Canto V da *Eneida* (verso 871), não deixa margem para dúvidas: Palinuro surge aqui como mais do que uma referência. Mas há algo mais a explicar. Um aspecto que desde já nos parece importante é analisar as implicações das duas referências ao piloto. Embora só este pequeno trecho profético de Eneias seja transcrito, há algo muito interessante quando lemos toda a fala: “- Ó Palinuro, que demasiado confiaste na tranquilidade do céu e do mar, irás fazer sem sepultura numa praia desconhecida”⁴⁵. Na tradução da epígrafe que abre a terceira parte do livro, igualmente baseada na figura do irredutível piloto e fazendo parte de um episódio em que o Sono, filho da Noite e da Morte e pai dos sonhos, desce para o adormecer, podemos atentar num outro termo que nos parece relevante⁴⁶ e que aqui nos suscita comentário. É algo que se prende com a

⁴⁴ O poema de Sophia sugere um retrato alegórico de Cinatti, tratado pela autora como personagem mítica, além de amigo ausente “há cinco anos”. Esta questão da distância, da ausência e de Cinatti associado ao nomadismo viria a ser trabalhada por Ruy Belo em “Primeiro poema de Madrid” (*Transporte no tempo*, 1997: 45): “Saiba sempre o Cinatti timorense / o nómada do dito por não dito / que se tanto mais próximos quanto mais distantes / sempre sou seu leitor atento e dedicado...”, ambos, “peregrinos e hóspedes em outras terras” (*ibidem*: 46).

⁴⁵ Vergílio, *Eneida*, tradução de Luís M. G. Cerqueira (cantos I-VI), Cristina Abranches Guerreiro (cantos VII-VIII), Ana Alexandra Alves de Sousa (cantos X-XI) e Paulo Farmhouse Alberto (cantos IX e XII), Lisboa, Bertrand Editora, 2003, p. 106.

⁴⁶ O verso “*Te Palinure petens, tibi somnia tristia portans insonti*” (*Eneida*, V, 840) surge traduzido da seguinte forma: “Procurando-te a ti, Palinuro, e trazendo, ó inocente, tristes sonhos” (p. 105).

sua confiança excessiva, presente na primeira citação e com a inocência do mesmo, sugerida pela segunda. Também Peter Stilwell aponta estas características a Cinatti aquando da sua segunda estadia em Timor. Os projectos de Cinatti para o arquipélago, plenos de potencial gerador de bem-estar para as populações indígenas e para o conhecimento da terra e das gentes, nem sequer encontram eco nas autoridades e, em carta a Jorge de Sena, datada de 27.07.1953, lê-se: “Acreditei demasiado, na boa fé do meu próximo. [...] Eis porque, com uma estultícia de bradar aos céus, me firmo, quixotesicamente em princípios inadequados, de todo, às situações ou às pessoas com quem me relaciono...” (Stilwell, 1995: 209) Poderá, por isto, ter sido esta uma das razões para a abordagem desta figura numa obra que surge como resultado de uma experiência desgastante, já filtrada e refinada.

A importância de uma personagem como Palinuro em Cinatti fica esclarecida quando lemos, por exemplo, na quarta parte da entrevista publicada em *Grande Reportagem*:

Admiro muito mais o homem que tem como lema *désir* do que o que tem como lema *talent de bien faire*. Sou um homem do desejo, não da posse... Evoc[o] Palinurus, piloto de Eneias que o levou até Itália e depois se deixou dormir agarrado ao leme... foi atirado ao mar e acabou por morrer numa praia, assassinado pelos habitantes de uma ilha⁴⁷ (Furtado, 1985: 38).

E comenta, acrescentando: “ele de certo modo é o homem do desejo, o homem que, no momento em que tem tudo nas mãos, se desinteressa” (*idem*). No fundo, o que Cinatti questiona é a razão de, após uma missão avassaladora como a travessia do mar Jónio, por exemplo, e ter chegado às costas da península itálica, o piloto se ter deixado vencer pelo sono. Enfim, não cabe no âmbito do presente trabalho o aprofundamento do estudo desta personagem e da sua simbologia, bem como da intervenção dos restantes protagonistas no que a este episódio diz respeito, mas muito mais haveria a dizer sobre este.

Além destes, outros aspectos nos parecem importantes, como por exemplo, a associação que é possível estabelecer entre Palinuro e algumas das figuras que surgem ao longo de *O livro do nómada meu amigo*, ou se não com este, pelo menos com algo que tenha a ver com o universo evocado pela obra, na sua globalidade.

⁴⁷ Cinatti deixa ainda uma ressalva: “Aliás, Sophia de Mello, essa grande poetisa e minha amiga parafraseou o texto do Vergílio num poema que me dedicou e que serve de epígrafe a um livro meu *O livro do nómada meu amigo*” (*idem*).

Já anteriormente nos referimos à quantidade de poemas que Cinatti dedica a amigos, conhecidos ou a figuras que, de alguma forma, marcaram a sua formação, aspecto que marca as suas obras anteriores à publicada em 1958. *O livro do nómada meu amigo* não é excepção e, nele, os nomes evocados parecem surgir com algum método, ou pelo menos com um propósito específico. Parece-nos pacífico afirmar que são o mar e o universo ultramarino a este associado que servem de tônica dominante. Se a figura do piloto, entendida neste caso como arquetípica, estabelece desde logo uma ligação privilegiada entre a poesia e este elemento, algumas figuras evocadas na colectânea de Cinatti seguem-lhe as pegadas⁴⁸.

Alain Gerbault, por exemplo, que segundo o próprio Cinatti lhe serviu de figura inspiradora, foi um navegador solitário francês, logo, por condição, piloto exímio que, tal como o próprio Cinatti, foi igualmente um “coleccionador de ilhas” e abriu, com as suas viagens e respectivas narrações caminhos para que o nosso poeta, corroborando o impulso da partida e a sede de exótico. Alain Gerbault acabou por aportar e falecer em Timor, simbolicamente, nas praias de Díli, onde foi, digamos, sepultado sem ser sepultado, pois segundo uma passagem do *Diário*, datado de 1946 e transcrito por Peter Stilwell, foi ele mesmo que, em Díli, lhe construiu a lápide e escreveu o epitáfio, tratando, depois, da sua transladação para o Tahiti, território francês (1995: 174). No poema “Visão”, aliás, fica bem patente o pedido do aventureiro francês: “Sepultem-me no mar, longe de tudo” (*OP*: 105). Também o piloto de Eneias pedia que o sepultassem e, tal como este teve de errar pelo mundo dos mortos e aguardar que lhe prestassem as honras fúnebres para finalmente descansar em paz, também Gerbault passou por uma provação idêntica até encontrar, metaforicamente, a sua última morada.

José Júlio Maciel Chaves e Artur do Canto Resende, também eles, longe da pátria, a ocupar cargos administrativos, acabaram por perder a vida em nome de uma causa. Leia-se o poema 4 de “*Sunt Lachrimae Rerum...*” e perceber-se-á, desde logo, os que são epicamente cantados nesta obra (sublinhado pelo verso quebrado, de efeito enfático):

Senhora da Hora, vela
Pacientemente e sempre,
Por todos nós, pelo meu irmão

⁴⁸ Além destas referências, vindas do plano político ou intelectual, poderemos ainda salientar as de José Júlio Maciel Chaves, Artur do Canto Resende e José Cabral, três nomes ligados à administração ultramarina e ainda as de Alain Fournier, Manuel da Fonseca, Alexandre O'Neill ou Francisco Tenreiro, todos eles ligados à literatura.

desencontrado

E assassinado.
Por aquele que entre florestas antagônicas
Cumpru o seu dever de lábios mudos.
E pelo outro, maduro como um fruto
Sazonado nos pântanos (*ibidem*: 117).

O espírito de sacrifício e a entrega a uma causa em que se acredita, são aqui louvados. Daí que a figura de Cristo, o que “morreu na cruz” (*idem*), já no poema 5, seja aqui um elemento importante. Mais uma vez, não percamos de vista a figura de Palinuro. Reza a história que, para que a frota de Eneias continuasse viagem com mar favorável, alguém teria de ser sacrificado⁴⁹, e esse alguém foi o piloto e amigo do troiano, também ele, de alguma forma, “desencontrado / E assassinado”⁵⁰.

Enfim, entendemos estes três exemplos como um outro argumento que vem ao encontro da ideia já expressa de que, com *O livro do nómada meu amigo*, Cinatti pretende, de alguma forma, repor a justiça, ou seja, homenagear e conferir relevo a personalidades que, por se terem sacrificado à causa da defesa dos territórios e das gentes ultramarinos, ou que por serem seus amigos no meio intelectual, merecem figurar numa obra que encerra muito de épico. Por outro lado, contribuem em muito para conferir ao livro a coesão interna que nos parece ter sido bem programada pelo poeta, coesão que, aliás, extravasa os limites gráficos do livro de 1958. Na mesma entrevista já citada, Joaquim Furtado comenta, a certa altura: “Poesia... Rimbaud em cima daquela mesa e também Guevara e S. Francisco de Assis...” (1985: 39); Cinatti acrescenta: “São imagens de homens que acima de tudo, foram coerentes. Aquilo que pensaram assim sentiram, assim viveram. Todos eles deram a vida pelo seu ideal. Um, morte cruenta; outro, morte no hospital; outro olhando a face de Deus” (*idem*).

Se optarmos, como fez Peter Stilwell, por entender o “nómada amigo” como um *alter ego* de Cinatti, então poderemos com toda a segurança tentar perceber o que esta figura tem em comum com a de Palinuro. A resposta parece estar nos próprios poemas. No ambiente saudoso marcado pela separação de “Amizade” (1992: 103), na navegação ora incerta ora definida e no despojamento sugerido pela nudez face ao “destino implacável” do naufrago de “Destino” (*ibidem*: 104); na figura do timoneiro, perfilada

⁴⁹ Vergílio, *Eneida* (2003), p. 105 – “Haverá apenas um que, perdido no abismo, procurarás em vão. Uma vida será por muitas dada”.

⁵⁰ Além destas referências, vindas do plano político ou intelectual, poderemos ainda salientar as de José Júlio Maciel Chaves, Artur do Canto Resende e José Cabral, três nomes ligados à administração ultramarina e ainda as de Alain Fournier, Manuel da Fonseca, Alexandre O’Neill ou Francisco Tenreiro, todos eles ligados à literatura.

em “Os Trabalhos e os Dias” (*ibidem*: 107-108), poema que evoca Hesíodo; na cerração dos horizontes referida em “A Porta Estreita” (*ibidem*: 114), remetendo para a cerração do Mar Jónio com que nem o piloto troiano parecia, por vezes, conseguir lidar; no abandono, na solidão, na angústia de quem longe dos seus se encontra e sem eles tem de lidar com a adversidade, mergulhado num vazio e sujeito a uma nudez que, tal como noutros poemas, acentua aqui o despojamento que, apesar de tudo, estoicamente se aceita. Ora, tudo isto se pode perfeitamente moldar à figura do nosso nómada, aquele a quem Cinatti pretendia, tomando-o como um dever, mostrar o mundo.

4.1. A VIAGEM

Biograficamente, valendo-nos mais uma vez do contributo de Stilwell para perceber o que se passou na vida de Cinatti entre a publicação de *Anoitecendo, a vida recomeça* (1942) e de *O livro do nómada meu amigo* (1958), podemos registar, entre várias viagens, as duas estadias em Timor, a primeira em 1946/1947 e a segunda entre 1951 e 1955, e uma permanência em Lisboa, entre 1948 e 1951, que se pautou pelo abatimento, resultante de uma série de contratempos institucionais e familiares, bem como o regresso a Lisboa em Janeiro de 1956. Fazendo o balanço de ambas as deslocações a Timor, poderemos atender às palavras de Cinatti, colocadas em epígrafe: “Timor serviu-me poeticamente para um ajuste de contas entre mim e o mundo, entre o meu ser autêntico e o de todos os dias” (Stilwell, 1995: 231). Dessa altura em diante, será a cisão surgida entre estes dois seres que vai determinar a mudança de nível na viagem deste nómada. O texto que serve de posfácio a *Sete septetos* é explícito no que diz respeito a esta interiorização da viagem. O percurso físico abriu caminho a um outro, de índole espiritual. O primeiro tê-lo-á forçado a confrontar-se com a injustiça, com a desorganização administrativa e respectiva demissão das responsabilidades para com os habitantes das colónias, nomeadamente Timor, e com a erosão do património cultural português nesses territórios, impeliu-o a empreender o segundo. A atendermos à personalidade, formação religiosa e predisposição do poeta para a procura da resposta para o mistério, facilmente se poderá compreender a viagem espiritual. Além disto, a

peregrinação interior⁵¹ não surgiu no período que antecede a publicação de *O livro do nómada meu amigo*, nem se sucede à partida para Timor, pois já em tempos idos Cinatti sentira que essa interiorização seria a resposta para muitas questões:

Se me é impossível escrever, pois bem, descerei a mim, irei pelos barcos, pelas escadas e montes. Talvez então compreenda e me seja possível apreender a paisagem e a natureza dos homens; aquilo que eles revelam de limpo e são apesar de toda a miséria e descrença (1942: 3).

O livro do nómada meu amigo deixa, por isso, adivinhar uma inflexão nos impulsos da viagem física a que assistimos nas duas primeiras obras. Tomando como possíveis pontos de partida quatro proposições: “A vida é toda mistério” (*OP*, “Proclamação”: 101); “O melhor mundo / Está por descobrir.” (“Vigília”: 106); “Abri caminhos mas não os cumpri.” (“Os trabalhos e os Dias”: 107-108) e “Não sei quem me criou.” (“O Fenómeno Humano”: 110), poderemos facilmente compreender a interiorização desta aventura. Compreender o tal “mistério de existir” pessoano, como já atrás referimos⁵², é algo que confere força à poesia de Cinatti, pelo que é óbvia a perspectiva do autor relativamente à possibilidade de o desvendar. A autognose, a descoberta de si nos outros e em Deus funcionam como motores. Visto que o melhor mundo está por descobrir, a estratégia adoptada vai aproximar-se muito da de Cesário ou de Caeiro. Não se trata somente de uma vigília, mas sim de uma deambulação que não se enceta apenas no plano físico; vai para além dele, como aliás já se adivinhava nas citações de Fournier e na evocação da tal outra paisagem que não se avista, mas se (pres)ente. Entre outros, mostra-o “Metabolismo”: “Cantei como alguém que assobia / E vai distraidamente / Deitando passo / A passo contas à vida.” (*OP*: 101). Como o poeta afirma, esta é a génese dos seus versos. Aliás, o verbo “Cantei” sugere a aproximação do canto à poesia, canto poético que, afinal, tem muito a ver com a deambulação, ritmada pelas aliteraões (“passo / A passo” ou “apressa / O passo”) e durante a qual o poeta vai fazendo o seu balanço de vida. Esta viragem ao interior de si mesmo está bem expressa em vários momentos do livro, como por exemplo no poema “Destino”: “Quanto mais me aprofundo, / Mais longas praias avisto / E orlas marítimas onde só a espuma / Tem a brancura nítida / Da verdade que evito.” (*OP*, 104), ou em “Vigília”: “Quero-me mais dentro de mim, / Surto e alado” (*OP*, 106), ou ainda em

⁵¹ António Alçada Baptista, eminente personalidade do grupo de católicos esclarecidos de que Cinatti estava próximo, usa o motivo do *homo viator*, de dupla matriz (Fernão Mendes Pinto e textos bíblicos) no título de dois volumes da sua obra: *Peregrinação interior*, vol. I (1971) e *Peregrinação interior*, vol. II, (1982).

⁵² Cf. Página 15 da presente dissertação.

títulos como, “O Sopro Interior”, “Meditação”, “Secreto Apelo” ou “Exorcismo”⁵³. No fundo, trata-se de entender que é o sujeito que passa a objecto, como sugere a imagem de “Eros” (*ibidem*: 103), que aqui vê reflectida na água uma “face ignorada” (*idem*), a sugerir que esse percurso de conhecimento do eu não está ainda terminado. Há um paraíso interior que também convém conhecer, visto que o exterior já o preencheu. Deste modo, a solidão poderá ser entendida como um estado desejado, dado que é ela que lhe vai permitir a já mencionada descida a si (“Momento intemporal”, *OP*: 103); o homem-ilha precisa dela porque há muito para descobrir: “Outros mundos se somem / Outros no ar luzes reflectem sem origem. / É por eles que os meus passos não param. / É por eles que o mistério se incendeia” (*ibidem*: 109).

Além disto, se estivemos a observar os elementos que nos levam a comprovar esta viagem por dentro do homem, também temos de equacionar a realizada por dentro do poeta, da própria poesia e da literatura em geral. Repare-se que ao longo do livro Cinatti revisita muitas figuras que fazem parte da tradição literária ocidental – Vergílio, Shakespeare, Rimbaud, Pessoa, Antonio Machado, Ruben Darío, Ezra Pound, Paul Éluard. Esta revisitação tem a ver com algumas marcas indeléveis que estes autores deixaram. Podemos referir o carácter matricial da *Eneida*, Vergílio, *Ricardo III* e *Hamlet*, no caso de Shakespeare ou a importância de Rimbaud para a poesia posterior, poeta que é homenageado no poema “Em penúltima análise” (*OP*: 112), lado a lado com Ruben Darío⁵⁴.

O tratamento da temática da viagem não se fica por aqui: sempre foi em Cinatti um elemento simbólico da maior importância, associada à matriz épica. Já aqui referimos que a viagem, neste poeta, simboliza a descoberta, a aprendizagem, o amadurecimento. António Cândido Franco foi sensível a esta questão ao observar que o itinerário poético do autor de *Nós não somos deste mundo* se baseia em larga medida num “diálogo com o desconhecido” (Franco, 1985: 3), qualquer que seja a forma de que se reveste. Por isso, Cândido Franco escreveu ainda que a “viagem torna-se uma questão essencialmente metafísica, pois a procura de um centro onde nos será possível aceder a uma estreita identificação entre o ser, o lugar e o tempo é, antes de mais nada, uma procura no interior de nós mesmos”. E, se atrás nos referimos a *O livro do nómada meu amigo* como uma obra de confluência de várias tradições, agora podemos

⁵³ Estes poemas levantam questões muito complexas e interessantes, que precisariam de maior desenvolvimento num trabalho de outro fôlego.

⁵⁴ Cf. Stilwell, 1995. Ver as notas das páginas 258 e 259, em relação ao poema “Em penúltima análise...” e aos poetas e referências bíblicas que nele desfilam.

concordar com Cândido Franco quando inclui Cinatti ou, se quisermos, o “nómada seu amigo”, na senda de viajantes como Ulisses, Jasão, Eneias, Dante, Duarte Pacheco Pereira ou Camões.

Toda a colectânea publicada em 1958 se organiza em torno d’“aquele que partiu” (OP: 99), ausência que se faz notada imediatamente a partir do título. Significa isto que a figura ausente tenha de ser trabalhada com algum cuidado. Se cremos que a Viagem é aqui um elemento poético preponderante, temos de ter em mente que esta obra surge após a viagem empreendida, embora com um pequeno interregno, durante cerca de dez anos, década em que o poeta visitou inúmeros lugares e gentes. É íntima a relação entre os termos “nomadismo”, “habitação” e “viagem”, por razões óbvias, e *O livro do nómada meu amigo*, se trabalha nitidamente o primeiro e o terceiro termos, o segundo surge por inerência.

Cinatti socorre-se de muitas imagens que sugerem a passagem, a deslocação, quer seja por mar ou pelo ar. Em “O Sopro interior” assistimos à ocorrência de palavras e expressões como “barco”, “velas insufladas”, “rota”, “velas brancas”, num sopro interior que enche as velas de uma outra nau, que empreende uma outra viagem e que impele o sujeito em direcção a um “destino amado” (OP: 102), a um “Lá” que não tem localização definida, mas que constitui um ponto de escala, já que não nos parece correcto falar, em Cinatti, de pontos de chegada. Além das expressões citadas acima, “os patos bravos” (*idem*) de “Memória amada”, os “delfins” (*ibidem*: 105) de “O sonho” (*ibidem*: 106), a sugestiva associação, em “Contemplação” da “ave” com a “nave”, o próprio “regato” de “Regresso eterno” (*ibidem*: 108) e o “compasso” de “O fenómeno humano” (*ibidem*: 110), poderão ser acrescentados ao conjunto de motivos com que Cinatti trabalhou a errância e ajudou a inscrever a sua poesia sob o signo do nomadismo.

Em relação à epígrafe OP: 105) retirada de *Caminos de Castilla*⁵⁵, do poeta espanhol Antonio Machado, convém que nos detenhamos nela um pouco, dado que, se já aqui nos referimos, servindo-nos do exemplo de Ruy Belo e Ruy Cinatti, à questão da influência, também será legítimo observar mais esta. Antonio Machado, tal como Ruben Dário e Azorin, faziam parte das referências de Cinatti em termos poéticos. Detenhamo-nos um pouco no que é dito na introdução das *Poesías Completas*.

⁵⁵ A edição consultada foi *Poesías Completas*, edición de Manuel Alvar, Espasa, Madrid, 2011. Referimo-nos ao POEMA CXXXVII, III, intitulado “Parabolas”, p. 241.

Em primeiro lugar, há que referir que, pela leitura dos poemas do poeta espanhol, não será difícil percebermos as razões pelas quais Cinatti se sentiu atraído pela sua obra. Em segundo lugar, poderemos invocar a proximidade temática: a viagem, a figura do viandante, os caminhos, o mar e a evasão, que surgem a cada poema nas publicações de Ruy Cinatti. Mas um dos aspectos que nos parece mais relevante é o facto de entre ambos podermos dar conta de uma atitude perante a poesia e o mundo que os irmanou como poetas. Se não vejamos. De acordo com Manuel Alvar, para Antonio Machado ser poeta “le bastó el caminar” (2011: 9), “en silencio y com mirada profunda, convirtiendo en luz la propia bondade íntima” (*idem*).

Num dos textos de Cinatti publicados por Stilwell (“Texto autobiográfico”, 1995: 412-413) que nos fornece um esclarecedor - embora breve - perfil, podemos ler: “Em 1943 visitei Espanha (Badajoz, Mérida, Guadalupe, Toledo, Madrid, Aranguez, Cuenca, Valencia, Tarragona, Barcelona, Malhorca, Lerida, Valladolid, Sória, Leon, Lugo, Corunha, Santiago de Compostela, Vigo) ” (*ibidem*: 412); mais adiante, no mesmo texto, afirma: “Na literatura espanhola moderna adiro a Unamuno, Azorin, Antonio Machado, Enrique Larreta, Luiz Cernuda, Lorca e uns tantos outros). (*ibidem*: 413).

Além destes aspectos, como adiante se aprofundará, a epígrafe de Antonio Machado surgirá em *Uma sequência timorense* e *Paisagens timorenses com vultos*, o que, além de atestar a forte ligação de Cinatti à obra do poeta espanhol, levanta ainda questões interessantes do ponto de vista estilístico, dado que procura conciliar quatro aspectos que adiante desenvolveremos: o binómio terra / mar e o exílio como resultado do conflito entre a questão política e a questão íntima, pelo menos no caso de Cinatti.

4.2. O mar

Herman Melvill assinalou de forma pertinente, nas belíssimas páginas iniciais de *Moby Dick*, dedicadas precisamente à atracção que o mar exerce sobre o ser humano: “[...] meditation and water are wedded for ever.” (Melville, 1986: 94), associando a presença do mar à atitude contemplativa e reflexiva que em tantas outras páginas de literatura se encontra. Numa outra perspectiva, associa o mito de Dionísio à projecção no mar, na água, talvez em busca da própria imagem do humano: “It is the image of the

ungraspable phantom of life...” (*ibidem*: 95). É este, cremos, um dos grandes mistérios que rodeiam a relação do homem com o mar. Aliás, não será por acaso que um dos poemas de *O livro do nómada meu amigo*, “Eros”, levanta precisamente a questão da imagem: “Tomo de mim a parte que compete / À minha imagem [...] Olho-a depois como quem reflecte / N’água a face ignorada” (*OP*: 103).

Em Cinatti, percebe-se claramente que o mar é trabalhado sob vários pontos de vista. Por um lado, podemos imediatamente associá-lo ao cenário épico. Nesta colectânea, a épica está disseminada, não só através da presença de Vergílio, como ainda na da sua personagem, Palinuro. Há ainda que ter em conta os ecos de *Mensagem* ou a simpatia demonstrada por figuras já referidas, mais próximas do poeta no tempo. Em “O fenómeno humano” encontramos um exemplo desta ligação a obras épicas anteriores. “Não me deixa o mar onipotente, / A terra inteira erguida ao céu profundo.⁵⁶ / Cada passo da História me é presente. / Sou o compasso do mundo” (*ibidem*: 110) É este, pensamos, um dos poemas em que mais explicitamente Cinatti se coloca na esteira tanto de Camões e de Pessoa, como da tal linhagem de portugueses a quem corre no sangue o apelo do “Longe”, próximo da dialéctica magistralmente sugerida por “mar” / “terra” ou “céu profundo”. Trata-se de um ponto basilar da História portuguesa, afinal bem presente na memória do épico se este quiser que a sua obra tenha um fundo de verdade⁵⁷ (Magalhães, 1989: 37) a suportá-la no engrandecimento do herói. Aqui, este “eu” assume-se como o “compasso do mundo”, ponto a partir do qual se define o rumo, a rota a traçar e a seguir.

Este herói, como todos os que povoam o universo épico, tem uma missão a cumprir: “Olho em meu redor e vejo inacabado / O meu mundo melhor.” (“Linha de rumo”, *OP*, 111) Esta parece ser igualmente a missão do poeta, que poderá estar aqui a reclamar para si a função que muitos poetas reclamaram para a poesia ao longo do século XX: a construção de um mundo melhor e de uma sociedade mais justa. Ainda no mesmo poema, lemos: “Penso o futuro a haver. / E sigo deslumbrado o pensamento / Que se descobre.” (*idem*). Tudo isto, pensamos, significa a assunção do destino providencialista, não diríamos dos portugueses, mas daqueles portugueses que, como o poeta, associam o descobrimento ao eu e a Deus. Neste caso, a linha de costa que ao longe se avista e que deixa adivinhar o fim da viagem, pode ter vários significados: o

⁵⁶ Veja-se a semelhança deste verso com o presente no poema “O Infante” da *Mensagem*: “[...] a terra inteira surgir do azul profundo” (1997: 49).

⁵⁷ “[...] E de novo a lição de Pound / (‘a epopeia é um poema que contém história’).

descobrimiento do mistério da vida, do mistério de Deus, a percepção do “nada” que é a sua condição de homem. Porém, como afirma em “A Porta Estreita”: “[...] eu procuro horizontes / Cerrados pela Promessa” (*ibidem*: 114). Poderemos associar esta procura à ideia de que para lá do horizonte está outro horizonte e que, assim, esta viagem de descoberta estará na maioria das vezes destinada ao fracasso, como se as coisas por descobrir fossem grandiosas de mais para este Herói as desvendar. Aliás, este despojamento é, talvez, um dos aspectos mais atraentes na forma como Cinatti aqui trabalha o mar.

Na parte IV, de *O livro do nómada meu amigo*, intitulada “*Sunt lachrimae rerum...*”⁵⁸ - capítulo, aliás, dedicado a dois engenheiros que, como Cinatti, desempenharam funções administrativas - veja-se como o mar contrasta com o sujeito: “O mar tem fundos nus de areia fina / E poentes toldados pela neblina. / Eu não tenho nada, / Vazio [...]” (*ibidem*: 115). Numa clara relação com Camilo Pessanha (“Vê-se o fundo do mar, de areia fina...”, poema II de “Venus” (Pessanha, ano: 122), desenha-se o mesmo ambiente: o sujeito está em frente ao mar e o seu olhar detém-se sobre os mais pequenos elementos, no entanto, tal como acontece no poema de Pessanha, é para mais longe que o olhar deriva, desviando-se do imediato: “[...]a vista sonda, reconstrue, compara” (*idem*). Há, no poema “Venus”, uma distância imponderável entre o sujeito e o navio, visível ainda, mas irremediavelmente irre recuperável, servindo apenas para evocar “naufrágios, perdições, destroços” (*idem*). Em Cinatti, retoma-se este sentimento, pautado pela melancolia, de que se transporta um passado sobre os ombros e que, apesar de tudo, se tem de carregar sozinho. Esta expressão do vazio, do despojamento, contrastando com a do fundo do mar, coberto por fundos arenosos, além de ter muitos outros elementos nomeados ao longo do livro: “delfins”, “algas”, “Corais limosos”, “vagas”, “velas”, “gaivotas”. Este elementos, alguns dos quais microscópicos (como em Pessanha) são extremamente sugestivos, além de que aproximam o “eu” das “figuras peregrinas” que povoam a obra: Alain Gerbault, Palinuro, Jesus e a todos aqueles que, por uma razão ou outra sofrem de algo que por várias vezes é referido ao longo do livro: o desterro ou o isolamento, numa “ausência / Que antecede os silêncios da angústia” (p.115). Por isso, não entendamos o sentimento de desterro, de exílio ou de distanciamento apenas como a sùmula física de estar londe de tudo e de todos. Ele vai

⁵⁸ Vergílio, *Eneida*, I, 462.

para além disso, dado que ao longo da obra, tal como já acontecia em publicações anteriores, vão surgindo imagens de desencanto.

O mar surge também como última morada. Não no sentido anti-épico, como na epopeia camonianiana, associado às lágrimas de um povo, mas como algo desejado, como se só aí estivesse a paz prometida: “Sepultem-me no mar, longe de tudo” (poema), no pedido a que se segue o nome do navegador francês, como se de uma assinatura se tratasse. Este aspecto poderá servir para retomarmos a epígrafe de Antonio Machado: “Érase de un marinero / que hizo un jardin junto al mar, / y se metió a jardinero. / Estaba el jardin en flor, / y el jardinero se fué / por esos mares de Dios” (OP: 105). A ironia reside na partida quando o jardim está no auge da sua beleza, querendo o poeta talvez sugerir que o apelo desses tais “mares de Deus” se afigura irresistível. Obviamente, não poderemos pensar só no sentido literal desta expressão. A partida que esta epígrafe deixa adivinhar está em perfeita consonância com a parte II do livro, que trata de algo espiritual também.

Em primeiro lugar, poderemos imediatamente retomar algo que já anteriormente referimos – o impulso da partida. Este poderá ter origem na manifestação de desconforto que inicia o poema “O Sonho”: “O peso da vida / Não sofre o afago da alma.” (OP: 105). Desde logo, percebemos a oscilação entre “vida”, que remete para algo mais físico, e “alma”, que nos leva em direcção ao interior, ao espírito. Está subjacente, claro, a demanda pelos “mares desconhecidos” (*idem*) como fuga, como tentativa de conquistar uma libertação que nem sempre é fácil e pela qual há um preço a pagar. Esta fuga ao “peso da vida” (*idem*) é válida tanto para o aventureiro, que não se enquadra nos esquemas formatados das sociedades comandadas por homens como “Os de Alexandria”, como para o poeta. Aliás, se os identificarmos não estaremos a cometer qualquer impropriedade. Mas esta partida, além de uma manifestação de irreverência, poderá ser igualmente entendida como uma busca, um “ajuste de contas” do homem consigo próprio, na tentativa de encontrar a beleza poética do mundo nas paisagens que ficam para lá de um horizonte que não mostra, mas promete. No fundo fala-se aqui daquele sujeito que afirma em “Natal”: “No muro da minha alma há uma fresta. / Por ela entra o vento e a multidão / Das vozes e dos signos.” (*ibidem*: 104) Assim, este ser permeável é aquele que persegue o conhecimento e a aventura, desperto para a variedade das terras e dos seres. Esta limpidez do espírito, aliás, coaduna-se perfeitamente com a da paisagem. E esta abertura é necessária porque há duas peregrinações a fazer: “Paralelamente sigo dois caminhos / Abstracto na visão de um

céu profundo.” (*ibidem*: 106) Esta referência aos dois caminhos abre lugar a uma estratégia discursiva que resulta bem quando aquilo que se pretende é exprimir a opção, como se esta figura se encontrasse numa encruzilhada. Este poema está, por isso, repleto de antíteses e situações paradoxais. O mundo que se procura nem sempre é palpável, pelo que será de ter em conta o que Ruy Belo (2002: 171) aponta, concordando com Carlos Branco, como sendo as grandes temáticas da poesia de Cinatti: “Não ser deste mundo, não estar neste mundo, não ser para este mundo.”⁵⁹. O próprio poeta dá conta disso ao afirmar: “O melhor mundo / Está por descobrir.” (*OP*: 106), mas este mundo que está por descobrir não se encontra através dos meios normais de navegação e de orientação: “Não segue a lua / Nem o perfil da proa” (*idem*). Ao invés, temos uma situação mais obscura: “Vai direito / Ao vago, incerto / Bater das velas sinalado e oculto” (*idem*). Percebemos a razão disso quando lemos a manifestação de vontade do poeta: “Quero-me mais dentro de mim, / Surto e alado [...]” (*idem*). Por isso, esta “Vigília”⁶⁰ não está isenta de contradições. Aliás, parece ser com base nas antíteses que podemos perceber as oscilações do sujeito, resultado talvez de hesitações, inconstâncias ou até de desorientação. A ocorrência de expressões como “céu profundo”, “Nem um nem outro”, “sinalado e oculto”, “surto e alado” exemplifica o “Ameno / Brincar de almas verticais” (*idem*), cuja aparente desorientação embate na certeza de que o “melhor mundo está por descobrir” (*idem*).

4.3. A ilha

Não são poucas as vezes que a ilha ou as ilhas surgem na poesia de Ruy Cinatti. Basta percorrer a sua vasta bibliografia para vermos como faz sentido o epíteto de “Coleccionador de Ilhas” que Luiz Fagundes Duarte lhe aplicou (1985: 12): os arquipélagos de Cabo Verde, São Tomé e Príncipe e a ilha de Timor, são apenas alguns dos locais que se interpuseram no seu rumo. Aliás, a poesia e a pessoa de Cinatti parecem seguir um percurso curioso, quase poderíamos dizer contracorrente, na medida em que, de forma um pouco contraditória, pelo que será interessante debruçarmo-nos

⁵⁹ Ruy Belo, “Apontamentos sobre o nomadismo de Ruy Cinatti”, *Na senda da poesia*, pp. 170-177.

⁶⁰ Esta “Vigília” evoca não só a de Palinuro, mas também a de Jesus Cristo, no horto das oliveiras. Esta afigura-se simbólica pelo sentimento de solidão que sugere.

um pouco sobre a presença deste elemento em *O livro do nómada meu amigo*, já que nos parece surgir tendo em conta algumas das suas potencialidades sémicas.

Uma primeira referência poderá incidir na “Ilha” física, destino de chegada ou de escala, ponto de terra isolado na imensidão do mar. Como Carlos Branco (1960) anotou no seu ensaio “A poesia de Ruy Cinatti e o mistério da passagem”, esta não tem necessariamente de corresponder a uma ilha em particular, basta que possa sugerir no leitor o estado de espírito de um viajante atento aos sinais que denunciam o termo de uma viagem solitária. Paradigmático neste aspecto é o poema “Ilha”: “Ave! / Prenúncio de arvoredos” (OP: 106). Repare-se que a condensação discursiva é inversamente proporcional às potencialidades de significado, pelo que este poema poderá ser igualmente visto como um exemplo perfeito da depuração que a crítica reconhece à sua poesia. Num dístico, o poeta resolve o que a tradição da arte de navegar registou ao longo de tanto tempo. Era comum, durante as viagens, os vigias estarem atentos a qualquer sinal que pudesse fazer adivinhar a presença próxima de terra, com a exclamação a ilustrar o seu possível alerta. Também aqui isso é sugerido, com o extraordinário efeito da antítese criada pela singularidade da ave a contrastar com a abundância e a cerração, sugeridas pelo termo “arvoredos”.

No entanto, esta ilha, um pedaço de terra rodeado de água por todos os lados, é um símbolo de solidão, que, como se depreende da leitura de alguns poemas, não tem de ser necessariamente negativa. Esta é um dos motivos comuns nesta colectânea de Cinatti, e que poderemos relacionar com vários aspectos. Um deles é o isolamento e a distância que, desde o poema de Sophia, são sugeridos e, depois trabalhados em alguns poemas, como “Amizade”, por exemplo, onde se lê: “Longe de tudo quanto amo, sonho / Amigos, longe, como foram dantes: / Vivos ainda / E em dor de mais um dia separados” (*ibidem*:103). Em “Momento intemporal”, onde a solidão, inclusivamente, surge desejada: “A solidão, e o que há de mais aberto: / Rosa por desfolhar, / Quero-a eu agora – e ao largo vento / a roda dos sonhos confiar.” (*idem*) Ainda, visto que a solidão poderá encontrar-se associada ao sentimento de melancolia que também percorre os poemas de *O livro do nómada meu amigo*, leia-se “Natal” (*ibidem*: 104). Este parece-nos o poema que melhor ilustra o sentimento do sujeito relativamente a algo distante no tempo e, por isso, já inacessível. Com a linguagem a servir magistralmente para sugerir esta distanciação, quer através do advérbio “Já”, ou do deíctico “aquele”, quer através do jogo de tempos verbais que ilustram claramente a diferença entre um passado povoado pelo “amor” ou pela experiência da “vida sonhada” e um presente já

vítima da erosão do tempo: “Tudo se foi, pouco nos resta [...]” (*idem*) e, de seguida, o desalento: “[...] Ilhas não há” (*idem*). As ilhas, que, como sugere Peter Stilwell ao referir-se a este poema, escrito em 1950, foram alvo do fascínio de Cinatti na juventude (cf. 1995: 250-251), tempo em que a aventura ainda era alimentada pelo idealismo e pela vitalidade, surgem agora apenas dentro de si e, claro, marcas de solidão, sobrevivem apenas na memória. Porém, parece-nos igualmente pertinente ler este poema em conjunto com o seguinte, “Destino” (*OP*: 104), Ambos os textos parecem jogar com movimentos contrários sugeridos pela verticalidade ascendente da montanha no caso de “Natal” e pela verticalidade descendente da profundidade de “Destino”. Se, no caso do primeiro, a ilha que já se perdeu é agora substituída pelas “montanhas” que, símbolos do contacto com a divindade e da solidez, no espírito se elevam em direcção a algo que poderemos associar à transcendência, estádio que pede a depuração da solidão, no segundo, o caminho percorrido faz-se no sentido inverso, retomando versos já citados: “Quanto mais me aprofundo, / Mais longas praias avisto / E orlas marítimas onde só a espuma / Tem a brancura nítida / Da verdade que evito” (*idem*). Este cenário, que o sujeito, apesar da neblina ainda assim distingue após ter descido ao fundo de si, se parece dar sequência ao conformismo com que encerra “Natal”, esbarra num “rochedo” que trava a vontade, “Proa da vida”. “Destino” termina, assim, com a imagem pura do despojamento do derrotado, joguete nas mãos de um fado que apelida de “implacável e certo” (*idem*).

No fundo, o que está em causa em *O livro do nómada meu amigo* é a peregrinação do poeta em busca de si próprio, daí que uma terceira implicação do recurso ao motivo da ilha se prenda com a sequência lógica que podemos apontar aos poemas que constituem a segunda parte do livro. A viagem pelos mares de Deus, como sugere a epígrafe (*ibidem*: 105), retirada de um poema do poeta espanhol António Machado, sonhada, não é linear. Há obstáculos com que o poeta não contava e, se na primeira parte já não havia ilhas, elas voltam a surgir, mas estas são de outra estirpe. O desconhecido encerra outros pontos de paragem que nem sempre abonam a favor do projecto de viagem. Podia o poeta estar a referir-se, por exemplo, à dúvida ou à incerteza, já anteriormente sugeridas. O sonho, no entanto, transforma-se na “Visão” de uma viagem e o poeta, dedicando o texto a Alain Gerbault, parece aproximá-lo do registo do diário de bordo: “Eu acordava / Entre aguaceiros límpidos. Pinhais, / Pássaros, flores, penumbra e arcada de árvores / - Momento / Que ao de leve anotava” (*idem*). Vai, ainda, dando conta do que é vivido ao longo do percurso, com a

enumeração dos elementos apreendidos e, mais uma vez, temos então a solidão a surgir como tópico dominante, não só coincidente com a opção do navegador, que a tomou como projecto talvez em função da necessidade de isolamento que o assolou, mas demonstrada até pelo verso quebrado “Eram ilhas” (*idem*):

Era o mar cheio de estrelas,
Barcos partindo para não sei onde.
Ondulações magnéticas, antenas,
Ansiedade...
Eram ilhas
Hercúleas: coroas
Vegetais sobrenadando [...].

Tudo isto, culminando na intersecção de discursos, como o pedido que surge no poema mesmo poema, entre parêntesis, em tom de última vontade: “(‘Sepultem-me no mar, longe de tudo’)”, assinado: “Alain” (*idem*).

Esta viagem exige, tal como todas as outras, uma “Vigília”, atitude própria de quem não quer perder o rumo, de quem precisa de estar atento ao “vago” e ao “incerto”. A recompensa, chega na forma da “Ilha” e aí, agora que aportou nesse local sonhado, paradisíaco, isolado, puro, reúnem-se as condições propícias à “Contemplação” (*OP*: 106), à “Meditação” (*ibidem*: 107). Tudo isto, em resposta a um “Secreto apelo” (*ibidem*: 108) que, para todos os efeitos, faz ressurgir a crença num “Regresso eterno” (*idem*). No fundo, depois de cumprido o itinerário de descoberta, as imagens que, nos primeiros poemas, surgiam difusas, envoltas em neblina, regressam agora, renovadas pela perseverança, pelo ardor do mistério e pela recuperação da “infância perdida”, numa atitude de optimismo que os poemas anteriores não deixavam adivinhar.

4.4. O mistério

Ao afirmar em “Proclamação” que a “vida é toda mistério” (*OP*: 101), Ruy Cinatti abre uma vez mais as portas da sua poesia ao universo do transcendente. A procura, aliada ao constante impulso da partida e à consequente errância, dá-se através de uma multiplicidade de caminhos possíveis que o próprio poeta, numa forma aparentemente linear de lidar com esta demanda, reduz a dois. Estes dois caminhos que “paralelamente” segue levam-no a afirmar também: “Abri caminhos mas não os

cumpri” (*ibidem*: 108). Esta atitude espelha o que no ponto anterior havíamos referido relativamente à expressividade das situações contraditórias ou paradoxais. Esta é outra dessas formulações que, só por si, lançam o mistério sobre os sentidos possíveis das palavras do poeta. Como se abre um caminho sem o haver cumprido? Talvez a resposta esteja no poema “Os Trabalhos e os Dias”, evocando claramente a expressão de Hesíodo, que partilha com este “nómada” essa antiga “arte oculta / de colunas partidas e mistério [...]” (*OP*: 107). Em primeiro lugar, temos a consciência, da *décalage* existente entre “sonho” e “acto”, separados, segundo o poeta, por um “rio fundo”. Por outro lado, temos a fragmentação, aqui símbolo da sua condição de cidadão de *nulle part*, que o impede de atingir a unidade que eventualmente o colocaria na via certa. Por fim, o “vento” que, ao soprar, afasta de si a “imagem que soluça / E lentamente se afasta na distância / Inconquistável, carregada de âncoras” (*OP*: 108). Esta imagem, trémula e fugaz, não contribui grandemente para a obtenção da unidade ansiada, até porque em “Regresso Eterno” assalta-nos a sensação de que o poeta associa esta imagem à que privilegiadamente acompanha todo o seu itinerário poético: a mãe, como já vimos. Se retivermos a ideia já anteriormente trabalhada do jardim que recupera os tempos da infância, facilmente percebemos a referência às “folhas que caem e distraem / O sentido interior” (*OP*: 109), entretido “Pela vivência de um corpo em cuja essência / A terra inteira vibra [...]” (*idem*). Num crescendo, através de elementos vários que sugerem o cumprimento de uma caminhada, o poeta vai perdendo mundos e ganhando outros, como se a curvatura da terra, que se vai percorrendo, deixasse sempre em aberto uma nova paisagem que se ganha para logo se perder. A noite, simultaneamente, lugar de “terror” e de apaziguamento (“E a noite se desfaz / Em altos silêncios puros”), (*idem*) poderia, eventualmente esbater as memórias: “Mas nada impede o renascer da imagem, / A infância perdida, reavida, / Nuns olhos vagabundos debruçados, / Junto a um regato que sem cessar murmura.” (*idem*) Se anteriormente já havíamos visto que é através da figura materna que o poeta se sente transportado para fora deste mundo, agora ficamos com mais uma prova da relevância que esse distanciamento adquire na poesia de Cinatti e nessa sua atitude inquieta de quem vive apaixonadamente a tensão entre aquilo que aquele Deus que “sobre todos paira” (*ibidem*: 110) legou à insignificante condição humana e entre aquilo que está nas mãos do homem fazer para contornar essa mesma pequenez. É igualmente por esta razão que o poeta expressa a própria divindade que os homens em si carregam, potenciadores do “Eterno” e da “Totalidade”. Duas das expressões deste desencanto são a solidão e o silêncio, que acabam por se associar ao

poderoso magnetismo de “um léxico carregado de flora e de fauna, dos costumes e da história, do trabalho e da imaginação de um espaço que [...] ascende a uma realidade superior: a do símbolo.” (Magalhães, 1981: 46) Ora, alguns dos símbolos recorrentes na poesia de Cinatti são os que têm a ver com a passagem ou com o Tempo: “a ave no ar claro” (*OP*: 101), “um barco no rio” (*ibidem*: 102), os “patos bravos” (*idem*), a “rosa prometida” (*ibidem*: 108), o “regato” (*ibidem*: 109), o “vento” (*ibidem*: 114), o “mundo / Ora fluxo-refluxo, ora imutável” (*ibidem*: 116).

Este problema da passagem associada ao mistério foi trabalhado de forma magistral por Carlos Branco (1960), autor que, partindo dos pressupostos da filosofia existencial acaba por lançar fundamentos imprescindíveis para compreendermos muitos dos problemas em torno dos quais a poesia de Ruy Cinatti gravita. Segundo este autor, se por um lado o mistério pode fazer crer num radical afastamento do real, por outro, há que ter sempre presente a ideia de que o que ultrapassa o real é desse mesmo real que parte:

Mas, se essa zona da realidade de onde e para onde somos está sempre presente na poesia de Cinatti, ela está também, sempre, muito longe, porque é neste mundo que apreendemos que não somos dele e não somos para ele e é da passagem por este mundo que a poesia de Cinatti dá sobretudo testemunho (Branco, 1960: 97) ⁶¹.

Assim sendo, faz sentido que, para Cinatti, a vida seja toda mistério, porque é ao longo dela que os segredos da relação homem / mundo vão sendo revelados. Se não forem, pelo menos fica a eterna busca de respostas que dá sentido à existência, como se não ter acesso à claridade total fosse até uma forma de continuar a dar interesse à sua passagem pela Terra. Como o próprio deixa ainda sugerido em “Regresso Eterno”, se, numa outra leitura, entendermos o poema como uma reflexão sobre a Poesia, esse “corpo em cuja essência / A terra inteira vibra / E a noite de estrelas premedita”, essa “ideia” em que “Tudo é possível porque a vida dura”. Além disso, através da palavra poética, mundos são construídos e visitados permanentemente, podendo esses constituir uma alternativa ao mundo real, logo, salutar, diríamos. Por isso, o nómada afirma taxativamente: “É por eles que os meus passos não param. / E é por eles que o mistério se incendeia” (*OP*: 108-109).

⁶¹ Ruy Belo, em *Apontamentos sobre o nomadismo de Ruy Cinatti*, refere-se a este autor nos seguintes termos: “E, em qualquer das duas primeiras obras de Cinatti, os grandes temas são, como perspicazmente notou Carlos Branco: ‘o não ser deste mundo, o estar neste mundo e o não ser para este mundo’ (2002: 171).

3.6. Solidão e fraternidade

Já apontámos ao poeta-nómada, em “escala de partida” (*OP*: 156) ou não, os impulsos da inquietação e da errância, quer no que diz respeito a opções de vida, atitudes e percursos, quer no que concerne a material artístico. Não é raro encontrarmos a figura do poeta associada à itinerância, mas o seu perfil ainda não está completo. O nómada, o que não tem morada fixa, aos olhos do sedentário é um marginal. É alguém que não se enquadra no estreito limite que um mundo crescentemente sedentário, impessoal e individualista tem vindo a impor. Ele não se ajusta a códigos sociais ou políticos. O seu grupo, se quisermos colocar a questão nestes termos e desviar-nos do indivíduo, está sempre à margem. É sempre o conjunto que fica às portas da Cidade e que é alvo da desconfiança dos cidadãos. Leis, normas e valores são ditados internamente e determinam atitudes em relação ao exterior do grupo bastante diversas. Quer nos refiramos ao nómada propriamente dito, ou, metaforicamente, ao poeta, é válido associá-los à memória que carregam e que passam de geração em geração, quer à sua funcionalidade entre os seus pares, como se só os membros de um mesmo grupo compreendessem o código que os une ou aproxima. Além disto, se o nómada se isola por recusar fixar-se, também acaba por ser aquele que, por natureza, adquire a tendência para a tolerância universal; viajante, seja por opção ou por necessidade, ele é o que tem de se adaptar a tudo e a todos, daí que seja também mais permeável ao outro, ao convívio, à partilha. O nómada recebe quando passa e deixa quando parte.

Cinatti, em quem muitos⁶² apontaram o apelo do nomadismo, solidário com o seu “amigo”, em quem prolonga a sua necessidade de partida e de viagem, não deve ter sido alheio ao que acima expusemos acerca desta figura que, afinal, tão cara lhe foi ao longo do seu percurso poético.

Avançando para a ponte que estabelecemos entre o nómada e o poeta, solitários seres, inadaptados e por vezes votados à incompreensão, atentemos, por exemplo, nas palavras de José Lins do Rego:

O poeta pode ser uma criatura solitária, recolhido à vida interior, fora das aparências e dos conselhos dos homens, e ser a gente que mais sente e mais vibra pelas dores do mundo. Pode ele parecer um lunático, um ser afastado da terra, e, no entanto, está como ninguém preso ao povo, íntimo de sua gente, como carne e espírito dos esquecidos, dos pobres, dos ricos, dos sábios dos ignorantes (Lins do Rego, 1954: 131).

⁶² Referimo-nos a José Blanc de Portugal, Alberto de Lacerda, Jorge de Sena, Ruy Belo, Manuel A. da Silva Ribeiro, Joaquim Manuel Magalhães, Luiz Fagundes Duarte, Jorge Fazenda Lourenço

Como poucos, soube este nómada pôr em prática este sentimento de fraternidade que ressalta das palavras do autor brasileiro. Porém, por paradoxais que estas palavras possam parecer, na medida em que apenas em parte têm a ver com a condição nómada do poeta, acabam por suscitar uma questão: como pode um ser intrinsecamente errante estar preso ao povo ou intrinsecamente solitário ser íntimo da sua gente? A resposta poderá estar precisamente no sincretismo que o define: o seu povo é a humanidade e a sua terra é o mundo. A poesia de Cinatti é o exemplo do que acabámos de transcrever, aliás, Jorge Fazenda Lourenço no posfácio a *Archaeologia ad usum animae*, foi sensível a isto reconhecendo que no poema “Ética poética” se encontra expresso o “princípio da solidariedade”, comentando de seguida: “Solidariedade e convivialidade que parecem estar em contradição com o carácter solitário do nomadismo” (2000: 165). Como poucos, soube este nómada pôr em prática este sentimento de fraternidade que ressalta das palavras do autor brasileiro.

Oscilando entre o universalismo e a representação da vida íntima do sujeito, a poesia cinattiana conta, assim, com a presença de uma figura, já aqui trabalhada, que poderemos tomar como outro dos aspectos em que o poeta procura a unidade interna da sua criação poética. Parece passar-se tudo como se a resposta para a solidão que atravessa poesia e poeta estivesse na criação da tal *persona*, o amigo que da publicação inaugural até às mais recentes de Cinatti nelas marca presença através de apóstrofes e reflexões. Poderemos mesmo dizer que além do nomadismo, a fraternidade ressalta como um dos centros de que se alimenta a figura poética de Cinatti e do seu “nómada amigo”.

É solitário que este sujeito poderá, por exemplo, cumprir o desígnio de não ser apenas mais um escritor, que Cinatti postulava em “Metamorfoses de uma gaivota”. Já nessa altura, cronologicamente distante de *O livro do nómada meu amigo*, o autor via, como hipótese de fuga à impossibilidade de escrever, a introspecção, numa atitude que, ao longo do seu itinerário poético, parece ter dado excelentes frutos e que, de novo, vem ilustrar o que anteriormente afirmámos acerca da tensão entre “exterior” e “interior”:

[...] irei pelos barcos, pelas escadas e montes. Talvez então compreenda e me seja possível aprender a paisagem e a natureza dos homens; aquilo que eles revelam de limpo e são[,] apesar toda a miséria e descrença (1942: 3).

Poemas como “Amizade” (OP: 103), “Momento intemporal” (*idem*), “Sinal dos tempos” (*idem*: 110), “Exorcismo” (*ibidem*: 111), “Linha de rumo” (*idem*), “Sunt

lachrimae rerum...” (poemas 1, 3; p. 115 e 116, respectivamente), demonstram de forma clara este sentimento de isolamento, que ora surge mais difícil de suportar (“Desterrado, / Desterrado prossigo. / E sonho-me sem Pátria e sem Amigos” (*idem*), ora menos (“A solidão [...] / Quero-a eu agora” (*ibidem*: 103). O sujeito procura sempre compensar esse isolamento, tornando fisicamente presentes aqueles que estão longe e adotando uma postura de fraternidade universal que está patente logo no primeiro poema de *O livor do nómada meu amigo*, “Proclamação” (*ibidem*: 101). Assumindo-se aqui o “nómada” como alguém que “largamente se deu” (*idem*). Além disto, não perde de vista, em momento algum, aqueles a quem dedica a parte IV (*ibidem*: 115 a 118) ou um poema da parte IV, “História pessoal” (*ibidem*: 117-118) (José Cabral), que tem como epígrafe uma citação de Paul Éluard, outra grande influência em Cinatti e que traz para a obra a temática da fidelidade, que poderá estar relacionada com a entrega a uma missão e a uma causa em nome da pátria. Tal como estes homens a quem vários poemas são dedicados, o nosso “nómada”, “empreiteiro do mundo” (*idem*), empreende uma viagem que se reveste de uma simbologia muito própria se tivermos em conta o que afirma no poema 2 da parte IV: “Caminho, mas tropeço” (*ibidem*: 116). Isto recorda-nos as viagens dos heróis intemporais que, antes de chegarem ao fim, lhes colocavam toda uma série de peripécias para pôr à prova capacidades como a persistência, a destreza, a astúcia, a coragem, mas a recordarem-nos, igualmente, a figura de Jesus Cristo, que caminhou e tropeçou, carregando aos ombros uma responsabilidade que assumiu, e que, lembrando a *ananké* clássica, aceitou estoicamente um destino imposto. Tal como estes homens, “Cumpru o seu dever de lábios mudos” (*ibidem*: 117).

III

O ITINERÁRIO DO “NÓMADA AMIGO”

PROFECIA

*Uma figura por ti inventada,
decerto – memória ou começo.*

*De quem falas tu? De ti? De nada?
De um amor só teu que não conheço?*

*A tua teimosia é desvairada.
Viveste, morrerás como nesceste,
nu, em praia abandonada
- o corpo devorado,
a alma ao lado numa alga seca.*

Ruy Cinatti⁶³

1. O “nómada amigo” na poesia de Ruy cinatti

O percurso desta figura não termina, como em capítulo anterior se observou, com a publicação de 1958, o que nos leva a entendê-la como um dos núcleos em torno dos quais gravita a poesia de Cinatti. Não nos parece relevante determinar aqui se esse centro é a memória materna, a “errância sonhadora” (Manuel A. Silva Ribeiro, 1995: 309), o ambiente ultramarino, a “esperança destriunfalizada” (*idem*) ou o trilho que o conduz a Deus, o que não caberia no âmbito da presente dissertação. Apesar de tudo, poderemos reconhecer que esta é uma poesia que respira graças a todos estes impulsos. Interessa-nos, sim, ver até que ponto o “nómada amigo” parece gozar de uma saudável longevidade que leva o poeta a revisitá-lo ou a convocá-lo sempre que necessário.

Retomando Ana Hatherly, atentemos desta feita no que afirma em relação a Cinatti. A autora refere-se à poesia deste “nómada experiente” (1981: 14) como sendo “sedutora e elegantemente desconcertante”, completando a apreciação nos seguintes termos:

⁶³ *Archaeologia ad usum animae*, prefácio de Jorge Fazenda Lourenço, Editorial Presença, Lisboa, 2000, p. 44.

Assim, a única afirmação que talvez se possa fazer com alguma segurança será que esta poesia, pela sua polivalência, negatividade, culto da evasão, erotismo e prazer da escrita, é realmente moderna (*idem*).

Tais palavras são extensíveis a toda a produção poética de Ruy Cinatti, mas, dado que estamos a tratar das colectâneas em que explicitamente intervém o “nómada amigo”, atentemos ainda na forma como a autora lê 56 *poemas* e coloca esta obra de 1981 na esteira da publicação de 1958 através da evocação de Palinuro e de Sinbad. Ana Hatherly associa-os não só à *persona* “nómada”, mas também ao próprio Cinatti – “o poeta é o eterno viajante”, “regressa simplesmente à pátria, retirando-se da vida de aventura e passando a desfrutar uma existência que tem algo a ver com a *aurea mediocritas*” (*idem*). No entanto, relevante para o que queremos demonstrar através do nómada amigo é o facto de concluir que esta “dupla *persona*”, visível na poesia de Ruy Cinatti, revela “uma mensagem de aventura e sabedoria” (*idem*). Porém, estes elementos, que constituem um tópico antigo no percurso de amadurecimento do Herói, surgem mesclados de “desespero e luta” (*idem*), que o poeta assume “com um sorriso excepcionalmente pouco português” (*idem*) .

Aquando da publicação de *OP*, numa evocação do *Jornal de Letras*, de 20 de Outubro de 1992 (com a colaboração de Fernando Guimarães, João Rui de Sousa e José Blanc de Portugal), deparamos com o epíteto “nómada nosso amigo”, aplicado a Ruy Cinatti. Mais uma vez sobressai a sua “vocação deambulatória” (J. Rui de Sousa, 1992: 16) que, segundo o crítico terá de ser considerada num duplo sentido: “no de uma inquietude que repercute, tematicamente, a variadíssima experiência de vida do autor; e no de uma inquietude que atinge a própria formulação da sua escrita, as suas propostas estilísticas” (*ibidem*: 17). Mas há que ser cuidadoso na aplicação do termo a Cinatti. Peter Stilwell foi sensível a isto ao observar que “Cinatti recorre por vezes à expressão “vagabundo” para referir a sua condição de poeta, mas nunca aplica directamente a si próprio a palavra “nómada” (Stilwell, 1995: 235). Talvez para criar nos leitores - e porque não em si próprio - a vincada consciência de uma instância cuja existência é materializada pelo poeta no início, por exemplo, de um poema como “Didáctica”: “Do indivíduo que em mim vive / ao indivíduo que em mim mora / dividido entre pessoa e / máscara [...]” (Cinatti, 2000: 15). Isto para nos referirmos a um poema mais tardio do percurso poético, dado que em relação a poemas anteriores já realizámos esse levantamento no início do capítulo anterior.

Assumida que está a presença assídua desta *persona*, poderemos então dizer que a mesma ressurge em *Uma sequência timorense* (1970), *Paisagens timorenses com vultos* (1974)⁶⁴, bem como nas duas publicações póstumas *Corpo-Alma* (org. em finais dos anos 60 e publicada em 1994) e *Um cancionero para Timor* (org. em 1968 e publicada em 1996). Mas vejamos cada uma individualmente⁶⁵.

1.1. *Corpo-Alma* (1994)

No prefácio a esta colectânea, póstuma, Peter Stilwell refere-se ao facto de haver, entre a “abundância de textos, cartas e documentos [...] mais de uma dezena de obras inéditas, organizadas por Cinatti para publicação” (1994: 9), apontando esta como a mais antiga delas, dado que a sua organização terá ocorrido entre 1966 e 1969. Esta hipótese assenta em critérios temáticos, entendendo-a o prefaciador condicente com “reavaliação a que Cinatti sujeitou a sua vida” (*ibidem*: 10) entre estas duas datas. No poema “Eterno Retorno” pode ler-se: “Assim, o clamor, murmúrio ou sede / quando escrevia: / anoitecendo a vida recomeça.” (*ibidem*: 20), poema que termina sugestivamente: “Anoitecendo, a vida começava. / Hoje, como outrora, principia” (*ibidem*: 21). No poema seguinte, “Anunciação”, assistimos à revisitação das três primeiras obras publicadas por Cinatti (Stilwell, 1994: 13).

No mesmo poema, o título da obra inaugural, *Nós não somos deste mundo* ocorre três vezes como monóstico, o mesmo acontecendo com o título da sua segunda colectânea publicada, que apenas surge uma vez, mas interessante é a forma como Cinatti encerra o poema: “Só, intranquilo, pela vereda, desce / o nómada meu amigo” (*ibidem*: 23). Desta forma, o “nómada” é agora claramente descrito através dos adjectivos “só” e “intranquilo”, epítetos que, como sobejamente vimos anteriormente, não são descabidos. Esta colectânea encerra passagens de extrema importância para percebermos como, nestes anos (1966-1969), Cinatti se posicionava relativamente à poesia. Em primeiro lugar, em “Verificação”, há um assumir claro do ofício de poeta,

⁶⁴ Tal como já tinha acontecido com *O livro do nómada meu amigo* (1958), consultámos as primeiras edições de *Uma sequência timorense* (1970) e de *Paisagens timorenses com vultos* (1974), mais uma vez, demos conta de pequenas questões de pormenor que não foram tidos em conta na *Obra Poética*.

⁶⁵ A ordem segundo a qual se procede à abordagem das obras mencionadas não se prende com a data da sua publicação, mas sim com a da organização das colectâneas, como acima se clarifica.

com um balanço a ser feito, desde os tempos em que os “versos / vinham timoratos, como preguiçosos” (1994: 25).

Há que colocarmos de lado as contingências políticas, internas e externas, neste livro bastante presentes, aliás, e virar a nossa atenção para o Cinatti escritor. É o próprio poeta quem o faz ao escrever no poema “Verificação”: “Neguei carreiras políticas / para me dedicar à poesia” (*idem*: 25). Se na publicação de 1958 apenas se podia adivinhar a associação do “nómada” com o poeta, aqui ela é evidente, cultivada até. Tudo parece acontecer como se Cinatti, através da revisitação da obra poética anterior aos últimos anos da década de 60, se quisesse assumir definitivamente como poeta, não querendo mesmo que reste qualquer dúvida sobre isso, como podemos ler em “Verificação”: “Que sou poeta já ninguém o nega” (*idem*). O poeta embarca depois numa revisitação das opções tomadas, como se lê nos versos “Neguei carreiras políticas / para me dedicar à poesia” (*idem*). Vida e obra surgem assim equacionadas: “Nunca mais soube / o que era ter sossego. / A maresia das ondas, a ventania / dos montes mais altos, decidiram / a minha condição. / Mas não me queixo...” (*ibidem*: 25-26). O sacrifício do sossego, que à partida poderá parecer negativo, acaba por ser aceite pelo sujeito, que parece entendê-lo como uma prova a passar em troca de algum valor mais alto. Todo o livro parece confirmá-lo: é a alma do nómada no corpo do poeta e o aceitar incondicional da inquietação, entendida como algo não intrínseco, mas que deriva da entrega à poesia. Esta entrega, que considera “Fatal!”, embora com uma certa dose de orgulho, garantiu-lhe o desassossego, numa clara relação entre poesia e inquietação.

Ao contrário do que viria a acontecer com *Uma sequência timorense* ou *Paisagens timorenses com vultos*, que a seu tempo abordaremos, em *Corpo-Alma* parece evidente a revisitação das primeiras obras, embora agora com um pendor mais ontológico, em que podemos reconhecer o cunho da maturidade. Em última instância, é como se estivéssemos perante um “Livro de Horas”, em que tem lugar um encontro do sujeito consigo próprio. Retomando a expressão bíblica que já figurara no final da colectânea de 1958, “*Consummatum est*” (Cinatti, 1994: 85), palavras de Cristo na cruz, o poeta apropria-se delas e da própria cruz, “assombrado” e assumindo para si a culpa pelo “pecado” e pela “blasfêmia”. Mais uma vez, também, sente-se a solidão, vincada pela primeira pessoa verbal: “[...] eu me consumo” (*idem*), outro dos grandes motivos da poesia de Ruy Cinatti.

1.2. *Um Cancioneiro para Timor* (1996)⁶⁶

Este surge como o mais etnográfico dos livros de Ruy Cinatti dedicados a Timor. Publicado pela Editorial Presença, igualmente a título póstumo, *Um Cancioneiro para Timor*⁶⁷ foi, segundo as palavras do próprio autor num texto de 1980, “completado em 1968 e apresentado no mesmo ano a concurso dos prémios da então Agência Geral do Ultramar” (Cinatti, 1996: 7). Acrescenta o mesmo que o livro não foi publicado na altura devido a “circunstâncias adversas” (*idem*). Mais uma vez, é Peter Stilwell, profundo conhecedor do espólio do poeta e das condições em que este foi produzindo as suas colectâneas que, na preciosa “Nota sobre o texto” (*ibidem*: 133-135), nos fornece dados importantes para compreendermos a génese deste *Cancioneiro*. Salientamos a existência de duas versões, uma em que a data indicada é 1968 e uma outra versão em que surge a indicação “Laboratório Nacional de Investigação Científica Tropical / Lisboa 1980”, de onde se podem retirar as conclusões que Peter Stilwell dá conta (cf. *ibidem*: 134).

No prefácio, da autoria de Jorge Dias (1996: 9-11), acedemos ao percurso científico e poético de Cinatti e vemos como ponto alto da sua evolução de “puro poeta lírico” (*ibidem*: 9) para um poeta mais completo, aquele que a determinada altura conseguiu transpor a “barreira do eu” (*idem*). A paisagem e a “disciplina das ciências naturais” (*ibidem*: 10) permitiram-lhe ser objectivo sem cair “nas abstracções pobres e banais” (*idem*).

Por sua vez, na introdução, texto da autoria de Cinatti, o “nómada amigo” é alvo de um tratamento curioso. As palavras que abrem o texto que Cinatti intitulou “Principio” são: “O timorense meu amigo ensinou-me muitas coisas” (1996: 19), observação que se encontra muito próxima do título da colectânea de 1958. À medida que vamos acompanhando a exposição, percebemos que o timorense vai ganhando estatuto e passando a “símbolo de gentes exóticas; abstracção humanística, corpo e alma [...]” (*ibidem*: 21), pelo que, a partir desta identificação, o “timorense” passa a ser

⁶⁶ Aconselha-se a leitura da recensão a *Corpo – Alma, Tempo da cidade, Um cancioneiro para Timor e Archaeologia ad usum animae*, intitulada “Cinatti póstumo”, da autoria de Joana Matos Frias, publicada na *Revista Colóquio/Letras*, n.º 161/162, Jul. 2002, p. 371-377.

⁶⁷ *Um Cancioneiro para Timor* conta com um prefácio de Jorge Dias, nota sobre o texto de Peter Stilwell, poema de João Barreto, fotos e uma longa introdução de Ruy Cinatti, onde se torna clara a indicação que já tinha veiculado em “Timor – páginas de um diário poético” (1948: s/ paginação): “Julguei que, sendo aquela a mais distante e a menos conhecida das terras do nosso Império, todos os que por lá andaram, e porventura a sentiram e amaram como eu, se não podiam furtar ao dever nacional de contar à Metrópole um pouco do que sabem a respeito de Timor”.

“Timorense” (*idem*). A diferença gráfica acompanha a diferença de estatuto, além de que, para terminar, afirma o poeta: “Iguais e diferentes do amigo que eu escolhera para modelo, só os Timorenses, na ilha de Timor” (*idem*). A asserção é sugestiva explícita: a criação da figura do “nómada amigo” não é gratuita em Cinatti. Mais do que um companheiro de viagem, mais do que um *alter ego*, este é uma figura tutelar, um modelo de conduta que faz com que seja veículo de aprendizagem, de amadurecimento e até de estímulo à acção.⁶⁸

Mais uma vez, tal como já tivémos oportunidade de observar no capítulo II da presente dissertação, em textos de Cinatti ainda dos anos 30, o surgimento desta figura reveste-se de contornos quase místicos, é uma visão, mas, mais importante do que isso, são os efeitos que exerce sobre si: é-lhe simpática, mas simultaneamente aterradora, traz serenidade, mas é arrebatadora. Em *Um cancionero para Timor*, voltamos a encontrar a mesma exaltação no contacto com esta figura (1996: 57):

Foi numa tarde de surda disposição, quando, abandonado, levantava mais alto a parede que me escondia o meu ser verdadeiro. O timorense meu amigo atravessou os vidros da janela, abriu-lhe as portas de par em par e obrigou-me a um exame inesperado. Eu mal pudera precaver-me, disfarçar a surpresa, desinibir o embaraço. Ele colocava-me entre a espada e a parede, dialogando numa linguagem secreta, ameaçando-me com torturas sem nome. Sorria, afeito, senhor do meu destino. A espada tinha o gume afiado e eram reluzentes as pulseiras; o disco de ouro no peito acobreado dardejava ardente como um sol. Eu traduzia perguntas e respostas, como se dialogasse comigo. E dava por finda uma discussão que, sozinho, jamais teria fim enquanto ele tirava o pano do ombro e o estendia no chão.

A interlocução transcrita vem depois a perceber-se, passa-se na intimidade de uma casa sobranceira ao rio que desagua em Lisboa: “Debrucei-me então da janela e acenei às barcas que tinha mandado lavar. Como outrora, desciam o Tejo”⁶⁹ (*ibidem*: 67).

A terminar o percurso desta figura basilar na poesia de Cinatti, resta-nos ainda uma última identificação. A fechar o texto inicial, intitulado “Fim”, lê-se: “O timorense meu amigo, agora João Barreto, foi à tropa e os tropeiros – alferes e tenentes – gostaram dele porque era poeta. [...] Como tantos outros timorenses, deveria ter o dom da ubiquidade. Regressado a Lisboa, publiquei o seu poema e enviei-lho. [...] Que o seu poema, agora republicado, ampare a homenagem que lhe presto neste cancionero – a

⁶⁸ A poesia, em Cinatti, parece igualmente surgir como um meio de agir, o que está de acordo, por exemplo, com o perfil do inquieto, já mencionado. É a palavra feita acção. Stilwell anota, na sua obra, a atracção que Cinatti nutria pela obra de Claudel (1995: 243), autor que afirmou, partindo da etimologia do termo: “Et le domaine propre de l’art et de la poésie est, comme ce dernier mot l’indique, de *faire*” (Não nos foi possível indicar esta referência bibliográfica, por ter sido anotada de passagem, sem havermos precisado a origem. Aplicamo-la aqui por considerarmos pertinente para ilustrar o argumento).

⁶⁹ Poderemos aqui evocar as “barcas” de João Zorro, através de Fíama Hasse Pais Brandão e do seu poema “Barcas novas”, de 1967.

ele e a todos os outros timorenses em cuja figura elegi o modelo de amigo; que estes meus versos possam ser lidos por ele, esteja onde estiver e haja o que houver, é o desejo veemente de quem não deixará de clamar, jamais, mas em vão – Barreto, poeta, timorense, meu amigo!” (*idem*).

Retenham-se, na citação transcrita, as palavras “esteja onde estiver”, relembrem-se as palavras iniciais do poema de Sophia que abre *O livro do nómada meu amigo*, dedicadas ao “que partiu” e que, por condição, se encontra algures. Mais uma vez, mesmo em obras distantes no tempo, o universo evocado é o mesmo: a partida, o lugar incerto, a ausência, o isolamento. É importante, ainda, parece-nos referir a sensibilidade que Cinatti reconhece a este “Nómada” seu amigo: vê poesia na exuberância da natureza, na lealdade das gentes, no carácter genuíno e puro das crenças, nas “dansas” (Cinatti, 1996: 37), nos rituais, na solidariedade, na saudável convivência entre sagrado e profano. Não espelhará isto, também, a forma como Cinatti habitava poeticamente o mundo, o seu mundo? Nem sempre esta questão é assim tão linear. São muitas as barreiras que se interpõem entre as almas sensíveis e o mundo. No caso de Cinatti, isto parece ter exercido a sua influência na poesia que produziu e até na forma como apreendeu e filtrou certas experiências e desafios que a vida lhe foi colocando. E assim, tal como o herói épico surge em alturas de crise, também o “Nómada Amigo” o fez nos momentos em que o poeta dele mais precisou.

1.3. Uma sequência timorense (1970)

Desde logo, oferece-se-nos dizer que o título é interessante por duas razões: por um lado, poderá aludir ao facto de o poeta querer afirmar a continuidade em relação ao seu primeiro livro sobre Timor, como se de uma sequela se tratasse; por outro lado, poderá remeter para a sequência de poemas que nele vamos encontrar, uma colectânea de textos sobre Timor. Na “Justificação”, texto datado de 1969, fica clara a marca indelével que aquele arquipélago longínquo em si deixou. Os poemas, tal como afirma o próprio, “pertencem a Timor” e, além disso, “testemunham experiências de vida que, embora passadas, ainda não deixaram de se fazer sentir com a aparência do que é actual” (Cinatti, 1992: 257).

A questão da continuidade fica imediatamente demonstrada em nota do organizador da edição de *OP* (Fernando Pinto do Amaral), onde ficamos a saber que os

poemas da primeira parte já figuravam em *O livro do nómada meu amigo*. Isso levara Cinatti a intitular a publicação de 1970 “Os poemas timorenses do nómada meu amigo”, acompanhando-a da mesma epígrafe com que abrira a segunda parte da colectânea de 1958. Fica deste modo assegurada, de alguma forma, a sequência temática e o estado de espírito que habitou o poeta, ao longo das suas duas primeiras estadias em Timor, que ele explica, afirmando: “esses poemas representam o deslumbramento dos meus primeiros passos na ilha, o manuseamento subjectivo da sua paisagem, o encontro total, culminado em “Regresso Eterno”, experiência pouco menos do que mística, segundo os entendidos” (*idem*).

Além disso, tal como observámos em relação a *O livro do nómada meu amigo*, a dedicatória vem corroborar a tese da homenagem sentida “a todos os metropolitanos amigos – portugueses que entre 1946 e 1966 participaram nesta experiência e lutaram por um Timor ainda não realizado” (*ibidem*: 259).

Um outro aspecto relevante é que, a partir deste livro, poderemos perspectivar não só a sequencialidade em relação ao que está para trás, mas também em relação ao que ainda estava (e está) por cumprir, como Timor, tal como se afirmou acima. Em relação a este livro, afirma Cinatti: “as três partes devem finalmente ser consideradas aspectos integradores de uma visão que pressupõe desenvolvimento” (*ibidem*: 258), que o poeta encara como um contributo pessoal que vem cumprir um desejo já antigo: dar a conhecer Timor, esperar que outros artistas por ele se interessem e, simultaneamente, homenagear essa terra e essas gentes que tanto lhe deram e a quem ele tanto deu:

Que essa meditação, ou visão poética, aumente em amplitude e profundidade, seja simultaneamente pensamento e acção, é desejo meu, a minha recompensa não só para mim, também para outros poetas que, em Timor, venham a descobrir vocação até em campos de expressão não literária (*idem*).⁷⁰

Esta colectânea, que no que diz respeito ao “nómada amigo”, surge na sequência de *O livro do nómada meu amigo*, introduz um dado novo. Em 1958, Cinatti quis dar conta das marcas impressas interiormente pela estadia em Timor, o que o levou a uma expressão poética mais intimista e à realização do já anotado aprofundamento, o facto é que o território não surge de forma clara nos poemas que lhe dão corpo. Aí o poeta, poderá ter iniciado o seu projecto de dar a conhecer Timor aos metropolitanos, mas

⁷⁰ Em relação a esta questão da “apropriação recíproca de temas e formas” (Belo, 1984: 18), Ruy Belo, na “Entrevista 1”, refere: “Ainda o ano passado se assistiu em Lisboa à primeira audição da cantata para voz solista e orquestra *Regresso Eterno*, de Filipe Pires, inspirada num poema com o mesmo título, da autoria de Ruy Cinatti” (*ibidem*: 18-19).

sentiu a urgência de, primeiro, lhes dar a conhecer o homem que a então colónia ultramarina fez dele. Ao invés, neste livro de 1970, o olhar do poeta já recai sobre as belezas de Timor e sobre os seus problemas também, o que reitera a forma como abre a “Justificação”: “Os poemas desta colectânea pertencem a Timor e testemunham experiências de vida [...]” (OP: 257).

No fundo, trata-se de dar conta de um *Timor-Amor* (ver anexo 1)⁷¹ que Cinatti sentia não fazer eco em algumas mentes mais afeitas à devastação do que à conservação, embora a esperança não conhecesse abrandamento:

E deste amor, desta integração total do homem-poeta, não hesito em afirmar, com Bertold Brecht, que só as lições da realidade nos ensinam a transformar a própria realidade (*idem*).

1.4. Paisagens timorenses com vultos (1974)⁷²

Em relação a esta colectânea, uma primeira diferença entre a primeira edição e OP é que poderemos desde logo apontar é a ordem por que surgem a “Nota de abertura”, texto datado de Agosto de 1973, e a dedicatória. A primeira edição parece-nos estar mais consonante com o que se deseja de uma nota de abertura, por isso ela surge antes de tudo, ao passo que em OP, Fernando Pinto do Amaral, porém, optou por trocar a ordem, colocando em primeiro lugar a dedicatória e a epígrafe (citação de Hölderlin) de Cinatti, e só depois o texto da autoria de Jorge de Sena.

É este último quem adverte, desde logo, para a questão da sequencialidade, admitindo a presença de Timor como o elemento que funde as publicações, presença esta que o prefaciador assinala como “imediata e polémica” (OP: 485) e adverte, para evitar equívocos, que esta “não é uma paisagem literária, ou um daqueles mundos a que os poetas se agarram para criar-se uma pequena mitologia própria” (*idem*), mas sim “um objecto em que se concretiza a aproximação do poeta consigo mesmo e com a vida humana dos outros” (*idem*), o que aliás, já ficou comprovado acima, aquando da referência à introdução de *Um cancionero para Timor* (1996: 69-70), com a reflexão do próprio Cinatti sobre o significado profundo das estadias em Timor.

⁷¹ Este anexo surge aqui na sequência do que apontámos acima (ver nota 59), em relação à missão de Cinatti em dar a conhecer Timor a todos os “metropolitanos amigos” (OP: 259). Na primeira edição de *Timor-Amor* é o próprio que faz questão de elencar os textos dispersos e as colectâneas de poesia em que Timor surgira como tema central. Mais uma vez, na organização de OP, perde-se esta breve bibliografia do poeta dedicada àquele território.

⁷² Consultando a primeira edição da obra, surgem variantes não assinaladas na OP.

Mais uma vez surge, no início da obra, uma lista de individualidades a quem o autor, como aliás é seu hábito, a dedica, alterando algo que era habitual noutras publicações, em que os nomes dos homenageados surgiam associados a um poema ou outro. Apesar disso, o eco de *Uma sequência timorense* é claramente audível, dado que estes poemas são dedicados aos “que à sua maneira e a seu tempo contribuíram, entre outros, para o conhecimento de Timor e dos Timorenses” (OP: 483).

Segue-se a esta dedicatória colectiva uma epígrafe de Hölderlin⁷³, mais uma referência fundamental para Ruy Cinatti e que, a nosso ver, como é seu hábito, aliás, lança o mote. Se atendermos depois à forma como o livro se encontra organizado, veremos como é sustentável a ideia de que era intenção do autor assegurar a publicação de uma série de colectâneas em que Timor fosse o ponto de união. A primeira parte, por exemplo, intitula-se “Outros poemas do nómada meu amigo”, expressão que vem claramente na sequência da que se encontrava em *Uma sequência timorense*, já referida. Esta unidade vê-se ainda reforçada pela mesma epígrafe, da autoria de Antonio Machado, desta feita transladada da primeira edição desta colectânea para OP, que já surgia tanto na publicação de 1958 como na de 1970.

Para terminar, convém ainda que nos detenhamos em dois outros elementos: o primeiro tem a ver com o conjunto de poemetos, que constituem “O que sobrou dum cancionero (1968)” (*ibidem*: 546), o que nos remete para a colectânea *Um cancionero para Timor* que, segundo Peter Stilwell, viu pronta nesse mesmo ano a sua primeira versão. Mais adiante, nas preciosas “Notas aproximativas a alguns poemas e uma advertência”, Cinatti elucida-nos em relação a estas “sobras” dizendo que esse “cancioneiro”, “premiado em 1968, mas não publicado ainda [...] conteria os presentes poemetos, se os mesmos não diferissem do conjunto total – 106 – por exigência de ordem métrica que não pelo estilo ou propósito que a todos coube” (*idem*); o segundo tem a ver com os títulos dos andamentos que compõem tanto a publicação de 1970 como esta, que, mais uma vez, se nos afiguram sugestivas. Em *Uma sequência timorense* e em *Paisagens timorenses com vultos temos*, respectivamente, os seguintes títulos: “Os poemas timorenses do nómada meu amigo” (1970) / “Outros poemas timorenses do nómada meu amigo” (1974); “Alguns factos da experiência” (1970) /

⁷³ “Oh acordai-os Poetas! Acordai-os do sono também, / os que ainda dormem, dai-nos as leis, dai-nos / A vida triunfal, Heróis!”. Atente-se no parêntesis sobre a tradução de Paulo Quintela, relevante por ter sido nessa tradução que a obra de Hölderlin chegou a tantos poetas portugueses. A primeira edição de *Poemas* é de 1944 e a segunda de 1959, edição esta que, segundo o tradutor, resultou num livro “totalmente novo” (Hölderlin, *Poemas*, prefácio, selecção e tradução de Paulo Quintela, Relógio d’Água, Lisboa, 1991, p. 33).

“Outros factos da mesma experiência” (1974) e, por fim, “Primeira sequência” (1970) / “Segunda sequência algo descontínua e com solilóquios” (1974).

Em tom de conclusão, poderemos afirmar que estas considerações vêm em abono não só da importância que Timor enquanto experiência de vida teve sobre a poética de Cinatti, mas também da unidade temática, estrutural, ideológica e formal que Cinatti quis imprimir à sua obra. A “Advertência” (OP: 563), texto datado de 20 de Junho de 1974, parece encerrar o ciclo de obras dedicadas a Timor (não esqueçamos que os poemas que fazem parte de *Um cancionero para Timor* foram reunidos antes da publicação de *Uma sequência timorense* e *Paisagens timorenses com vultos*, como acima mencionámos). O tom é marcadamente político, evidenciando o desprezo absoluto pela “ordem administrativa interna” no que diz respeito a Timor⁷⁴, mas o poeta, ainda assim, demarca-se dele, escrevendo:

Por terem sido escritos entre fins de 1969 e princípios de 1972 os poemas deste livro – as notas aproximativas foram redigidas em 1973 – nada têm que ver com quaisquer oportunismos da ordem política actual, tão só que o são em relação a uma política objectiva, isenta de ideologias que, tal como aconteceu com *Uma sequência timorense*, assenta no conhecimento científico e em valores axiológicos da minha ordem moral e religiosa (OP: 563).

É o próprio poeta que, na entrevista a Joaquim Furtado⁷⁵, dá conta da marca que Timor nele imprimiu: “aprofundou-me mais” (1985: 45), o que não é de estranhar, dado que, referindo-se ao juramento de sangue que fez com dois “grandes régulos timorenses” (*idem*), divulga o poema cantado no final da cerimónia, que poderá ajudar a explicar a razão pela qual, na introdução de *Um cancionero para Timor*, o “nómada amigo” é o Timorense (cf. 1996: 19): “nós dois somos amigos, se vencermos somos iguais, se formos derrotados somos iguais, tu bebeste a água da ribeira dela, eu também bebi a água da ribeira dela” (1985: 45).

⁷⁴ Anos mais tarde, Cinatti viria a afirmar: “Tornei-me um bicho em relação a tudo o que levou Timor ao estado em que está. E nesta altura acuso os famigerados membros do não sei quê das Forças Armadas, que começaram por endoidecer os timorenses e os políticos que abandonaram Timor, como o Sr. Almeida Santos que foi lá, disse que nunca tinha visto portugueses como os timorenses e depois disse que Portugal não podia estar interessado num transatlântico perdido lá nas outras bandas do Oceano (1985: 45).

⁷⁵ “Conversa inacabada I – As brumas atlânticas perturbam os portugueses”, *Grande reportagem*, 04 a 11 de Abril de 1985, p. 45.

IV

“ABRI CAMINHOS MAS NÃO OS CUMPRI” - CONCLUSÕES

*Passear por estes campos à beira das coisas
é um supremo bem que não se alcança
senão a caminho do nosso destino.*

Ruy Cinatti⁷⁶

Numa colectânea de ensaios escritos entre 1982 e 1987, Rafael Argullol reflecte apuradamente sobre a relação entre a arte e o nomadismo, admitindo que “*el territorio del nómada es el territorio del artista moderno*” (Argullol, 1987: 7), espaço de fundações movediças, em que o sujeito se vê compelido a lutar contra forças antagónicas: sair / ficar, acolher / hostilizar, criar / consumir, mas onde, apesar de tudo, a criatividade vai fazendo proliferar as mais variadas e belas manifestações do intelecto humano. Daí que, como escreve Argullol, “En tal territorio el artista no puede ser sino un huésped desconcertado, un extranjero en el que la vaga añoranza de poseer una identidad propia está permanentemente asediada por la certidumbre de sentirse un apátrida” (*idem*), factos que representam “una de las claves más hondas para la comprensión de la modernidad” (*idem*). Esta chave, cremos, encontrámo-la no autor de *O livro do nómada meu amigo* devidamente tematizada e se, de facto, é possível – e não só a partir da sua obra poética, mas igualmente dos documentos dispersos publicados em inúmeros periódicos (cf. Stilwell: 1995) - rastrear inúmeras figuras da poesia como movimento nómada e como forma de habitar o mundo. Por si só, esta questão mereceria um estudo mais amplo e profundo, também se torna claro que Argullol não avança com algo de novo em relação a este “territorio”. Há muito que a poesia portuguesa “recrea el mito y incita al viaje” (*ibidem*: 8).

A dedicatória com que Ruy Belo abre *O problema da habitação – Alguns aspectos*, dirigida “Ao nómada amigo do Ruy Cinatti” (Belo, 1997: 21), afigura-se-nos um excelente exemplo para ilustrar a ideia defendida pelo poeta de que a poesia é “uma aventura de linguagem” (Belo: 2002, 25)⁷⁷, levando mais longe quer as simples referências que este dedicou ao seu “nómada amigo”, quer os apontamentos que

⁷⁶ “Uma natureza. Ruy Cinatti – Algumas observações de campo”, In *A Phala – Um século de poesia*, Assírio e Alvim, Lisboa, 1988, p. 60.

⁷⁷ Ruy Belo, “Entrevista 2”, *Na Senda da Poesia*, Lisboa, Assírio e Alvim, 2002, p. 25.

sistematizou⁷⁸ acerca da condição de nómada do mesmo, cuja poesia sempre lhe captou o interesse. Ainda, se a dedicatória acima transcrita parece sugerir que a atracção de Ruy Belo, em 1961, incidia no “amigo” imaginário de Cinatti, talvez pela sua expressividade, a dedicatória da colectânea de 1973, por outro lado, parece sugerir um enfoque no poeta evocado. Tudo como se a figura de Cinatti enquanto poeta que na poesia personificava o nomadismo, se tornasse mais presente. Como muito bem sugeria Helena Cidade Moura, “o amigo existe para alimentar uma solidão substanciada em presenças” (Moura, 1961: 64).

Nos seus “Apontamentos” sobre o tema, o autor de *Aquele grande rio Eufrates* reforça a ideia de que o nomadismo de Cinatti não assentará na “simples inquietação temperamental que o leva a estar hoje em Timor e amanhã em Oxford” (2002: 170). Seria demasiadamente superficial em alguém que, como afirmou Ruy Belo, “tão fundo vá buscar a poesia” (*idem*). Esta errância vai buscar raízes mais fundo, pelo que a poesia de Cinatti não serviria apenas, como se lê, para cantar “o nomadismo de Ruy Cinatti Vaz Monteiro Gomes [...] mas a condição itinerante de todo o homem que um dia deixa as suas pegadas sobre esta terra” (*ibidem*: 172). Estas pegadas, se as entendêssemos trabalhar em todo o seu sentido simbólico, levar-nos-iam muito longe; por agora, e visto que acabámos de abordar Ruy Cinatti, façamos como Ruy Belo e derivemos da passagem do homem, para a “passagem do Senhor” (*idem*), cujo mistério, paradigma de todos os mistérios, alimenta a inquietação, tão característica da poesia de Cinatti.

Um aspecto que convém então salientar será entender o nomadismo à luz daquilo que o poderá espoletar: a necessidade ou o projecto? Pareceu-nos importante, por isso, precisar a forma como Ruy Cinatti o incarnou e o passou à poesia, dado que esta errância, enquanto motivo poético, surge frequentemente associada à viagem, como vimos. Simbolicamente, esta é uma jornada iniciática, repleta de peripécias, que decorre durante um determinado período de tempo, mais curto ou mais longo, mas implicando sempre um percurso de aprendizagem e de reconhecimento. O herói, amiúde, sai da pátria para a ela regressar, amadurecido e mudado; por vezes para a mudar também, dado que se o itinerário percorrido foi longo e lhe tomou muito tempo, ou já não a reconhece ou já não se identifica com ela.

⁷⁸ Os “Apontamentos sobre o nomadismo de Ruy Cinatti” foram pela primeira vez publicados no número 33 de *Rumo*, Novembro de 1959 (p.335). Esta indicação consta da 2ª ed. daquela obra de Ruy Belo (Presença, 1984: 214), bem como da 3ª ed. (Assírio & Alvim, 2002:253).

No caso de Cinatti, a inquietação levou-o a criar o nómada, esse “compasso do mundo” (OP: 110), sempre em trânsito e a caminho de algures ou de algo, nunca satisfeito nem tão pouco enquadrado, marginal, mas tomando-se como parte de um todo que, em muitas situações, estava muito distante. Para o autor de *O livro do nómada meu amigo* este impulso nómada, associado à aventura e à partida, foi um projecto desde cedo desejado⁷⁹ e ambicionado, seguramente porque, desde sempre, pelo menos a julgar pelos testemunhos que Peter Stilwell reuniu em *A condição humana em Ruy Cinatti*, as ilhas e os distantes mares desconhecidos exerceram sobre o poeta um fascínio difícil de conter numa alma sem fronteiras. Após o contacto mais próximo com estes espaços, essa atracção, que à partida poderíamos entender como simples devaneio de aventureiro, viria a transformar-se num contacto de aprendizagem de si através da aprendizagem do outro. Tudo isto numa atitude fraterna para com aqueles que, apesar de Cinatti representar a figura do colonizador, sempre o acolheram com tudo o que possuíam de mais genuíno. O motivo da viagem foi de tal forma importante que, se passarmos uma vista rápida por alguns títulos das suas publicações, veremos como toda a obra glosa “o espaço da terra a pedido do Espírito” (Gil de Carvalho, 1988: 63), análogo da peregrinação interior. Ilustram-no títulos como *Nós não somos deste mundo* (1941); *O livro do nómada meu amigo* (1958); *Crónica cabo-verdiana* (1967); *Uma sequência timorense* (1970); *Lembranças para S. Tomé e Príncipe* (1972); *Os poemas do itinerário angolano* (1974); *Paisagens timorenses com vultos* (1974) e *Um cancionário para Timor* (póstumo – 1995). Tudo isto sem esquecer, claro, em várias outras obras, os poemas em que a partida, a chegada e inúmeros símbolos da passagem são tema.

Porém, apesar de ter assumido o nomadismo como uma das suas temáticas de eleição – bem conseguida quanto a nós -, Ruy Cinatti centrou-a num movimento errante que, com o tempo, se deslocou do simples itinerário terrestre, físico, em direcção a um itinerário interior, de cariz metafísico, talvez resultado de um progressivo descontentamento com situações que, apesar das suas tentativas sinceras e aguerridas, o ultrapassavam em termos de resolução.

No “Comentário disponível” que fecha *Sete septetos*, Cinatti refere-se a um “ajuste de contas do poeta com o homem de si para consigo” (OP: 156) que lhe havia proporcionado a longa estadia em Timor e o posterior regresso a Portugal. Daqui se depreende que o nómada, passado o fulgor juvenil de quem se sente em permanente

⁷⁹ Rever acima a citação da página 22, retirada do *Diário* (09 de Agosto de 1934) de Ruy Cinatti e citada por Peter Stilwell.

êxtase de viagem, encontra agora, juntando à maturidade que as experiências da sua profissão de cientista, aprofundadas pelas viagens, bem como um crescente desencanto, reunidas as condições para empreender a tal peregrinação interior⁸⁰ de que as suas obras posteriores a *O livro do nómada meu amigo* vão sucessivamente dando conta.

Procedendo igualmente, em relação ao estudo que agora terminamos, a um “ajuste de contas”, poderemos apontar uma série de caminhos delineados, mas não cumpridos, como sugere o título desta conclusão. Várias vezes deixámos expressa a ideia da existência de campos que apenas pudemos aflorar, dado que exigiriam que singrássemos noutra direcção. Esse afastamento do fulcro deste trabalho não se afiguraria proveitoso para vermos cumpridos os objectivos delineados no início.

Poderemos, para começar, aludir à forma como a poesia de Ruy Cinatti mereceria um estudo que trabalhasse devidamente as “duas faces de uma mesma moeda” (Borges, 1993: 159): por um lado “a humildade que advém da consciência muito aguda de uma profunda indignidade consubstancial [...] ao sujeito” e, por outro, “a fê inamovível no amor de Deus, materializada numa entrega sem reservas” (*idem*). Esta dupla face coloca em campo a ideia expressa por Ruy Belo de que poucos poetas, como Cinatti, tenham ido “buscar tão fundo a poesia (2002: 170). Além disto, a partir da leitura que empreendemos de *O livro do nómada meu amigo*, fica por aprofundar a forma como poderíamos relacionar o nosso poeta com a tradicional figura do Herói épico e com as viagens. A associação foi anotada, pelas claras pontes que a colectânea estabelece com o universo das epopeias antigas, mas este é um motivo que se reveste de uma simbologia muito rica, por tudo aquilo que o tópico da viagem física e alegórica poderá significar para quem a cumpre.

A outro nível - e pensando agora no território de Timor -, não será descabida uma futura reflexão, mais aprofundada e criteriosa, sobre o papel de Ruy Cinatti na literatura de temática ultramarina. Aliás, também Cabo Verde, Angola e S. Tomé e Príncipe lhe mereceram atenção, pelo que será uma via interessante ver que o olhar e a sensibilidade do poeta não só se valem da paisagem, mas também da etnografia, desvelando lugares, gentes, cultos, formas de estar e de pensar, sempre com o assombro do Princípio. Por isso reconhecemos igualmente que Ruy Cinatti ocupa um lugar especial na poesia portuguesa, lugar em que vale a pena demorarmo-nos, pois a sua riqueza reside em ser “um dos que escreve com a consciência portuguesa de se estar em

⁸⁰ Rever nota 51 da página 49 da presente dissertação, acerca de *Peregrinação interior* (Vol. I e II), de António Alçada Baptista.

toda a parte: primeiro a dimensão ultramarina, depois o fogo-fátuo – e de seguida a inquieta serenidade onde lhe voltam as visões” (Gil de Carvalho, 1988: 64).

“*L’homme habite en poète*”, escrevia Heidegger (1962: 224), recuperando uma formulação de Hölderlin para quem “ser”, “casa”, “língua”, eram termos do mesmo problema, ou seja, determinar a essência da poesia e, por extensão, a da própria arte. A seguirmos por aqui, será desde logo lícito focar a nossa atenção no lugar a habitar, que, por necessidade, temos de tornar habitável, implicando escolhas e critérios, pragmatismo e sentido estético. Se nos quisermos manter no território da Filosofia, em *Totalidade e Infinito*, Lévinas reflecte sobre a “casa” e a “morada”, num capítulo que serve de ponto de partida para muito do que aqui tentamos expor. O primeiro aspecto a reter prende-se com o seguinte:

Podemos interpretar a habitação como utilização de um “utensílio” entre “utensílios”. A casa serviria para a habitação como o martelo para pregar um prego ou a pena para a escrita. Pertence, de facto, ao conjunto das coisas necessárias à vida do homem. (Lévinas, 1988: 135)

O filósofo francês vai mesmo mais longe e, mais do que como algo necessário, entende a casa como algo inerente à condição do homem, instaurando-a, por isso, não como “o fim da actividade humana” (*idem*), mas como o seu começo. O ser em construção equivaleria assim, a uma casa em permanente remodelação, algo que passaria a funcionar como o motor da existência. Parar de construir é parar de viver.

Noutra perspectiva, terras, países, cidades, ruas, casas, enunciados no plural, remetem para a procura, resultante de qualquer insatisfação. Quer nos refiramos à construção da casa, quer nos refiramos à construção do ser, esta pode não estar confinada a um espaço e não está, seguramente, limitada a um instante no tempo. Como já sugerimos, afigurar-se-ia muito interessante trabalhar as figuras nómadas na poesia de Ruy Cinatti, no seu todo, estendendo-as à temática da habitação. E para isso, tenhamos em conta três elementos-base.

Em primeiro lugar, consideremos a Terra, a casa que acolhe e enforma o Homem há milénios. Casa paradoxal, decerto, pois, no interior do acolhimento apaziguador que proporciona, pode caber uma hostilidade latente. Assim é Deus, e a Terra bíblica, por si criada, esta que sensivelmente apreendemos e que motiva as mais diversas espiritualidades, assumida como espelho desse imenso e perfeito poder criador. Não nos deverá parecer estranho, visto isto, que o poeta que aqui estudámos se tenha debruçado com tanta intensidade sobre as questões do nomadismo e da habitação, elevando estas

temáticas a patamares que ultrapassam claramente a dimensão física do problema - tal não caberia na presente dissertação. Se para uns a Terra é o paradigma da diversidade, contendo em si diversas realidades, então há que percorrê-la, tentando dar resposta não só a um natural impulso de sair, correr mundo, mas também a uma necessidade imperiosa de satisfazer a curiosidade, algo igualmente inerente ao homem. Para outros, a mesma diversidade poderá ser algo a valorizar, mas não a experimentar, motivo pelo qual não lhes será necessário pôr em prática a irrequieta condição de nómadas que caracteriza o humano.

Em segundo lugar, poderemos equacionar a figura de Deus, já anteriormente associado ao Mundo. Em Ruy Cinatti, a figura divina, incarnada por Jesus, surge como o eterno caminhante, ser ubíquo e onnisciente - tal como o poeta faz em relação à poesia. Retomando ainda as palavras de Gil de Carvalho, salientemos a poesia - ou a vida - como um “intenso devaneio” (1988: 62) que conduz o “homem de acção que o poeta igualmente é, à busca mística”. Acrescenta ainda o crítico: “Se a poesia é caminho espiritual, uma viagem [...] sempre a nitidez moderna acompanha o devaneio ou a visão, fazendo com que o “caminho” seja descoberta física do nómada em trânsito” (*ibidem*: 63).

Em terceiro lugar, temos o próprio ser humano, motivando um constante percurso pelos vários caminhos que se lhe abrem, pois a busca de si próprio define a condição de nómada do homem. Esta procura, complexa, que $\emptyset$ leva a problematizar a própria existência, motiva a edificação de várias “casas”: ser, tempo, espaço, arte, morte, vida, amor. Cada uma ostenta o seu telhado de vidro, que implica, cautela quanto à forma como é manuseada. Mais uma vez, se para uns a resposta reside em sair, para outros ela implica ficar.

O problema da habitação, bem como a aproximação da poesia à casa, que acolhe e que serve como lugar de convívio, não é dúvida que se tenha colocado a poucos. Vejam-se, a título de exemplo, as palavras com que António Cabrita abre o seu artigo de *A Phala – Um século de poesia*, dedicado a Alexandre O'Neill:

Abraão entra a Sara, Isaac entra a Rebeca, Jacob entra a Raquel, Loth penetra naquela *saca de orelhas* com sal, Carlos entra a *Susana*, Diogo inquilina-se em Filipe: mas nem só o amor resolve o problema da habitação, a palavra também acama e mobila, e a amálgama desses dois nervos habilita os vultos ao tumulto original: “Quem? O Infinito? Diz-lhe que entre. Faz bem ao infinito / estar entre gente” (Cabrita, 1988: 107).

Ou lembre-se um excerto da “*Ars poetica*” de Czeslaw Milosz com que Vasco Graça Moura inicia o prefácio da obra *Poetas*, de Maria José Palla: “O fim da poesia é recordar-nos / como é difícil ser-se uma simples pessoa, / pois a nossa casa está aberta, não há chaves nas portas, / e hóspedes invisíveis entram e saem à vontade”⁸¹. Ambas as citações vêm em abono não só do que temos vindo a anotar relativamente ao problema que aqui tratámos, em termos gerais, como também da pertinência de termos abordado a obra de um poeta que abraçou incondicionalmente a errância e fez dela mais do que experiência de vida, construindo de fora para dentro, numa primeira fase, e de dentro para fora, posteriormente.

E, visto tudo isto, onde fica afinal a casa do nómada? Interessar-lhe-á a condição sedentária? A *persona* poética e o seu criador não parecem ser compatíveis com este grau de previsibilidade. Aliás, a resposta às questões anteriores, poderemos dá-la com duas outras que melhor ajudam a perceber o contributo do impulso nómada para a nossa forma de habitar seja o que for: “Poderemos, errantes, nomear uma morada que seja nossa? E como fazê-lo senão errando?” (Mário Santiago de Carvalho, 2002: 10).

⁸¹ Vasco Graça Moura, “Maria José Palla e uma silente integridade”, prefácio a *Poetas*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, s/d, p. 7.

BIBLIOGRAFIA

1. OBRA DE RUY CINATTI

A) Em volume:

Poemas escolhidos, selecção e prefácio de Alberto Lacerda, Cadernos de Poesia, Lisboa, 1951.

O livro do nómada meu amigo, Lisboa, Guimarães Editores - Colecção Poesia e Verdade, Lisboa, 1958; 2.^a ed. corrigida, Lisboa, 1966; 3.^a ed., 1981.

Uma sequência timorense, Editora Pax, Braga, 1970.

Paisagens timorenses com vultos, Editora Pax, Braga, 1974.

Timor-Amor, Edição do autor, Lisboa, 1974.

Ruy Cinatti, organização e Posfácio de Joaquim Manuel Magalhães, Editorial Presença - Colecção Poetas, n.º 7, Lisboa, 1986.

Obra Poética, organização e prefácio de Fernando Pinto do Amaral, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, Lisboa, 1992.

Corpo-Alma, prefácio de Peter Stilwell, Editorial Presença - Colecção Forma, Lisboa, 1994.

Um cancionero para Timor, prefácio de Jorge Dias, poema de João Barreto, fotos e introdução de Ruy Cinatti e nota sobre o texto de Peter Stilwell, Editorial Presença, Lisboa, 1996.

Tempo da cidade, prefácio de Peter Stilwell, Editorial Presença - Colecção Forma, Lisboa, 1996.

Archaeologia ad usum animae, posfácio de Jorge Fazenda Lourenço, Editorial Presença - Colecção Forma, Lisboa, 2000.

B) Dispersos:⁸²

“António Nobre”, *O Jornal da Mocidade Portuguesa*, n.º 48, Ano II, (15.11.1939), p. 2.

“Cartas a um vanguardista sobre a arte e a vocação literária”, *Jornal da Mocidade Portuguesa*, n.º 40, Ano II, (15.07.1939), pp. 1,3 e 4.

⁸² Esta listagem de textos dispersos foi seleccionada a partir da extensa bibliografia apresentada por Peter Stilwell (1995: 427-429). Por questões metodológicas, interessaram-nos os textos anteriores a 1958, ano da publicação de *O livro do nómada meu amigo*, que fizessem referência às viagens empreendidas por Ruy Cinatti, que dessem a conhecer a sua concepção de poeta poesia ou que fornecessem elementos sobre as suas vivências em Timor.

“Da arte de andar”, *O Jornal da Mocidade Portuguesa*, n.º 37 (1939), pp. 7-8.

“Não voltaremos atrás”, *Acção*, n.º 26, (16.10.1941), pp. 4-5.

“Metamorfoses de uma gaivota”, *Acção*, n.º 77 (08.10.1942), pp. 3 - 6.

“O poeta não quer ser exilado da terra”, *Ala*, n.º 10, 1943, p. 5.

“Ângulo do Desterro”, *Variante*, n.º de inverno (1943), pp. 32-34.

“Timor – Páginas de um diário poético”: *Panorama*, 6/36-37 (1948) [sem numeração].

“Uma viagem ao oriente I – Feliz como quem Ulisses...”, *Lisbon-Courier*, 3/31 (1948), pp. 6,7 e 28.

“Uma viagem ao oriente II – *La vida es sueño*”: *Lisbon-Courier*, 3/32 (1948), pp. 14-16.

“Uma viagem ao oriente III – Sobrevoando a Babilónia”: *Lisbon-Courier*, 3/33 (1948), pp. 17-19.

“Conversa Inacabada I – “As brumas atlânticas perturbam os portugueses”, *Grande Reportagem*, n.º 18 (1985), pp. 44-46.

“Conversa Inacabada II – “Certa intelectualice do Pessoa chateia-me!”, *Grande Reportagem*, n.º 19 (1985), pp. 44-46.

“Conversa Inacabada III – “Há tanta maluqueira na nossa História!”, *Grande Reportagem*, n.º 20 (1985), pp. 40-41.

“Conversa Inacabada IV – “Os portugueses são sexo e mercearia”, *Grande Reportagem*, n.º 21 (1985), pp. 38-39.

Uma tarde com Jorge de Sena, Universidade Nova, Faculdade de Ciências e Tecnologia, Lisboa, 1986.

2. SOBRE RUY CINATTI

Antunes, Manuel,

“Ruy Cinatti – *Nós não somos deste mundo*”, *Brotéria*, n.º 33 (1941), pp. 467 e 468.

“Poemas escolhidos – Selecção e prefácio de Alberto de Lacerda”, *Brotéria*, n.º 54, Vol. LIV, Fasc. 1, 1952, p. 129.

Belo, Ruy,

“Entrevista 1” (pp. 15-22), “Entrevista 2” (pp. 23-29), “Apontamentos sobre o nomadismo de Ruy Cinatti” (pp. 170-177), *Na Senda da Poesia*, Assírio & Alvim, Lisboa, 2002.

Blanc de Portugal, José, [et al.]

“*Cadernos de Poesia*, Sena e eu”, *Uma tarde com Jorge de Sena*, Universidade Nova, Faculdade de Ciências e Tecnologia, Lisboa, 1986.

Borges, Maria João,

“Cinatti: poesia como “autobiografia”, *Românica*, n.º 3, Departamento de Literaturas Românicas – FLUL / Edições Cosmos, Lisboa, 1994, pp. 129-139.

Em torno do conceito de “poesia pura”: Cinatti, Sophia e Eugénio de Andrade

(*A poesia como investidura, iniciação e respiração*), dissertação de Doutoramento em Literatura Portuguesa apresentada à Faculdade de Letras Universidade de Lisboa, Lisboa, 1996.

Branco, Carlos,

“A poesia de Ruy Cinatti e o mistério da passagem”, In *Situação actual do pensamento filosófico português e outros ensaios*, Ática, Lisboa, 1960, pp. 91-155.

Cadernos de Poesia, [1940], reprodução fac-similada dirigida e prefaciada por Luís Adriano Carlos e Joana Matos Frias, Campo das Letras, Porto, 2004.

Carlos, Luís Adriano,

“A geração dos *Cadernos de Poesia*”, In *História da literatura portuguesa – As correntes contemporâneas*, Vol. VII, Óscar Lopes e Maria de Fátima Marinho (org.), Edições Alfa, Lisboa, 2000, pp. 235-268.

Carvalho, Gil de,

“Uma natureza. Ruy Cinatti – Algumas observações de campo”, In *A Phala – Um século de poesia*, Assírio e Alvim, Lisboa, 1988, pp. 60-64.

Castilho, Guilherme de,

“Em transe de partida”, *Jornal de Letras Artes e Ideias*, n.º 625, 28.09.1994, pp. 21 e 22.

Duarte, Luiz Fagundes,

“Ruy Cinatti: um coleccionador de ilhas”, *Jornal de Letras Artes e Ideias*, n.º 156, de 2 a 8 de Julho de 1985, pp. 12 e 13.

Frias, Joana Matos,

“Cinatti póstumo”, *Colóquio-Letras*, n.º 161/162, Julho-Dezembro de 2002, pp. 371-377.

“Primeiro septeto”, In *Século de ouro – antologia crítica da portuguesa do século XX*, Osvaldo Manuel Silvestre e Pedro Serra (org.), Angelus Novus & Cotovia, Lisboa, 2002, 94-104.

Retórica da imagem e poética imagista na poesia de Ruy Cinatti, dissertação de Doutoramento no Ramo de Conhecimento em Literatura, apresentada ao Departamento de Estudos Portugueses e de Estudos Românicos da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Vol. I e II, Porto, 2006.

Franco, António Cândido,

“Aventura e conhecimento na poesia de Ruy Cinatti”, *Jornal de Letras Artes e Ideias*, n.º 164, de 27 de Agosto a 09 de Setembro de 1985, pp. 3 e 4.

Guimarães, Fernando,

“Ruy Cinatti (1915-1986)”, *Colóquio-Letras*, n.º 94, Novembro de 1986, pp. 54-57.

Lourenço, Jorge Fazenda,

“Os *Cadernos de Poesia*, hoje, na poesia portuguesa de 1940-50”, *A Phala – Um século de poesia*, Assírio e Alvim, Lisboa, 1988, pp. 65-71.

“Ruy Cinatti e a condição humana”, *Colóquio-Letras*, n.º 147-148, Janeiro-Junho, 1998, pp. 278-282.

Magalhães, Joaquim Manuel,

“Ruy Cinatti – Lembranças para S. Tomé e Príncipe”, In *Os dois crepúsculos: sobre poesia portuguesa actual e outras crónicas*, A Regra do Jogo, Lisboa, 1981, pp. 43-47.

- “Ruy Cinatti” (pp. 21-28), “Senhor, eu não sou digno” (pp. 29-41), In *Um pouco da morte*, Editorial Presença, Lisboa, 1989.
- Maia, João,
 “O tédio recompensado”, *Brotéria*, Vol. LXXXVII, n.º 10, Outubro, 1968, pp. 354-356.
- Monteiro, Adolfo Casais,
 “Ruy Cinatti”, In *A poesia portuguesa contemporânea*, Sá da Costa, Lisboa, 1977, pp. 287-291.
- Moura, Helena Cidade,
 “*Nós não somos deste mundo*”, *Colóquio - Revista de Artes e Letras*, n.º 16, 1961, p. 64.
- Pontes, Maria de Lourdes Belchior,
 “Poesia portuguesa contemporânea: a ‘Geração de 40’”, *Brotéria*, n.º 77 (1963), pp. 23-34.
- Queiroz, Carlos,
 “Não vale classificar! – *Nós não somos deste mundo*, poemas de Ruy Cinatti”, *Acção*, n.º 8, 12.06.1941, p. 4.
- Ribeiro, Manuel António da Silva,
 “Introdução à poesia de Ruy Cinatti – Das errâncias sonhadoras à esperança destriunfalizada”, *Brotéria*, n.º 140, 1995, pp. 309-328.
- Ribeiro, Maria Margarida de Sá Calafate,
Ruy Cinatti – Em trânsito, dissertação de mestrado em Literatura Portuguesa (Época Contemporânea), apresentada à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, 1993.
- S., A. do E.,
 “*Nós não somos deste mundo*”, *Ocidente*, n.º 37, Vol. XIII, 1941, pp. 357 e 358.
- Sena, Jorge de,
 “Poemas escolhidos de Ruy Cinatti” (pp. 113-118); “Alguns poetas de 58” (pp. 197-204), In *Estudos de Literatura Portuguesa - II*, Edições 70, Lisboa, 1988.
- Simões, João Gaspar,
 “*Anoitecendo, a vida recomeça*, por Ruy Cinatti”, *Diário de Lisboa*, 26.11.1942, pp. 9 e 10.
 “Ruy Cinatti – *Sete septetos / O livro do nómada meu amigo* (2.^a ed. corrigida)”, In *Crítica II – Poetas contemporâneos*, Tomo II, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, Lisboa, 1999.
- Stilwell, Peter,
A condição humana em Ruy Cinatti, Editorial Presença, Lisboa, 1995.

3 – BIBLIOGRAFIA GERAL

- AA. VV., Dossier “Viagem – O outro lugar”, *Ler*, n.º 64, Outubro (2004), pp. 37 - 69.
- Argullol, Rafael,
Territorio del nómada, Fondo de Cultura Economica, Mexico – Madrid - Buenos Aires, 1987.
- Bachelard, Gaston,
L’eau et les rêves – Essai sur l’imagination de la matière, Librairie José Corti, 1991.
La poétique de l’espace, Presses Universitaires de France, Paris, 1958.
- Blanchot, Maurice,
L’espace littéraire, Gallimard, s/l, 1973.
- Bloom, Harold,
A angústia da influência – Uma teoria da poesia, tradução de Miguel Tamen, Edições Cotovia, Lisboa, 1991.
- Buescu, Helena Carvalhão,
“Modernidade”, in *Dicionário de Fernando Pessoa e do modernismo português*, coord. de Fernando Cabral Martins, Caminho, Lisboa, 2008, pp. 467-472.
- Cabrita, António,
“A arca de O’Neill”, In *A Phala – Um século de poesia*, Assírio e Alvim, Lisboa, 1988, pp. 107-110.
- Chevalier, Jean et Alain Gheerbrant,
Dictionnaire des symboles, Robert Laffont/Jupiter, Paris, 1982.
- Cicero, Marco Túlio,
Em defesa do poeta Árkias, introdução, tradução e notas de Maria Isabel Rebelo Gonçalves Inquérito, Mem Martins, 1999.
- Crespo, Angel,
“La lírica portuguesa de Pessoa a la poesia experimental”, In *A Phala – Um século de poesia*, Assírio e Alvim, Lisboa, 1988, pp. 60-64.
- Cruz, Gastão,
“O conceito de modernidade e a poesia portuguesa contemporânea”, in *A vida da poesia*, Assírio & Alvim, Lisboa, 2008, pp. 41-44.
- Diogo, Américo António Lindeza,
Modernismos, pós-modernismos e anacronismos, Edições Cosmos, Lisboa, 1993.
- Eliot, T. S.,
“A tradição e o talento individual” (pp. 21-32) “A função social da poesia” (pp. 53-69), *Ensaio de doutrina crítica*, Guimarães Editores, Lisboa, trad. com a colaboração de Fernando de Mello Moser, prefácio, selecção e notas de J. Monteiro-Grillo, Guimarães Editores, Lisboa, 1997.
- Genette, Gérard,
“Les Dédicaces”, in *Seuils*, Éditions du Seuil, Paris, 1987, pp. 110-133.

- Grimal, Pierre,
Dicionário da mitologia grega e romana, coord. da edição portuguesa Victor Jabouille, Difel, Linda-a-Velha, 1992.
- Guimarães, Fernando,
 “Camilo Pessanha e os caminhos de transformação da poesia portuguesa”, *Colóquio-Letras*, n.º 60, Março de 1981, pp. 31-39.
A poesia portuguesa e o fim da modernidade, Caminho, Lisboa, 1989.
A poesia contemporânea portuguesa – Do final dos anos 50 aos anos 90, Edições Quasi, Vila Nova de Famalicão, 2002.
- Gusmão, Manuel,
 “Notes for a Cartography of Twentieth-Century Portuguese Poetry”, *A Revisionary History of Portuguese Literature*, Miguel Tamen e Helena Carvalhão Buescu (Org.), Garland Publishing, Inc., New York and London, 1999, pp. 153-175.
 “Incerta chama” (pp. 7-26), “Desde que somos um diálogo” (pp. 122-135), “da condição paradoxal da poesia” (pp.136-151), In *Tatuagem e palimpsesto*, Assírio & Alvim, Lisboa, 2010.
- Heidegger, Martin
 “[...] L’homme habite en poète [...]”, in *Approche de Hölderlin*, Paris, Gallimard, 1962, pp. 224-245.
- Hölderlin, Friedrich
Poemas, prefácio, selecção e tradução de Paulo Quintela, Relógio d’Água, Lisboa, 1991, p. 33
- Lévinas, Emmanuel,
De l’évasion, introduit et annoté par Jacques Rolland, Fata Morgana, Paris, 1998.
Da evasão, introdução e notas de Jacques Rolland, Vila Nova de Gaia, Estratégias Criativas, 2001.
Totalité et infinit – Essai sur l’extériorité, Brodard et Taupin, Paris, 2003.
- Lourenço, Eduardo,
 “‘Orfeu’ ou a poesia como realidade” (s/d), “O irrealismo poético ou a poesia como mito” (1957), “Dialética mítica da nossa modernidade” (1971), In *Tempo e poesia*, Gradiva, Lisboa, 2003.
 “Entre o ser e o silêncio – Cem anos de poesia portuguesa”, In *A Phala – Um século de poesia*, Assírio e Alvim, Lisboa, 1988, pp. 202-207.
- Marinho, Maria de Fátima,
A poesia portuguesa nos meados do século XX – Rupturas e continuidades, Editorial Caminho, Lisboa, 1989.
- Martínez, Constantino Falcón; Fernández-Galiano, Emilio y Melero, Raquel López,
Diccionario de mitología clásica, vol. I (2001) e Vol. II (2000), Alianza Editorial, Madrid.
- Martinho, Fernando J. B.,
Tendências dominantes da poesia portuguesa da década de 50, Edições Colibri, Lisboa, 1996.
- Mendes, Firmino,
 “A palavra poética: Octavio Paz e António Ramos Rosa”, *Colóquio-Letras*, n.º 147-148, Janeiro-Junho, 1998, pp. 282-289.

- Moeller, Charles,
Literatura do século XX e cristianismo (O silêncio de Deus), tradução de Augusto Sousa, Flamboyant, S. Paulo, 1958.
- Morão, Paula,
 “Ruy Belo – ‘Não há tempo ou lugar onde habitar’”, in *O secreto e o real – ensaios sobre literatura portuguesa*, Campo da Comunicação, Lisboa, 2011, pp. 457-474.
- Nemésio, Vitorino,
 “Da poesia”, in *Poesia (1935-1940)*, Lisboa, Livraria Moraes Editora, 1961, pp. 7-15.
- Paz, Octavio
El arco y la lira, Fondo de Cultura Economica, México-Argentina-Brasil-Colombia-Chile-Espanha, Estados Unidos de América-Perú-Venezuela, 1992.
- Pessanha, Camilo,
Clepsydra – poemas de Camilo Pessanha, estabelecimento de texto, introdução crítica, notas e comentários por Paulo Franchetti, Editora da Unicamp, Campinas, 1994.
- Pessoa, Fernando
Cartas, edição de Richard Zenith, Assírio & Alvim, Lisboa, 2007.
- Pound, Ezra,
Literary essays of Ezra Pound, edited with an introduction by T. S. Eliot, Faber and Faber, London, 1985.
- do Rego, José Lins
A casa e o homem, Organização Simões, Rio de Janeiro, 1954.
- Rosa, António Ramos,
A poesia moderna e a interrogação do real – I, Editora Arcádia, Lisboa, 1979.
Poesia, liberdade livre, prefácio de Fernando J. B. Martinho, Ulmeiro, Lisboa, 1986.
A parede azul - Estudos sobre poesia e artes plásticas, Editorial Caminho, Lisboa, 1991.
- Said, Edward W.,
Orientalismo, tradução de Pedro Serra, Edições Cotovia, Lisboa, 2004.
- Zambrano, María
Filosofía y Poesía, Fondo de Cultura Economica, México, 1996, 4.^a ed.

4 – OBRAS LITERÁRIAS CITADAS

- A., Ruben,
O mundo à minha procura. Autobiografia, II, Assírio e Alvim, Lisboa, 2007.
- Alexandre, António Franco,
As moradas 1 & 2, Assírio & Alvim, Lisboa, 1987.
- Belo, Ruy,
Aquele grande rio Eufrates, introdução de José Tolentino Mendonça, Editorial Presença, Lisboa, 1996.

O problema da habitação – Alguns aspectos, introdução de Cristina Firmino, Editorial Presença, Lisboa, 1997,
Transporte no tempo, introdução de Fernando Pinto do Amaral, Editorial Presença, Lisboa, 1997.

Bíblia Sagrada, Difusora Bíblica (Missionários Capuchinhos), Lisboa, 1976, 7.^a Edição.

Blake, William,
“Jerusalem – the emanation of Giant Albion” (Chapter I), in *The complete poetry & prose of William Blake*, Ed. By David V. Erdman, Commentary by Harold Bloom, Doubleday, New York, 1988, p. 153.

Campos, Álvaro de,
Poesia, edição de Teresa Rita Lopes, Assírio & Alvim, Lisboa, 2002.

Darío, Rúben,
Cantos de vida y esperanza – Los cisnes y otros poemas, edición, prólogo y comentario de José Carlos Rovira, Alianza Editorial, Madrid, 2004.

D’ Ávila, Teresa,
Obras completas, decimoquinta edición preparada por Tomás Álvarez, Editorial Monte Carmelo, Burgos, 2009.

Du Bellay, Joachim,
Oeuvres poétiques, Tomes I et II, édition de D. Aris et F. Joukovsky, Paris, Éditions Classiques Garnier, 2009.

Fonseca, Manuel da,
Obra poética, Editorial Caminho, Lisboa, 1984., 8.^a edição (revista pelo autor).

Gide, Andre,
Les nourritures terrestres; Les nouvelles nourritures, Gallimard, Paris, 1992.

Machado, Antonio
Poesías completas, Edición de Manuel Alvar, Espasa Libros, Madrid, 2011, 2.^a edição.

Melville, Herman,
Moby Dick; or The Whale, Penguin Books, London, 1986.

Pessoa, Fernando,
Mensagem, edição de Fernando Cabral Martins, Assírio & Alvim, Lisboa, 1997.

Vergílio,
Eneida, tradução do latim de Luís M. G. Cerqueira, Cristina Abranches Guerreiro, Ana Alexandra Tibúrcio Lopes Alves e Paulo Alberto Farmhouse, Bertrand Editora, Lisboa, 2003.

ANEXOS

Anexo 1

TIMOR-AMOR

OU DE COMO SENTINDO O QUE FUI VENDO E OUVINDO
PROCLAMO ALTO & BOM SOM O QUE PENSO
NESTE MOMENTO HISTÓRICO EM QUE TODOS DEVEM
SENTIR, OUVIR, VER, MEDITAR
PARA PODER AGIR.
TUDO REDIGIDO EM ESTILO POÉTICO PELO DITO

RUY CINATTI

Autor de *Páginas de um Diário Poético* (1948), *Esboço histórico do Sândalo no Timor português* (1950), *Explorações botânicas em Timor* (1951), *Reconhecimento preliminar das Formações florestais no Timor português* (1951), *Vocabulário indígena de algumas Plantas timorenses* (1954), *Um Purgatório timorense* (1955, inédito), *Em Favor dos Timorenses* (1957), *O Livro do Nómada meu Amigo* (1958), *As Pinturas rupestres de Timor* (1963), *Breve Tratado da Província do Timor* (1964), *Useful Plants in Portuguese Timor—An historical Survey* (1965), *A Pescaria da Bé-Malai : Mito e Ritual* (1965), *Mudança Social em Timor* (1966, no prelo), *Tipos de Casas timorenses e um Rito de Consagração* (1967), *Um Cancioneiro para Timor* (1968, inédito), *Uma Sequência timorense* (1970), *Paisagens timorenses com Vultos* (1972, no prelo), «*Ali também Timor...*» (1973, inédito), *Motivos artísticos timorenses e a sua Integração* (1973/74, inédito), além de numerosas Informações, Propostas, Fotografias, Cartas, Etc., que entre 1946 & a presente Data foram (in)devidamente despachadas, arquivadas ou desapareceram no Tumulto vário de desvairados Tempos.



Lisboa, 1974

O poeta não quiere ser exilado da Terra

*Outros dirão que poste
Não o cantor esperado
Verbo em graça, amado:
Padrão do que sonhaste!*

*Inimigo em terra,
Amador no céu,
Não pudera havê-los
Quem a Deus se deu.*

*Sem palavras claras
Sem ardentes trevas:
Um suave sôpro
Do amor que ousaras*

*Levantar mais alto
Num olhar profundo:
Todo o coração
Felo cantar do mundo.*

*Por quanta loucura
De luz, surpreende
Teu cântico frio...*

.....

— *É o mundo vazio*

.....

*Ah! por vir descendo
Trémulo de emoção!*

1/5/41

RUY CINATTI